

CAPÍTULO GERAL XXVI
SALESIANOS DE DOM BOSCO

*“Da mihi animas,
cetera tolle”*

Documento Capitular

CG26

Roma, 23 de fevereiro - 12 de abril de 2008

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 401
ano LXXXIX
março 2008

“Da mihi animas, cetera tolle”

DOCUMENTOS DO CAPÍTULO GERAL 26
DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES

Roma, 23 de fevereiro a 12 de abril de 2008

Tradução: Pe. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3274-4900 – Fax: (11) 3209-4084
vendaslivros@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

ÍNDICE GERAL

	número	página
ÍNDICE GERAL		3
APRESENTAÇÃO		7
INTRODUÇÃO		19
I. PARTIR DE DOM BOSCO	1-22	23
CHAMADO DE DEUS		23
Retornar a Dom Bosco	1	23
Retornar aos jovens	2	24
Identidade carismática e paixão apostólica	3	25
SITUAÇÃO		26
Retornar a Dom Bosco	4	26
Retornar aos jovens	5	27
Identidade carismática e paixão apostólica	6	28
LINHAS DE AÇÃO		29
Processos a ativar em vista da mudança	7	29
Linha de ação 1 – Retornar a Dom Bosco	8-12	30
Linha de ação 2 – Retornar aos jovens	13-18	32
Linha de ação 3 – Identidade carismática e paixão apostólica	19-22	34
II. URGÊNCIA DE EVANGELIZAR	23-51	37
CHAMADO DE DEUS		37
Comunidade evangelizada e evangelizadora	23	37
Centralidade da proposta de Jesus Cristo	24	38
Evangelificação e educação	25	39
Evangelificação nos diversos contextos	26	41
SITUAÇÃO		41
Comunidade evangelizada e evangelizadora	27	41

	número	página
Centralidade da proposta de Jesus Cristo.....	28	42
Evangelização e educação.....	29	43
Evangelização nos diversos contextos	30	44
LINHAS DE AÇÃO.....		45
Processos a ativar em vista da mudança	31	45
Linha de ação 4 – Comunidade evangelizada e evangelizadora.....	32-35	46
Linha de ação 5 – Centralidade da proposta de Jesus Cristo	36-40	47
Linha de ação 6 – Evangelização e educação	41-45	49
Linha de ação 7 – Evangelização nos diversos contextos.....	46-51	51
III. NECESSIDADE DE CONVOCAR.....	52-78	53
CHAMADO DE DEUS		53
Testemunho como primeira proposta vocacional.....	52	53
Vocações para o empenho apostólico.....	53	54
Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana	54	55
As duas formas da vocação consagrada salesiana.....	55	56
SITUAÇÃO.....		57
Testemunho como primeira proposta vocacional.....	56	57
Vocações para o empenho apostólico.....	57	58
Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana	58	59
As duas formas da vocação consagrada salesiana.....	59	60
LINHAS DE AÇÃO.....		61
Processos a ativar em vista da mudança	60	61
Linha de ação 8 – Testemunho como primeira proposta vocacional	61-64	62
Linha de ação 9 – Vocações para o empenho apostólico	65-68	63
Linha de ação 10 – Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana	69-73	65
Linha de ação 11 – As duas formas da vocação consagrada salesiana	74-78	67

	número	página
IV. POBREZA EVANGÉLICA.....	79-97	69
CHAMADO DE DEUS		69
Testemunho pessoal e comunitário	79	69
Solidariedade com os pobres.....	80	71
Gestão responsável e solidária dos recursos	81	71
SITUAÇÃO.....		72
Testemunho pessoal e comunitário	82	72
Solidariedade com os pobres.....	83	73
Gestão responsável e solidária dos recursos	84	74
LINHAS DE AÇÃO.....		75
Processos a ativar em vista da mudança	85	75
Linha de ação 12 – Testemunho pessoal e comunitário.....	86-89	76
Linha de ação 13 – Solidariedade com os pobres.....	90-93	78
Linha de ação 14 – Gestão responsável e solidária dos recursos	94-97	79
V. NOVAS FRONTEIRAS.....	98-113	83
CHAMADO DE DEUS		83
Principal prioridade: os jovens pobres	98	83
Outras prioridades: família, comunicação social, Europa	99	85
Novos modelos na gestão das obras.....	100	86
SITUAÇÃO.....		87
Prioridade principal: os jovens pobres	101	87
Outras prioridades: família, comunicação social, Europa	102	88
Novos modelos na gestão das obras.....	103	89
LINHAS DE AÇÃO.....		90
Processos a ativar em vista da mudança	104	90
Linha de ação 15 – Principal prioridade: os jovens pobres	105-107	91
Linha de ação 16 – Outras prioridades: família, comunicação social, Europa.....	108-111	92
Linha de ação 17 – Novos modelos na gestão das obras	112-113	94

DELIBERAÇÕES DO CG26	97
1. Transferência da Visitadoria de Mianmar à região Ásia Leste - Oceania.....	114 98
2. Regiões da Europa.....	115 99
3. Entrega da animação da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor.....	116 99
4. Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a Comunicação Social e as Missões.....	117 100
5. Revisão das estruturas de animação e governo central da Congregação.....	118 100
6. Eleição dos Conselheiros Regionais.....	119 101
7. Relação entre comunidade e obra.....	120 101
8. Ecônomo local.....	121 103
9. Modificação do art. 13 dos Regulamentos Gerais.....	122 104
 ANEXOS	 107
1. Carta de Sua Santidade Bento XVI ao Pe. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor SDB, por ocasião do Capítulo Geral 26.....	109
2. Intervenção do Card. Franc Rodé CM, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.....	114
3. Discurso do Reitor-Mor Pe. Pascual Chávez Villanueva na abertura do CG26	124
4. Saudação do Reitor-Mor em homenagem ao Santo Padre por ocasião da Audiência Pontifícia	139
5. Discurso de Sua Santidade Bento XVI na Audiência aos Capitulares em 31 de março de 2008	142
6. Discurso do Reitor-Mor Pe. Pascual Chávez Villanueva no encerramento do CG26.....	147
 ELENCO DOS PARTICIPANTES DO CG26	 173
 ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO	 181

APRESENTAÇÃO

Queridos Irmãos,

tenho o prazer de apresentar-vos os Atos do Capítulo Geral 26 que foi felizmente encerrado no sábado, 12 de abril de 2008. A data de conclusão assume para nós um significado simbólico: recorda-nos a entrada de Dom Bosco em Valdocco no dia de Páscoa de 1846. Se, para ele, aquele dia significou o início de uma nova etapa da sua missão, para nós este 12 de abril de 2008 representa o início do sexênio que nos levará à celebração do bicentenário de nascimento do nosso amado Fundador e Pai.

Durante a realização do Capítulo vós tivestes a oportunidade de serem informados tempestivamente sobre a intensa experiência salesiana vivida, a metodologia de trabalho seguida, os diversos conteúdos aprofundados. Certamente, ouvistes também a comunicação deste grande acontecimento vivido pelos participantes do Capítulo: Inspetores, Delegados e Convidados. Agora a promulgação das deliberações capitulares chama-nos à sua aplicação (cf. C 148).

A publicação dos Atos, com os documentos que dele fazem parte, torna oficiais as orientações assumidas e marca o ponto de partida do sexênio 2008-2014. Espero que a leitura pessoal, o estudo comunitário e a colocação em prática das linhas de ação tragam como fruto precioso o acender-se do coração de cada um

com a mesma paixão espiritual e apostólica de Dom Bosco. O Senhor Jesus, através do seu Espírito, possa “abrir o coração de todos” (cf. At 16,14).

Desejo ilustrar-vos, nesta minha apresentação, o tema, o método de discernimento, os sujeitos envolvidos, o espírito do Capítulo e as deliberações tomadas. Este conjunto de elementos servirá de guia na leitura do documento e, sobretudo, na sua aplicação.

Tema: “*Da mihi animas, cetera tolle*”

O tema do CG26 é unitário, embora articulado em núcleos temáticos. À primeira vista pode parecer que o CG26 tratou de cinco assuntos diversos; trata-se, entretanto, de um único tema: o programa de vida espiritual e apostólico de Dom Bosco.

O lema “*Da mihi animas, cetera tolle*” pode ser compreendido plenamente ao conhecer a vida e a obra do nosso amado Pai e Fundador Dom Bosco. Trata-se, com efeito, do seu projeto pessoal de vida, expresso em forma de oração pessoal. Ele deve ser interpretado à luz da dedicação apostólica, da criatividade pastoral, do trabalho incansável, numa palavra, da mística apostólica de Dom Bosco, mas também das renúncias enfrentadas, das numerosas dificuldades superadas, dos empenhos sustentados por Dom Bosco, da sua ascética. O sujeito implícito deste lema é *Dom Bosco*; o primeiro núcleo, “partir de Dom Bosco”, torna-o manifesto e coloca-o como fundamento de tudo o mais.

O “*Da mihi animas*” traduz-se no empenho de evangelizar os jovens, especialmente os mais pobres. De fato, a paixão apostólica de Dom Bosco e do Salesiano exprime-se imediatamente na capacidade de perceber as urgências da evangelização e de

trabalhar para que a todos seja concedido o dom de Jesus Cristo e do seu evangelho. Transmitimos na ação evangelizadora a paixão apostólica também aos leigos, às famílias e, sobretudo aos jovens; a estes, de modo especial, temos a coragem de propor a vida consagrada salesiana no seguimento de Jesus, nos passos de Dom Bosco, não como uma possibilidade de realização pessoal entre outras, mas como um chamado de Deus.

O “*cetera tolle*” faz-nos disponíveis a deixar tudo que nos impeça de ir até onde estão as mais graves necessidades dos jovens: as novas fronteiras da missão salesiana. O Evangelho é boa-nova para os pobres e é proclamado por pobres. As necessidades mais imperiosas dos jovens são suas pobreza materiais, mas também as afetivas, culturais, espirituais; elas chamam-nos à disponibilidade radical e a deixar de lado tudo o mais. As pobreza dos jovens pedem-nos também que sejamos solidários com eles, compartilhemos com eles uma vida simples e pobre, coloquemos à disposição deles os recursos que possuímos.

Os desafios da pós-modernidade chamam-nos a superar a fragmentação da nossa vida e da nossa cultura. Por isso, o tema do CG26 deve ajudar-nos a viver a “graça de unidade”, ou seja, acolher o dom da unificação da nossa vida, assumir o programa de vida espiritual e pastoral de Dom Bosco como critério de unidade, traduzi-lo operativamente em nossas opções pessoais e comunitárias, de Inspeção, de região e de congregação.

Método de discernimento

Como o CG25, também o CG26 adotou o método do discernimento para o estudo dos núcleos temáticos. A acolhida de um

método já experimentado, utilizado também para o projeto de vida pessoal e o projeto de vida comunitária, facilitou o trabalho, mas sobretudo ajudou a valorizar mais as potencialidades do discernimento. Isto nos permitiu caminhar por uma estrada segura e oferecer um desenvolvimento projetual e não só doutrinário do tema capitular.

No *chamado de Deus* individuaram-se em cada núcleo, através do discernimento, os apelos urgentes e as prioridades. O chamado, então, não descreve de modo exaustivo todas as exigências relacionadas ao núcleo temático, mas só as prioritárias. O discernimento levou-nos a fazer algumas opções. Discernir é, justamente, distinguir o que é fundamental do que é secundário em determinado momento, e agir em consequência das opções.

Por exemplo, para partir de Dom Bosco, o CG26 individuou e propôs três caminhos principais: retornar a ele, retornar aos jovens, reforçar a identidade carismática e reavivar a paixão apostólica. Analogamente, para responder à urgência da evangelização, o Capítulo escolheu as seguintes prioridades: cuidar da Comunidade salesiana de modo que seja evangelizada e evangelizadora, dar centralidade à proposta de Jesus Cristo, aprofundar a contribuição da educação para a evangelização, dar atenção aos contextos regionais. O mesmo método foi depois seguido, também para os demais núcleos.

Na análise da *situação* o discernimento levou-nos a perceber os aspectos positivos, os sinais de esperança, os recursos, mas também as dificuldades, os atrasos, os desafios em relação às opções fundamentais individuadas no chamado. Brotou daí uma visão dos temas centrada na leitura das prioridades; evidencia-se assim um quadro de luzes e sombras, que logo nos orienta a buscar os caminhos mais oportunos de ação.

Nas *linhas de ação* de cada núcleo encontramos uma novidade: indicam-se no início os processos a ativar para a mudança. Ou seja, identificam-se as situações a superar e projeta-se o horizonte ao qual as linhas de ação devem encaminhar; trata-se de passar de um estado de fragilidade a uma nova configuração da vida. São processos de conversão de mentalidade e de mudança de estruturas; eles indicam nosso êxodo e nossa páscoa.

As linhas de ação apresentadas são dezessete; contudo, trata-se, na realidade, de cinco grandes linhas operativas, especificadas em suas modalidades concretas de realização. Com efeito, trata-se fundamentalmente de realizar as seguintes tarefas: partir de Dom Bosco, responder às urgências da evangelização, ter a coragem de propor aos jovens a vocação consagrada salesiana, dar um testemunho crível de pobreza evangélica e de vida simples, lançar-se em novas fronteiras da missão salesiana.

As linhas de ação são especificadas através de intervenções pontuais, atribuídas a sujeitos variados. É preciso notar que nem todos devem fazer tudo, mas pede-se uma contribuição específica dos vários sujeitos. As linhas de ação podem ser concretizadas com a contribuição de todos: cada um é convidado a fazer a própria parte. Eis, então, a importância dos sujeitos que devem ser envolvidos.

Sujeitos responsáveis

O CG26 só poderá realizar a mudança desejada na vida da Congregação e, portanto, tornar-se realidade, se houver sujeitos que generosa e responsavelmente assumam sua mentalidade e suas orientações. A pluralidade dos sujeitos envolvidos é garantia de uma ação eficaz.

O CG26 dirige-se em primeiro lugar ao *Salesiano*. Depois dos Capítulos Gerais 23, 24 e 25 que deram realce à Comunidade salesiana local, o CG26 entende colocar cada irmão no centro de suas atenções. Foi ele quem recebeu de Deus o dom da vocação salesiana; é ele, portanto, a ser chamado a responder a esse dom com fidelidade criativa e a assumir o programa espiritual e pastoral de Dom Bosco: *“Da mihi animas, cetera tolle”*.

O CG26 entende reavivar no coração de cada irmão a paixão apostólica e propõe-lhe um perfil caracterizado pela identidade carismática; dessa forma, ele pode ser Dom Bosco para os jovens de hoje. Ele é chamado a ter uma intensa e profunda vida espiritual; a viver a vida fraterna em familiaridade e alegria; a estar com os jovens; a ser audacioso na ação evangelizadora; a ir aos lugares de fronteira da nossa missão; a viver pobremente; a envolver leigos, famílias e os próprios jovens no ardor pastoral; a propor aos jovens a vida consagrada salesiana; a amar Dom Bosco e torná-lo conhecido.

O CG26 interpela diretamente cada *Comunidade*. De fato, nas linhas de ação há quase sempre algumas intervenções propostas à Comunidade, para que ela as assuma em sua caminhada. A Comunidade, de modo particular, toma a iniciativa da ação evangelizadora, cuida das vocações para a vida consagrada salesiana e dá seu testemunho de pobreza evangélica. A Comunidade evangelizada é chamada a ser evangelizadora; seu testemunho é a primeira proposta vocacional; sua vida vivida na simplicidade e na austeridade manifesta seu amor à pobreza; ela lança-se com audácia entre os jovens pobres; onde está situada, ela volta a propor com os jovens a experiência de Valdocco.

Dessa forma, o CG26 pede à Comunidade salesiana que continue os processos ativados pelo CG25, solicitando ainda sua consistên-

cia quantitativa e qualitativa. O irmão cresce na seqüela de Cristo e concretiza o dom de si a Deus pelos jovens na Comunidade. Ele é chamado a assumir pessoalmente as novas exigências da sua vocação; ao mesmo tempo, a Comunidade que vive a plenitude das suas dinâmicas, favorece sua formação continuada.

O CG26 indica ainda *outros sujeitos*: a Inspetoria, a região, o Reitor-Mor com o Conselho Geral. Valorizando a subsidiariedade, cada um realiza suas tarefas e todos cooperaram na realização do mesmo chamado e das mesmas linhas de ação. Sem dúvida, a ação não pode ser limitada a estes sujeitos. Entra logo em jogo o envolvimento e o protagonismo de jovens, leigos e famílias e, portanto, da Comunidade educativo-pastoral. Como também é impensável viver e agir sem a Família Salesiana e sem a ligação com o território e a Igreja local.

Espírito do CG26

O Capítulo Geral foi um acontecimento inesquecível, que será logo uma crônica a narrar, sobretudo por aqueles que o viveram. Ele traduziu-se também num belo documento que, porém, correria o risco de ficar “letra morta” sem um espírito que o anime. O CG26 é, portanto, também um espírito; devemos reconhecer então qual é o espírito do CG26.

Como está vivo e ativo o “espírito do Concílio Vaticano II”, o mesmo podemos dizer que há um “espírito do CG26” que deve ser acolhido. Ele é constituído pela mesma paixão que ardia no coração de Dom Bosco e o levava a buscar a glória de Deus e a salvação das almas. Ele guiou a Assembléia no discernimento e na redação do documento e faz com que o texto capitular se transforme em vida,

vitalidade e vivacidade para cada irmão, para as Comunidades, para Inspetorias, para as Regiões e para toda a Congregação.

É o Espírito de Cristo que anima e vivifica. O espírito do CG26 é um dom do Espírito do Ressuscitado para a nossa Congregação. Ele infundiu a abundância de seus dons sobre todos nós com um renovado Pentecostes. Ele abre a mente de todos os irmãos e aquece seu coração; inflama-os assim de uma paixão renovada que dará frutos abundantes. Deste modo, o CG26 não é apenas uma crônica ou só um documento, mas torna-se história para cada um de nós e para a Congregação.

Deliberações relativas às Constituições e aos Regulamentos

O Capítulo Geral produziu também algumas deliberações relativas às Constituições e aos Regulamentos gerais e ao governo da Congregação. Algumas delas referem-se ao governo central e às regiões, outras à relação entre Comunidade salesiana e obra, e ao ecônomo local, outra ainda às nossas instituições de educação superior.

Evidencio, de modo particular, a orientação expressa sobre os assim chamados “Dicastérios da missão salesiana”. O Capítulo expressou a exigência de maior colaboração e unidade na organização e realização da missão salesiana. Encoraja as Inspetorias a terem presente essa sensibilidade e nela buscar inspiração na animação Inspetorial.

Parece-me importante apresentar também a orientação a respeito das três regiões da Europa. Ao levar em consideração os processos culturais de unificação da Europa, as experiências de colaboração em ato e as reestruturações das Inspetorias, é preciso inten-

sificar as formas de coordenação, favorecer as sinergias, superar a visão restrita de cada região e ter um horizonte europeu.

Creio interessante, também, a orientação expressa sobre a relação entre Comunidade salesiana e obra. A orientação oferecida ajudará a aprofundar também do ponto de vista institucional e jurídico, o que fora a ação do CG25 que pedia para considerar a Comunidade salesiana e a Comunidade educativo-pastoral como dois autênticos sujeitos.

O Capítulo Geral é entregue agora a toda a Congregação. As Inspeções e visitadoras, por meio dos Capítulos Inspeccionais, já tinham produzido suas linhas de ação, individualizando seus objetivos, processo e intervenções. Agora, com as orientações do CG26 elas são chamadas a integrar o trabalho já feito, em relação a cada Salesiano, às Comunidades locais e à Comunidade Inspeccional.

Entregamo-nos a Maria Auxiliadora. O Espírito Santo suscitou Dom Bosco com a sua maternal intervenção, para colaborar na salvação da juventude (cf. C 1). Ela o guiou na realização da missão juvenil. “Foi Ela quem tudo fez”. Ela é nossa Mãe e Mestra. Dela aprendemos a docilidade ao Espírito Santo e a profundidade da vida espiritual, que é a raiz da fecundidade da nossa missão. A Ela recomendamos os desafios da evangelização, as vocações para a vida consagrada salesiana, os jovens pobres. Maria, nosso Auxílio, interceda por nós.

Gaspar Chéniz V.
Reitor-Mor

Roma, 11 de maio de 2008

Solenidade de Pentecostes

**“DA MIHI ANIMAS,
CETERA TOLLE”**

INTRODUÇÃO

*“Prometi a Deus
que até meu último alento
seria para meus pobres jovens”*
(Memórias biográficas XVIII, 258).

A paixão de Dom Bosco pela salvação da juventude é nossa herança mais preciosa. O Capítulo Geral 26 propôs-se a reavivá-la em cada Salesiano, colocando no centro da reflexão das comunidades e Inspetorias o célebre lema do nosso Pai e Fundador *“Da mihi animas cetera tolle”*. Iniciou-se assim um processo de renovação interior e de reflexão, que confluíu nas contribuições que chegaram à assembléia capitular como ponto de partida para seus trabalhos.

Peregrinos pelos lugares de Dom Bosco, percebemos desde o início que o *“Da mihi animas cetera tolle”* recolhe a experiência carismática das origens e o testemunho de muitos irmãos de ontem e de hoje. Ele interroga-nos sobre nossa capacidade de ser Dom Bosco em nosso tempo e convida-nos a ser entusiastas do seu projeto de santidade, testemunhas alegres e críveis do espírito Salesiano, enamorados de Deus e entregues aos jovens “até o último alento”. Vemo-nos, assim, nas fontes da vida consagrada e no coração da missão, pois neste lema concentram-se a mística e a ascética que caracterizam a vocação salesiana. Tudo isso

significa para nós retornar a Dom Bosco e partir com ele para caminhar ao encontro dos jovens de hoje.

Nós os tivemos presentes como principais interlocutores durante todo o tempo do Capítulo, com o desejo vivo de revelar-lhes o amor de Deus. A fronteira juvenil está hoje, mais do que nunca, cheia de desafios e de recursos; ela apresenta-se atraente e difícil. É indispensável para nós entender as expectativas e as carências dos jovens, apreciar os valores aos quais são mais sensíveis e reconhecer as potencialidades que lhes são próprias. Precisamos tomar consciência das ameaças e dos obstáculos que os jovens devem enfrentar e superar em busca de vida, a caminho da liberdade, na experiência do amor. É nossa responsabilidade vocacional aceitar os desafios dessa emergência, não desertar dessa fronteira que nos pertence. Educação e evangelização constituem a maior contribuição que podemos oferecer aos jovens, à Igreja e à sociedade de hoje no espírito, com os métodos e os conteúdos do Sistema Preventivo.

Ao acolher o convite do Reitor-Mor na carta de convocação, explicitamos o “partir de Dom Bosco” seguindo quatro temas: urgência de evangelizar, necessidade de convocar, pobreza evangélica e novas fronteiras. Não são temas separados, mas aspectos constitutivos do programa de vida espiritual e apostólica do nosso Pai e Fundador. São elementos de grande atualidade, dos quais derivam empenhos concretos e exigentes de renovação. São as nossas prioridades para este momento.

Nós as individuamos ao colocar-nos em sintonia com a Igreja e à escuta da Congregação, ao dar atenção aos diversos contextos regionais, ao recolher os testemunhos mais vivos e proféticos, ao confrontar-nos com as novas pobreza e os desafios postos pela evangelização a toda a Igreja, quer nos países de antiga tra-

dição cristã quer naqueles de missão. Foi-nos de muita serventia o confronto recíproco, tanto nos debates no plenário quanto nos trabalhos das comissões; mais ainda o clima de oração e fraternidade que caracterizou nossa convivência e, sobretudo, a palavra autorizada do Santo Padre Bento XVI.

Chegamos, assim, à redação do texto que agora apresentamos como memória da nossa experiência e partilha do esforço que fizemos para decifrar e interpretar os sinais dos tempos. Nele, os núcleos estão articulados em:

- *chamado de Deus*: com o olhar voltado, ao mesmo tempo, a Dom Bosco e aos jovens, fizemos um trabalho de discernimento para perceber o que Deus quer de nós hoje;
- *situação*: recolhemos tudo aquilo que os irmãos nos ofereceram como fruto da sua busca e da narração da própria experiência, e individualizamos tanto os aspectos positivos quanto os problemáticos, conscientes de que Deus nos fala através da história;
- *linhas de ação*: introduzidas por alguns aspectos que podem favorecer a mudança de mentalidade e de estruturas, individualizam sinteticamente as principais prioridades que a Congregação entende enfrentar no próximo sexênio; elas articulam-se em intervenções que tocam cada Salesiano, comunidade, Inspetoria, Região e o governo central, com a apresentação de indicações a serem assumidas e concretizadas nos diversos contextos.

O fruto do nosso trabalho chega, então, às mãos dos irmãos e torna-se um convite à renovação e à fidelidade a Dom Bosco e, por meio dele, a Deus e aos jovens. Há como estímulo e encorajamento os irmãos, os jovens, os leigos e os demais membros da Família Salesiana, que com a santidade testemunharam a beleza

do nosso projeto de vida, a fecundidade do espírito Salesiano e a força espiritual do *“Da mihi animas cetera tolle”*.

Os próximos anos apresentam-se para nós Salesianos, como tempo de graça. O 150º aniversário da fundação da Congregação em 2009, o centenário da morte do Bem-aventurado Miguel Rua em 2010 e o bicentenário do nascimento de Dom Bosco em 2015 fazem do próximo período um tempo extraordinário. Temos a possibilidade de fazer memória e aprofundar a história da nossa experiência carismática, para identificar-nos com ela e vivê-la com a paixão e a radicalidade do *“Da mihi animas cetera tolle”*, para propô-la e compartilhá-la com alegria e capacidade profética. Temos diante de nós um tempo favorável para retornar a Dom Bosco e partir com ele e como ele, apaixonados por Deus e pelos jovens, atentos e dóceis ao Espírito, confiantes na presença da Auxiliadora. É um caminho e uma graça que desejamos compartilhar com todos os membros da Família Salesiana.

Os Irmãos do Capítulo Geral 26

I. PARTIR DE DOM BOSCO

“Praticai o que de mim aprendestes e recebestes e ouvistes, ou em mim observastes” (Fl 4,9).

CHAMADO DE DEUS

“O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando nele a esplêndida harmonia de natureza e graça. Profundamente homem, rico das virtudes do seu povo, era aberto às realidades terrenas; profundamente homem de Deus, cheio dos dons do Espírito Santo, vivia ‘como se visse o invisível’. Esses dois aspectos fundiram-se num projeto de vida fortemente unitário: o serviço dos jovens. Realizou-o com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras, com a sensibilidade de um coração generoso. ‘Não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude... Realmente tinha a peito tão somente as almas’” (C 21).

1 Retornar a Dom Bosco

À escuta do Espírito, sentimo-nos chamados a retornar a Dom Bosco como guia seguro para caminhar na seqüela de Cristo com uma paixão ardente por Deus e pelos jovens, sobretudo os mais pobres.

Retornar a Dom Bosco significa amá-lo, estudá-lo, imitá-lo, invocá-lo e torná-lo conhecido, aplicando-se ao conhe-

cimento da sua história e ao estudo das origens da Congregação, em constante escuta das expectativas dos jovens e das provocações da cultura atual. A riqueza das fontes e dos estudos salesianos atualmente disponíveis permitem-nos aprofundar as motivações que o levaram a determinadas opções, metas e projetos que se foram esclarecendo aos poucos em sua ação, a síntese original de pedagogia e pastoral que ele alcançou inspirando-se em São Francisco de Sales. Essas oportunidades interpelam-nos de modo particular para descobrir a rica humanidade, que o tornava imediatamente amigo dos jovens, e a profunda espiritualidade, que o levava dia após dia a dedicar a sua vida *à maior glória de Deus e à salvação das almas*.

Retornar a Dom Bosco significa, também, aprofundar as múltiplas expressões da transmissão do carisma nos contextos culturais dos diversos países e valorizar a contribuição da experiência vital de tantas gerações de Salesianos, entre os quais sobressaem algumas figuras luminosas de santidade. Aos irmãos, isso permite redescobrir em cada Região a riqueza da tradição recebida e tirar dela inspiração para a inculturação autêntica do carisma.

2 Retornar aos jovens

Retornar a Dom Bosco significa “estar no pátio”, ou seja, estar com os jovens, especialmente os mais pobres, para descobrir neles a presença de Deus e convidá-los a abrir-se a seu mistério de amor. Dom Bosco retorna entre os jovens de hoje pelo testemunho e pela ação de uma Comunidade que vive o seu espírito, animada pela mesma paixão apostólica. Ele recomenda a cada Salesiano que encontre os

jovens com alegria em sua vivência cotidiana esforçando-se por escutar seus apelos, conhecer seu mundo, encorajar seu protagonismo, despertar neles o sentido de Deus e propor-lhes itinerários de santidade segundo a espiritualidade salesiana. É sempre Dom Bosco quem nos pede que enfrentemos com audácia os desafios juvenis e demos respostas corajosas à crise de educação do nosso tempo, envolvendo um vasto movimento de forças em benefício da juventude.

Dom Bosco, no sonho dos 9 anos, recebeu Maria como mãe e mestra e deixou-se guiar por ela na missão juvenil. Por isso, também nós a sentimos presente em nossas casas e a propomos aos jovens como modelo espiritual e auxílio do seu crescimento.

3 Identidade carismática e paixão apostólica

Ao aprofundar o itinerário de Dom Bosco e reviver hoje sua paixão apostólica, sentimo-nos chamados a fazer resplandecer o fascínio do seu carisma, mostrar sua beleza e comunicar sua força de atração. Isso nos leva a desenvolver um testemunho visível e crível da nossa vocação, uma radical seqüela de Cristo, um forte sentido de pertença à Igreja, à Congregação e à Família Salesiana, uma percepção clara da nossa identidade espiritual e pastoral. Sem uma proposta carismática, cativante e envolvente é, de fato, difícil o processo de identificação vocacional.

O Salesiano é chamado a olhar para o coração de Cristo, bom pastor e apóstolo do Pai, e colocar-se no seu seguimento, a exemplo de Dom Bosco, com um estilo de

vida obediente, pobre e casto. Dessa forma, dedica-se aos jovens com generosidade, vive com alegria a própria vocação na Comunidade e encontra assim o caminho da santidade.

Dom Bosco, que entrega as Constituições ao padre João Cagliero antes de partir para a Patagônia, indica-nos como construir hoje a “verdadeira imagem” da Congregação: ser fiéis a ele através da observância convicta da nossa Regra de vida. A cruz que nos é entregue na profissão perpétua, com as imagens que traz impressa, convida-nos a gastar a vida com os jovens e pelos jovens até o último alento, assumindo o convite de Dom Bosco: *procura fazer-te amar*.

SITUAÇÃO

4 Retornar a Dom Bosco

A pessoa de Dom Bosco é sempre atraente e atual. Muitos irmãos têm o desejo de melhor conhecê-lo e imitá-lo na própria vida. Sinal disso é a crescente disponibilidade para participar de momentos formativos que se referem às origens do carisma. Também jovens e leigos sentem-se envolvidos nesse interesse renovado.

Apoio no caminho de aprofundamento da nossa experiência espiritual e apostólica foi oferecido pela publicação de novos estudos salesianos e pela edição crítica das fontes históricas. A fim de evitar um conhecimento meramente afetivo ou nostálgico, percebemos a exigência de ressaltar a experiência mística de Dom Bosco e aprofun-

dar a riqueza espiritual e pedagógica da nossa tradição, com atenção particular à atualização e inculturação do Sistema Preventivo.

As demonstrações de estima e reconhecimento pelo serviço educativo que prestamos em contextos difíceis e com jovens em situação de risco são numerosas e qualificadas. Os apelos imperiosos de vida que nos chegam de tantos jovens suscitam em nós a necessidade de encontrar respostas adequadas e convencem-nos da eficácia e atualidade do carisma Salesiano no mundo de hoje.

5 Retornar aos jovens

Irmãos e Comunidades entregam-se generosamente ao serviço educativo e pastoral. Realizam um intenso trabalho pelos jovens desfavorecidos, os pobres, as camadas populares, por meio de uma pluralidade de obras e iniciativas. Diante de situações de urgência educativa, deixamo-nos interpelar e sabemos muitas vezes encontrar recursos e modalidades para uma resposta adequada.

A paixão de alguns Irmãos contagia e entusiasma muitos adultos que, de colaboradores, tornam-se co-responsáveis, possibilitando a vida e a ação das Comunidades educativas pastorais. Apreciamos também a disponibilidade de muitos jovens a serem protagonistas, a se tornarem apóstolos de seus companheiros até amadurecerem opções vocacionais de especial consagração. Às vezes, porém, o modelo gerencial da obra cria obstáculos à presença mais direta

dos Irmãos entre os jovens e os leigos, absorvendo suas energias em tarefas que poderiam ser confiadas a outros.

Deve-se constatar que, para não poucos Irmãos, o mundo dos jovens apresenta-se difícil e distante, com o temor e a sensação de não estarem adequadamente preparados. A dificuldade para entender suas linguagens acentua as diferenças culturais, que podem traduzir-se em distância física e afetiva.

6 Identidade carismática e paixão apostólica

Muitos Irmãos empenharam-se na renovação da vida espiritual. Isso se manifesta no clima alegre de muitas Comunidades, no dinamismo pastoral que as anima e na profundidade da sua vida de oração. Muitos encontraram ajuda para o próprio crescimento no projeto de vida pessoal e comunitário. Não podemos esquecer, além disso, os muitos Irmãos idosos e enfermos que vivem com serenidade e espírito de fé, oferecem a doença pela salvação dos jovens, sustentam a Comunidade com a oração. Lá, onde isso se deu, constatou-se um envolvimento feliz de adultos e jovens numa única missão, sobretudo quando lhes foi oferecido um caminho formativo.

Com sofrimento, porém, reconhecemos que entraram nas Comunidades modelos de vida marcados pelo individualismo, pelas comodidades, pelo aburguesamento, pelo imobilismo, pela rejeição dos sinais visíveis da vida consagrada. São perigos sobre os quais Dom Bosco já alertara os primeiros Salesianos.

O ativismo e o efficientismo, a falta de um projeto comunitário, o individualismo e uma insuficiente ou desordenada distribuição de tarefas, criam obstáculo à oração, tornam frágil a vida interior, esfriam as relações fraternas, diminuem as atenções para cada Irmão. Enfraquecer a ascética do “*cetera tolle*” prejudica a paixão apostólica, que encontra inspiração e expressão no “*da mihi animas*”.

Estas luzes e sombras das Comunidades demonstram com clareza as dificuldades da nossa vida consagrada a realizar a síntese pedida pelo Concílio Vaticano II entre *sequela Christi*, carisma do Fundador e adaptação às condições mutáveis dos tempos (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 2).

LINHAS DE AÇÃO

7 Processos a ativar em vista da mudança

A fim de enfrentar as exigências do chamado e os desafios advindos da situação e realizar as conseqüentes linhas de ação, é preciso converter mentalidades e modificar estruturas, passando:

- de um conhecimento superficial de Dom Bosco, a um estudo sério e esforçado da história, pedagogia, pastoral e espiritualidade do nosso Pai e Fundador e da reflexão da Congregação;
- de uma pastoral centrada em atividades a realizar, a uma pastoral mais atenta para encontrar os jovens onde eles estiverem;

- de uma realização habitudinária da vida espiritual e de uma ação pastoral, à acolhida do “*da mihi animas cetera tolle*” como invocação e paixão cotidiana.

LINHA DE AÇÃO 1

Retornar a Dom Bosco

8 *Esforçar-se por amar, estudar, imitar, invocar e tornar Dom Bosco conhecido, para partir dele.*

9 *O Salesiano*

- desperte em seu coração um renovado interesse pelo conhecimento mais sistemático e profundo de Dom Bosco com uma dedicação séria e perseverante ao estudo da história, espiritualidade, pedagogia e pastoral salesianas e do Sistema Preventivo em vista da sua atualização;
- leia com frequência as Constituições e medite sobre elas, verdadeiro “testamento de Dom Bosco” (C 196);
- renove sua devoção pessoal a Dom Bosco para participar da sua paixão por Deus e pelos jovens.

10 *A Comunidade*

- faça referência às Constituições na vida de cada dia; utilize-as ordinariamente nas reuniões comunitárias, sobretudo naquelas de discernimento; escolha momentos oportunos para fazer sua leitura e seu comentário; proponha ocasiões de revisão de vida;

- pratique a *lectio divina* com sensibilidade salesiana, por exemplo, referindo-se aos textos da nossa tradição e à situação dos destinatários;
- preveja no projeto comunitário momentos específicos de formação e atualização sobre a salesianidade para os Irmãos e também para os leigos co-responsáveis pela missão;
- atualize a seção salesiana na biblioteca da casa.

11 *A Inspetoria*

- favoreça a atualização dos Irmãos, dos leigos co-responsáveis e dos membros da Família Salesiana nos estudos salesianos; promova cursos de exercícios espirituais que se refiram, além de à Palavra de Deus, também às fontes do carisma; proponha de vez em quando peregrinações aos lugares salesianos;
- valorize a preparação imediata para a profissão perpétua como ocasião privilegiada de aprofundar temas de salesianidade e fazer uma releitura das Constituições;
- preocupe-se em enviar alguns Irmãos a cursos de especialização em estudos salesianos na UPS ou em outros Centros, em vista da animação Inspetorial e das exigências da formação;
- empenhe-se na difusão do conhecimento de Dom Bosco através do uso das mídias;
- estude e aprofunde a história do carisma salesiano no próprio contexto cultural.

12 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- invista recursos adequados de pessoal na UPS, no Instituto Histórico Salesiano e nos outros Centros que se dedicam ao estudo e à difusão da salesianidade;
- coordene e organize a colaboração entre esses Centros para aprofundar teologicamente a experiência espiritual de Dom Bosco, desenvolver suas intuições pedagógicas e pastorais, estudar a progressiva inculturação do carisma nos diversos contextos;
- estude, em preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco, a possibilidade de experiências específicas de formação permanente sobre os conteúdos fundamentais da espiritualidade salesiana, com atenção particular aos diretores;
- promova uma equipe internacional de Irmãos para a animação dos lugares das origens do carisma salesiano;
- torne acessíveis nas várias línguas e disponíveis também em forma digital os textos salesianos tidos como os mais importantes;
- cuide da tradução e publicação de uma coleção das principais fontes salesianas.

LINHA DE AÇÃO 2

Retornar aos jovens

13 *Retornar aos jovens, especialmente os mais pobres, com o coração de Dom Bosco.*

14 *O Salesiano*

- aprenda a encontrar a Deus através dos jovens aos quais é enviado (cf. C 95);
- encontre tempo para estar no meio dos jovens como amigo, educador e testemunha de Deus, qualquer que seja o seu papel na Comunidade;
- coopere na missão juvenil com a oração, o interesse, a oferta da própria vida quando a idade, a saúde ou outros motivos impeçam sua presença física entre os jovens.

15 *A Comunidade*

- retome e renove a praxe da assistência salesiana (cf. C 39), envolvendo os leigos co-responsáveis;
- preveja anualmente no projeto de vida comunitária alguns encontros de formação que tenham como tema o estudo aprofundado da condição juvenil;
- acolha os jovens tanto para momentos de partilha de vida como para encontros de reflexão sobre sua condição;
- programe iniciativas para encontrar os jovens em seus ambientes de vida.

16 *A Inspetoria*

- cultive uma atenção constante e profunda à transformação da realidade juvenil no próprio território, em diálogo com as instituições eclesiais e civis;
- estude a possibilidade de criar centros de espiritualidade que ofereçam aos jovens oportunidades de oração, propostas de retiros e exercícios espirituais e de educação à escuta da Palavra de Deus e à vida sacramental.

17 *A Região*

- avoreça a colaboração das Inspetorias na fixação de critérios e normas de comportamento às quais devem ater-se Irmãos e leigos co-responsáveis pela missão salesiana, a fim de garantir em nossos ambientes a segurança dos menores e prevenir qualquer forma de abuso, em cumprimento ao que diz o CG 25, 36.

18 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- potencie a presença salesiana nas instituições internacionais que se interessam pelas políticas juvenis.

LINHA DE AÇÃO 3

Identidade carismática e paixão apostólica

19 *Redescobrir o significado do “Da mihi animas cetera tolle” como programa de vida espiritual e pastoral.*

20 *O Salesiano*

- invoque de Deus todos os dias e empenhe-se em viver a graça da unidade entre contemplação e ação apostólica, para evitar o risco da dispersão e da superficialidade;
- assuma a responsabilidade da própria formação espiritual e pastoral em vista do autêntico amadurecimento vocacional;
- retome ou reforce a prática de fazer-se acompanhar por um guia espiritual que reflita a experiência de Dom Bosco;

- compartilhe o próprio caminho de fé, a riqueza da espiritualidade salesiana e a ação apostólica com os Irmãos, os leigos co-responsáveis, os membros da Família Salesiana e os jovens.

21 *A Comunidade*

- organize os ritmos cotidianos de vida para permitir a cada Irmão participar dos momentos comunitários e estar realmente presente entre os jovens;
- cuide da qualidade da oração comunitária e das celebrações litúrgicas (cf. C 86);
- valorize as festas salesianas como ocasião de formação comunitária e comunicação do carisma;
- reconheça o serviço exercido pelo diretor, como primeiro responsável da formação, por meio da boa-noite, da conferência, do colóquio pessoal, da animação fraterna.

22 *A Inspetoria*

- prepare Irmãos para o papel de guias espirituais nas Comunidades, com particular atenção àquelas de formação inicial;
- acompanhe as Comunidades na elaboração do projeto comunitário para que sejam garantidos os caminhos de formação permanente que alcancem os Irmãos de todas as idades;
- preveja intervenções formativas para ajudar os Irmãos a viverem uma castidade resplendente, que traduza o amor de Deus pelo jovem e previna todas as formas de contra-testemunho e de abuso contra eles.

II. URGÊNCIA DE EVANGELIZAR

*“Anunciar o evangelho não é para mim motivo de glória.
É antes uma necessidade que se me impõe.
Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16).*

CHAMADO DE DEUS

“Esta Sociedade, em seu início, era um simples catecismo.” Também para nós a evangelização e a catequese são a dimensão fundamental da nossa missão. Como Dom Bosco, somos chamados todos e em qualquer ocasião, a ser educadores da fé. Nossa ciência mais eminente é, pois, conhecer Jesus Cristo; e a alegria mais profunda, revelar a todos as insondáveis riquezas do seu mistério. Caminhamos com os jovens para conduzi-los à pessoa do Senhor ressuscitado, a fim de que, descobrindo nEle e em seu Evangelho o sentido supremo da própria existência, cresçam como homens novos” (C 34).

23 Comunidade evangelizada e evangelizadora

“O termo evangelização tem um significado muito rico. Em sentido amplo, ele resume toda a missão da Igreja, porque toda a sua vida consiste em realizar [...] o anúncio e a transmissão do Evangelho, ‘força salvadora de Deus para todo aquele que crê’ (Rm 1,16) e que, em última essência, se identifica com Jesus Cristo (cf. 1Cor 1,24). [...] Em todo caso, evangelizar significa não só ensinar

uma doutrina, mas também anunciar o Senhor Jesus com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e ação no mundo” (Congregação para a Doutrina da Fé, Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização, n. 2). Inseridos na Igreja e guiados pelo Espírito, trabalhamos para o advento do Reino de Deus, “levando aos homens a mensagem do Evangelho, intimamente unida ao desenvolvimento da ordem temporal” (C 31).

A fonte de toda a obra evangelizadora está no encontro pessoal com Cristo. Essa experiência é, para nós, um evento cotidiano, que se renova na escuta da Palavra de Deus, na participação do mistério pascal pela liturgia e pelos sacramentos, na partilha fraterna e no serviço aos jovens.

Maria, que por primeiro acolheu e levou o anúncio de salvação, ensina-nos a criar Comunidades evangelizadas e evangelizadoras. Com Ela aprendemos que a profundidade da experiência de Deus é a raiz da missão, e que a primeira e principal via de evangelização é o testemunho da fé. Esse testemunho torna-se mais convincente quando nos aproximamos dos jovens como amigos e os acompanhamos como pais e mestres, irradiando alegria e esperança. Transmitimos, assim, aquilo em que cremos e demonstramos com a vida aquilo que anunciamos.

24 Centralidade da proposta de Jesus Cristo

Percebemos a evangelização como a principal urgência da nossa missão, conscientes de que os jovens têm o direito de ouvir o anúncio da pessoa de Jesus como fonte de vida e promessa de felicidade no tempo e na eterni-

dade. Nossa “tarefa fundamental consiste em propor a todos que levem uma existência humana como Jesus a viveu. [...] em sua ação apostólica o anúncio de Jesus Cristo e do seu Evangelho deve ser fulcral, juntamente com o apelo à conversão, ao acolhimento da fé e à inserção na Igreja; além disso, nascem aqui os caminhos de fé e de catequese, a vida litúrgica e o testemunho da caridade diligente” (Bento XVI, *Carta ao Padre Pascual Chávez Villanueva, por ocasião do Capítulo Geral 26*, 1º/3/2008, n. 4).

Por intermédio da Igreja, o Senhor Jesus chama-nos a fazer uma nova evangelização: “nova em seu ardor, em seus métodos e em suas expressões” (João Paulo II, *Discurso à assembléia da Celam*, 9/3/1983). Isso nos compele a preparar, com criatividade e audácia, itinerários diversificados para levar os jovens ao encontro pessoal com Cristo, de modo que amadureçam a vontade de segui-lo e se tornem apóstolos do Evangelho, construtores de um mundo novo. Essa tensão é a alma de todas as nossas intervenções educativas; devemos comunicá-la também aos leigos, envolvendo-os sempre mais em tarefas pastorais.

25 Evangelização e educação

A evangelização exige salvaguardar ao mesmo tempo a integridade do anúncio e a gradualidade da proposta. Dom Bosco assumiu essa dupla atenção a fim de propor a todos os jovens uma experiência profunda de Deus, levando em consideração sua situação concreta.

Na tradição salesiana, exprimimos essa relação de diversos modos: por exemplo, “honestos cidadãos e bons cristãos” ou “evangelizar educando e educar evangelizando”. Advertimos sobre a exigência de continuar a reflexão sobre essa delicada relação. Entretanto, estamos convencidos de que a evangelização propõe à educação um modelo de humanidade plenamente realizada e que a educação, quando chega a tocar o coração dos jovens e desenvolve o sentido religioso da vida, favorece e acompanha o processo de evangelização: “sem educação não há, de fato, evangelização duradoura e profunda, não há crescimento nem amadurecimento, não acontece uma mudança de mentalidade e de cultura” (Bento XVI, *Carta ao Padre Pascual Chávez Villanueva*, n. 4).

Por isso, desde o primeiro momento, a educação deve buscar inspiração no Evangelho e a evangelização deve adaptar-se à condição evolutiva do jovem. Só assim ele poderá descobrir em Cristo sua verdadeira identidade e crescer até a plena maturidade; só assim o Evangelho poderá tocar em profundidade seu coração, curá-lo do mal e abri-lo a uma fé livre e pessoal.

Conscientes de que somos chamados a educar e evangelizar também mentalidades, linguagens, costumes e instituições, nós nos empenhamos na promoção do diálogo entre fé, cultura e religiões; isso ajudará a iluminar com o Evangelho os grandes desafios colocados à pessoa humana e à sociedade pelas mudanças de época, e transformar o mundo com o fermento do Reino.

26 Evangelização nos diversos contextos

A urgência de levar o anúncio do Senhor Ressuscitado impele-nos ao confronto com situações que ressoam em nós como apelo e preocupação: os povos ainda não evangelizados, o secularismo que ameaça terras de antiga tradição cristã, o fenômeno das migrações, as novas formas dramáticas de pobreza e de violência, a difusão de movimentos e seitas. Sentimo-nos interpelados também por algumas oportunidades como o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural; a nova sensibilidade pela paz, pela tutela dos direitos humanos e pela salvaguarda da criação; as muitas expressões de solidariedade e de voluntariado que se difundem sempre mais no mundo.

Esses elementos, reconhecidos pelas exortações apostólicas pós-sinodais continentais, são desafios para toda a Igreja e obrigam-nos a encontrar caminhos novos de comunicação do Evangelho de Jesus Cristo no respeito e na valorização das culturas locais. Por isso, a exigência para que as Regiões e Inspetorias se esforcem por individualizar as formas mais idôneas de realizar a missão comum na especificidade dos contextos.

SITUAÇÃO

27 Comunidade evangelizada e evangelizadora

Muitos Irmãos vivem com intensidade a paixão por Deus e pelos jovens. Esta se manifesta no desejo de uma vida consagrada mais profética, que se caracterize pela profundidade espiritual, pela fraternidade sincera e pela co-

ragem apostólica. Dessa forma, ao viver e trabalhar em comum, sentem que podem dar um testemunho autêntico e alegre do carisma e atrair os jovens ao confronto sério com a proposta cristã e com a vida consagrada.

Encontram-se, porém, superficialidade espiritual, ativismo frenético, estilo de vida burguesa, testemunho evangélico frágil, dedicação parcial à missão. Tudo isso é traduzido não só na dificuldade de fazer emergir a própria identidade de consagrados como também na timidez apostólica. A complexidade de certas obras, às vezes, leva ao risco de absorver as energias dos Irmãos em tarefas de gestão, enfraquecendo o compromisso primário de educadores e evangelizadores.

28 Centralidade da proposta de Jesus Cristo

A educação dos jovens à fé, relançada pelo CG23, reconhece o trabalho generoso de muitos Irmãos a propor experiências e percursos diversificados por idade, adaptados às diversas condições juvenis e realidades culturais. Apesar disso, constata-se que não foi plenamente acolhido o convite para criar itinerários que levem os jovens ao encontro do Senhor Jesus.

Nossas iniciativas nem sempre estão claramente orientadas para a educação à fé. Os processos de catequese são frágeis e, em muitos casos, não suscitam nos jovens uma vida sacramental convicta e regular, uma verdadeira pertença eclesial e um compromisso apostólico corajoso. A falta de organicidade e continuidade, fruto também de insuficiente reflexão e estudo, levou, às vezes, a atuar

mais uma pastoral de iniciativas e eventos que de processos. Em outros casos, as propostas não foram suficientemente inseridas na caminhada das Igrejas locais.

Experimenta-se em muitos contextos algum desânimo devido ao afastamento dos jovens em relação à fé, às resistências provocadas pela mentalidade secularista difusa também entre as famílias, à incompreensão em relação às tradições religiosas não-cristãs, à falta de coragem por parte dos educadores.

29 Evangelização e educação

Percebemos que o carisma Salesiano é parte viva das Igrejas locais e é estimado por elas. O Sistema Preventivo de Dom Bosco é mais atual do que nunca e goza, em todos os lugares, de grande força de atração. Muitos jovens estão abertos à busca do sentido da vida e disponíveis à proposta educativa e cristã séria e corajosa. Não faltam jovens dispostos, em primeira pessoa, ao empenho na evangelização dos coetâneos, particularmente no âmbito do associacionismo. Outros, porém, vítimas da desatenção educativa da sociedade hodierna, precisam da nossa ajuda para chegar ao conhecimento das profundas questões que também trazem dentro de si.

Constatamos o crescimento numérico de leigos e de membros da Família Salesiana que são co-responsáveis não só nos aspectos organizativos, como também na aceitação de tarefas pastorais em nossas obras e no próprio ambiente de vida. Frequentemente, porém, não nos preocupamos adequadamente em lhes oferecer uma formação sistemática.

Somos herdeiros de uma forte tradição no campo da pesquisa e das publicações no setor da catequese e da Pastoral Juvenil. Percebemos, contudo, o perigo do enfraquecimento desse empenho, dada a dificuldade de encontrar e preparar pessoal especializado e coordenar as iniciativas. Percebemos, ainda, nossa dificuldade de estar presentes de modo significativo no diálogo entre fé, cultura e religiões que constitui, hoje, um desafio fundamental para a nossa missão.

Foram potencializadas as instituições de educação superior a fim de responder às exigências de preparação acadêmica e profissional dos jovens. Esses centros são freqüentados por estudantes de diversas nacionalidades, culturas e religiões. Isso comporta o esforço de garantir não só a qualidade do ensino e da pesquisa, como também a identidade salesiana e a proposta de evangelização.

30 Evangelização nos diversos contextos

Encontramos, nas Regiões de recente evangelização, ambientes disponíveis ao anúncio do Evangelho. A localização popular das nossas presenças permite o contato com muita gente e oferece a possibilidade de atuar de variadas maneiras a serviço da fé. A *missio ad gentes*, parte essencial do nosso carisma, continua a suscitar entusiasmo em Irmãos, que se oferecem para a missão, e a envolver muitos jovens em projetos de voluntariado. Esforçamo-nos por conhecer e compreender as culturas, línguas, religiões e tradições locais para inculturar o Evangelho. Em alguns países em vias de desenvolvimento existem

Comunidades que exercem um papel profético no campo da justiça social.

Percebem-se, nos países de antiga tradição cristã, expressões de religiosidade popular que são uma grande riqueza para a transmissão da fé e que merecem ser mais bem conservadas, promovidas e, onde necessário, purificadas. Percebe-se, entretanto, no mundo ocidental, uma crise difusa da cultura inspirada nos valores cristãos, de modo que a Igreja não é mais um referencial autorizado para muitas pessoas e instituições. Aqui reside uma especial dificuldade no propor o Evangelho e educar à fé.

Muitas de nossas obras estão em contexto multirreligioso, multiétnico e multicultural que apresenta novos desafios e oportunidades à evangelização. Entre estas, sobressai-se de modo particular a relação com o Islã, que exige a definição de estratégias adequadas de diálogo e anúncio. Onde não for possível o anúncio explícito ou imediato de Jesus Cristo, nossa presença de educadores cristãos constitui um sinal profético e lança uma semente preciosa de evangelização.

LINHAS DE AÇÃO

31 Processos a ativar em vista da mudança

A fim de enfrentar as exigências do chamado e os desafios advindos da situação e realizar as conseqüentes linhas de ação, é preciso converter mentalidades e modificar estruturas, passando:

- de uma mentalidade que privilegia os papéis de gestão direta à que privilegia a presença evangelizadora entre os jovens;
- de uma evangelização feita de eventos sem continuidade a um itinerário sistemático e integral;
- de uma mentalidade individualista a um estilo comunitário que envolve jovens, famílias e leigos no anúncio de Jesus Cristo;
- de uma atitude de auto-suficiência pastoral à participação nos projetos das Igrejas locais;
- de uma consideração da eficácia da nossa presença em termos de estima dos outros à sua avaliação em termos de fidelidade ao Evangelho;
- de uma atitude de superioridade cultural à acolhida positiva das culturas diferentes da nossa;
- de uma consideração da Família Salesiana apenas como oportunidade de encontro, conhecimento e intercâmbio de experiências ao empenho para fazer dela um verdadeiro movimento apostólico em favor dos jovens;
- de um modelo de evangelização voltado apenas para a transformação da pessoa à evangelização que vise também à transformação das estruturas sociais e políticas.

LINHA DE AÇÃO 4

Comunidade evangelizada e evangelizadora

- 32** *Colocar o encontro com Cristo na Palavra e na Eucaristia como centro de nossas Comunidades, para sermos discípulos autênticos e apóstolos críveis.*

33 *O Salesiano*

- preveja no projeto de vida pessoal o tempo necessário para a oração individual e comunitária; cuide da meditação da Palavra de Deus; valorize o sacramento da Reconciliação e dê centralidade à Eucaristia cotidiana.

34 *A Comunidade*

- preveja, no projeto de vida comunitária, iniciativas oportunas que favoreçam a centralidade da Palavra de Deus e da Eucaristia;
- envolva os Irmãos idosos no trabalho de evangelização, segundo as suas capacidades, a fim de nela contribuírem com a própria experiência e sabedoria, também como guias espirituais e confessores.

35 *A Inspetoria*

- ofereça caminhos de forte renovação e subsídios adequados, cuidando da qualidade dos Exercícios Espirituais, dos retiros mensais e da *lectio divina*;
- garanta o acompanhamento formativo adequado aos tirocinantes e aos Irmãos do quinquênio.

LINHA DE AÇÃO 5

Centralidade da proposta de Jesus Cristo

- ### **36** *Propor aos jovens, com alegria e coragem, a vivência da existência humana como foi vivida por Jesus Cristo.*

37 *O Salesiano*

- aplique-se ao estudo sistemático e espiritual da Palavra de Deus, a fim de assimilá-la e fazer de Jesus a inspiração, o critério e o fim de toda ação educativo-pastoral;
- dê testemunho da fé, ao narrar aquilo que o encontro com Cristo realizou em sua vida;
- cuide da própria atualização nas disciplinas que permitem uma interpretação crítica do nosso tempo e uma proposta eficaz da fé.

38 *A Comunidade*

- formule no projeto educativo-pastoral itinerários de anúncio, de catequese e de educação à fé, adequados aos próprios destinatários e contextos;
- ofereça aos leigos da Comunidade educativo-pastoral, que já fizeram a opção cristã, uma formação que os ajude a serem educadores da fé;
- eduque os jovens à oração pessoal e promova um estilo celebrativo que comunique a experiência autêntica do encontro alegre e vivo com o Senhor Jesus;
- proponha, com frequência e sensibilidade educativa, o sacramento da Reconciliação como etapa essencial do caminho de conversão e a Eucaristia como fonte e cume da vida cristã;
- promova o associacionismo juvenil, como lugar em que os jovens sejam protagonistas no caminho de fé e no serviço aos Irmãos.

39 *A Inspetoria*

- reveja o projeto educativo-pastoral Inspetorial na óptica da nova evangelização, identificando as linhas

mais idôneas para levar o Evangelho também aos ambientes e situações que apresentam novos desafios;

- reforce a preparação dos Irmãos e dos leigos responsáveis no campo das disciplinas pastorais: Pastoral Juvenil, catequética, liturgia, missiologia e comunicação social.

40 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- promova, por meio do Dicastério da Formação, uma preparação teológico-pastoral mais consistente nos currículos da formação específica.

LINHA DE AÇÃO 6

Evangelização e educação

41 *Cuidar, em todos os ambientes, da integração mais eficaz entre educação e evangelização, na lógica do Sistema Preventivo.*

42 *O Salesiano*

- valorize a relação direta e cordial com os jovens como modalidade privilegiada para o testemunho e o anúncio.

43 *A Comunidade*

- examine a própria ação pastoral a fim de verificar se ela salvaguarda ao mesmo tempo a integridade do anúncio e a gradualidade da proposta, segundo a lógica do itinerário;

- interesse-se pela renovação da catequese e abra-se às novas formas de acompanhamento de crianças, jovens e adultos no caminho da iniciação cristã;
- cuide da formação da consciência moral e eduque os jovens ao empenho social e político segundo a inspiração da doutrina social da Igreja;
- promova reflexões oportunas sobre a relação entre fé, cultura e religiões para anunciar o Evangelho no interior das grandes questões que atravessam a consciência do homem de hoje.

44 *A Inspetoria*

- garanta que todas as obras, por meio da ação educativa, realizem um trabalho real de evangelização;
- prepare pessoal e promova iniciativas de formação que ajudem a valorizar a comunicação social na educação e na evangelização;
- acompanhe e verifique a qualidade do ensino da religião e da catequese em nossos ambientes.

45 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- cuide, por meio dos Dicastérios competentes, do aprofundamento da relação entre evangelização e educação, a fim de atualizar o Sistema Preventivo e adequar o quadro de referência da Pastoral Juvenil às alteradas condições culturais;
- promova, por intermédio do Dicastério da Pastoral Juvenil, uma reflexão sobre a contribuição que o critério oratoriano (cf. C 40) pode oferecer à renovação da catequese que se realiza na Igreja.

Evangelização nos diversos contextos

46 *Inculturar o processo de evangelização para responder aos desafios dos contextos regionais.*

47 *O Salesiano*

- aprenda as línguas dos povos com os quais trabalha a fim de garantir uma verdadeira evangelização inculturada.

48 *A Comunidade*

- estude e projete intervenções, métodos e estratégias de evangelização dos jovens do próprio contexto, em relação à cultura e às opções das Igrejas locais;
- forme, nos contextos multirreligiosos, jovens e adultos para serem discípulos missionários, no respeito às demais tradições religiosas.

49 *A Inspetoria*

- acompanhe as Comunidades no planejamento de respostas específicas aos desafios do contexto em que trabalha;
- proponha a Irmãos e leigos iniciativas de formação sobre o tema da inculturação da fé;
- promova o espírito missionário, coloque generosamente à disposição do Reitor-Mor pessoal Salesiano para a *missio ad gentes* e favoreça as vocações missionárias entre os leigos e as famílias;

- eduque os Irmãos em formação inicial para a sensibilidade missionária e para o diálogo com as diversas tradições culturais e religiosas.

50 *A Região*

- anime as Inspetorias a serem efetivamente capazes de promover a evangelização de modo contextualizado, seguindo as indicações das Conferências Episcopais e dos Sínodos continentais e compartilhando as experiências mais significativas.

51 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- promova experiências de Comunidades interculturais como sinal de comunhão e fraternidade e como ajuda à evangelização em contextos multiculturais e multiétnicos;
- acompanhe, com orientações oportunas, através dos Dicastérios para a missão salesiana, a ação de evangelização e educação em favor de jovens e famílias de outras religiões.

III. NECESSIDADE DE CONVOCAR

“Levantai os olhos e vede os campos como estão dourados, prontos para a colheita!” (Jo 4,35).

CHAMADO DE DEUS

“Respondendo às necessidades de seu povo, o Senhor continuamente e com variedade de dons chama a segui-lo para o serviço do Reino. Estamos convencidos de que muitos jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica. Ajudamo-los a descobrir, acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda a Igreja e da Família Salesiana. Com igual solicitude cuidamos das vocações adultas” (C 28).

52 Testemunho como primeira proposta vocacional

Reconhecemos, com gratidão, que a vocação salesiana é uma graça que recebemos de Deus. Ele nos chamou a viver na seqüela de Cristo obediente, pobre e casto, no interior de uma Comunidade fraterna, com uma missão juvenil, a exemplo de Dom Bosco. A primeira e mais bela proposta vocacional que podemos oferecer aos jovens é a generosidade de Irmãos e o exemplo de Comunidades que vivem o primado de Deus, o espírito de família e a dedicação à missão.

Estamos conscientes de que o jovem descobre o chamado à vida consagrada salesiana quando encontra uma Comunidade significativa, um modelo com o qual identificar-se, uma profunda experiência de vida espiritual e de trabalho pastoral, a ajuda de um guia que o acompanhe na opção por Cristo e no dom de si.

A carência de vocações vivida por algumas Inspetorias, ao mesmo tempo em que nos leva a uma revisão obrigatória, interpela-nos a crescer na autenticidade de vida e na capacidade de proposta. Estamos, de fato, convencidos de que Deus continua a chamar muitos jovens a serviço do Reino e que são vários os fatores que podem favorecer sua resposta.

53 Vocações para o empenho apostólico

Sentimos hoje, mais forte do que nunca, o desafio de criar uma cultura vocacional em todos os ambientes, de modo que os jovens descubram a vida como chamado e toda Pastoral Juvenil seja realmente vocacional. Isso exige ajudar os jovens a superar a mentalidade individualista e a cultura da auto-realização, que os leva a projetar o futuro sem colocar-se à escuta de Deus; isso também exige envolver e formar famílias e leigos.

Deve-se colocar um empenho especial em suscitar entre os jovens a paixão apostólica. Como Dom Bosco, somos chamados a encorajá-los a serem apóstolos dos seus companheiros, a assumirem várias formas de serviço eclesial e social, a se empenharem em projetos missionários. A fim de favorecer uma opção vocacional de tra-

balho apostólico, dever-se-á propor a esses jovens uma vida espiritual mais intensa e um acompanhamento pessoal sistemático.

Esse é o terreno no qual florescerão famílias capazes de testemunho autêntico, leigos empenhados em todos os níveis na Igreja e na sociedade e também vocações para a vida consagrada e para o ministério.

54 Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana

Dom Bosco, embora trabalhando com incansável generosidade na promoção de várias formas de vocações na Igreja, chamava alguns jovens a ficarem para sempre com ele. Também para nós a proposta da vocação consagrada salesiana dirigida aos jovens faz parte da fidelidade a Deus pelo dom recebido. O desejo de compartilhar a alegria de seguir o Senhor Jesus, ficando com Dom Bosco, para dar esperança a tantos outros jovens do mundo inteiro impele-nos a isso.

A promoção das vocações consagradas exige algumas opções fundamentais: oração constante, anúncio explícito, proposta corajosa, discernimento cuidadoso, acompanhamento personalizado. A oração deve ser empenho cotidiano das Comunidades e deve envolver jovens, famílias, leigos, grupos da Família Salesiana. O anúncio pede a valorização das múltiplas ocasiões vocacionais que se apresentam durante o ano litúrgico. A proposta e o discernimento exigem aquela proximidade cordial que suscita confiança e permite intuir os sinais de vocação

manifestados pelo jovem. O acompanhamento requer ajudar os jovens a intensificarem a vida espiritual, experimentarem formas adaptadas de apostolado, viverem a experiência de Comunidade, conhecerem a Congregação, examinarem as motivações e ativarem as dinâmicas que levam à decisão.

Reconhecemos a exigência de cada Inspeção ter Comunidades vocacionais ou aspirantados que acolham e acompanhem os jovens interessados em fazer uma experiência da vida consagrada salesiana. Nessa animação vocacional deve-se, pois, valorizar a contribuição indispensável das famílias, com modalidades diversificadas.

55 As duas formas da vocação consagrada salesiana

Dom Bosco quis que a Congregação fosse caracterizada pela presença complementar de Salesianos leigos e Salesianos ministros ordenados. Somos chamados, por isso, a dar prioridade e visibilidade à unidade da consagração apostólica, embora realizando-a de duas formas diferentes. Podemos fazê-lo ao reforçar o primado de Deus e a seqüela radical de Cristo como fundamento da nossa vida.

A consagração apostólica salesiana dá uma particular conotação educativa ao modo de ser ministro ordenado, ao colocar o anúncio da Palavra, a celebração litúrgica e a guia da Comunidade a serviço do crescimento dos jovens; é essa a contribuição específica que ele deve oferecer às Comunidades educativo-pastorais e às Igrejas locais.

A mesma consagração caracteriza o Salesiano Coadjutor ao fazer dele educador e evangelizador com dedicação exclusiva, capaz de levar a todos os campos educativos e pastorais o valor da sua laicidade e estar próximo dos jovens e das realidades do trabalho (cf. C 45).

Conscientes de que a Congregação poria sua identidade em risco, se não conservasse esta complementaridade, somos chamados a aprofundar a originalidade salesiana do ministério ordenado e promover mais intensamente a vocação do Salesiano Coadjutor.

SITUAÇÃO

56 Testemunho como primeira proposta vocacional

Numerosos Irmãos vivem alegremente e empenham-se em criar um ambiente familiar favorável ao surgimento das vocações. A atitude de muitos Salesianos que acolhem os jovens com gestos simples, mas significativos, como o cumprimento cordial, o entretenimento amigável, a presença animadora, torna-se testemunho vocacional. O exemplo da velhice serena e ativa e a oferta paciente dos Irmãos enfermos, que sabem dar à própria vida “um novo significado apostólico” (C 53), podem comunicar aos jovens a beleza da existência doada e ainda fecunda.

A carência de vocações sensibilizou Comunidades e Irmãos a refletirem sobre o modo de fazer hoje a animação vocacional. Muitas Comunidades rezam pelas

vocações convidando os jovens, os leigos e as famílias, com diversas modalidades de oração e celebração.

Nossa vida, porém, nem sempre manifesta a centralidade de Deus e o estilo de vida inspirado nas bem-aventuranças. Nem sempre estamos disponíveis a acolher os jovens em Comunidade. Ainda encontramos dificuldade para garantir o acompanhamento educativo e espiritual. O individualismo pastoral enfraquece o valor do viver e trabalhar juntos e torna pouco crível o convite a participar da nossa vida fraterna. Os comportamentos incoerentes com a vida consagrada, particularmente com o voto de castidade, e as evasões da Congregação influem negativamente sobre as opções dos jovens. Igualmente, a difundida cultura das mídias, que freqüentemente banalizam a afetividade e oferecem uma imagem distorcida do consagrado, constitui um obstáculo para o jovem identificar-se com essa vocação.

57 Vocações para o empenho apostólico

Numerosas Comunidades estão empenhadas em valorizar a dimensão vocacional da Pastoral Juvenil. Apesar disso, constata-se o risco da improvisação e da ocasionalidade; propõem-se freqüentemente experiências significativas, mas isoladas, fruto de atividades não coordenadas entre Pastoral Juvenil e animação vocacional.

A crise da família, a difusa mentalidade relativista e consumista, o influxo negativo das mídias sobre a consciência e o comportamento são um grande obstáculo à cultura vocacional. Nem sempre sensibilizamos oportunamente as Comunidades educativo-pastorais para a dimensão

apostólica e vocacional e nem sempre valorizamos a corresponsabilidade dos leigos e a colaboração com os grupos da Família Salesiana.

A presença de muitos jovens em nossos ambientes é ocasião para cultivar o diálogo educativo, entrar em confiança, ajudá-los a descobrirem o desígnio que Deus tem sobre suas vidas, convidá-los ao dom de si. Nem sempre, contudo, sabemos suscitar neles o desejo de serem apóstolos entre os companheiros, propondo-lhes caminhos espirituais e empenhos de serviços diversificados. Corremos, assim, o risco de rebaixar o nível da proposta e não saber suscitar vocações apostólicas, privando-nos do contexto natural em que podem amadurecer vocações de especial consagração.

58 Acompanhamento dos candidatos à vocação consagrada salesiana

Há algumas Inspetorias que têm um trabalho vocacional bem estruturado e compartilhado. Elas ativaram grupos vocacionais, retiros espirituais com caráter vocacional, experiências de voluntariado, Comunidades-proposta e novas formas de aspirantado. Elas servem-se, também, dos meios de comunicação social para favorecer o conhecimento do carisma de Dom Bosco.

Difunde-se bastante a prática de fazer os jovens Irmãos em formação inicial encontrar-se com os jovens em busca vocacional; isso resulta particularmente útil, pois através desse testemunho os jovens podem descobrir a vida consagrada como uma modalidade atraente de vida cristã.

Os adolescentes e os jovens são generosos, mas sentem dificuldade de assumir um compromisso prolongado. A mentalidade do recrutamento leva, às vezes, a encontrar candidatos à vida consagrada com fragilidade de motivações. Infelizmente, alguns jovens são introduzidos nas fases formativas sem a suficiente idoneidade. Outros provêm de uma situação familiar difícil, que é preciso conhecer e integrar de modo que não comprometa seu amadurecimento. A animação vocacional é orientada quase exclusivamente aos estudantes, enquanto descuidamos dos jovens trabalhadores.

Encontra-se, às vezes, no acompanhamento espiritual, uma falta de preparação nos Salesianos. Além disso, ainda se notam fragilidades, quer em âmbito Inspetorial quer local, na organização das iniciativas e propostas vocacionais. Quando não há continuidade de projeto, a mudança de encargo dos Irmãos que trabalham na animação vocacional torna-se particularmente delicada. Em algumas Inspetorias não há Comunidades de acompanhamento vocacional.

59 As duas formas da vocação consagrada salesiana

Muitos Salesianos presbíteros vivem seu ministério a serviço dos jovens, com estilo educativo fiel às intuições de Dom Bosco. Em alguns casos percebe-se, porém, “genericismo” pastoral e acolhida parcial da identidade carismática. Isso exige que se caracterizem sempre mais os itinerários da formação específica.

A vocação do Salesiano Coadjutor nem sempre é conhecida, por ter pouca visibilidade ou ser escassamente apresentada. Isso acontece porque o Coadjutor tem prevalência em papéis de gestão e não diretamente na atividade juvenil. Sua figura nem sempre é apresentada com adequado relevo nos aspirantados, pré-noviciados e noviciados. Em alguns contextos, permanece o preconceito de que a vocação do Salesiano sacerdote é mais importante do que a do Coadjutor. A redução da nossa presença entre os jovens trabalhadores também incidiu negativamente sobre a proposta dessa vocação.

Quando, ao contrário, um significativo número de Salesianos Coadjuntores cultural e profissionalmente qualificados é colocado em papéis de responsabilidade, favorece-se, então, a visibilidade dessa vocação e suscita-se nos jovens o desejo de segui-la. O surgimento, em todas as Regiões, da fase da formação específica do Salesiano Coadjutor foi positivo.

LINHAS DE AÇÃO

60 Processos a ativar em vista da mudança

A fim de enfrentar as exigências do chamado e os desafios advindos da situação e realizar as conseqüentes linhas de ação, é preciso converter mentalidades e modificar estruturas, passando:

- do sentirmo-nos protagonistas da animação vocacional ao reconhecer-nos humildemente como mediadores da ação de Deus;

- de uma proposta vocacional ocasional e genérica à projeção atenta e focada, que crie uma cultura vocacional;
- de uma animação vocacional feita isoladamente a projetos compartilhados com os grupos da Família Salesiana e com a Igreja local;
- de uma organização da animação vocacional como resposta ao problema da carência de vocações ao gesto renovado de ajudar os jovens na descoberta do projeto de Deus;
- de uma mentalidade de delegação da animação vocacional a poucos encarregados ao envolvimento de todos os Irmãos, Comunidades e leigos;
- da animação vocacional separada da Pastoral Juvenil à animação entendida e vivida como coroamento da mesma Pastoral Juvenil.

LINHA DE AÇÃO 8

Testemunho como primeira proposta vocacional

61 *Testemunhar com coragem e alegria o fascínio de uma vida consagrada entregue totalmente a Deus na missão juvenil.*

62 *O Salesiano*

- mantenha viva a consciência do dom da própria vocação, assumindo uma atitude de reconhecimento diante de Deus;
- empenhe-se no testemunho de uma vida alegre e compartilhe a própria história vocacional, quando se apresentar a oportunidade;

- cuide da fidelidade vocacional por meio de um constante recurso ao acompanhamento espiritual; nos momentos de dificuldade valorize também a ajuda oferecida pelas ciências humanas;
- reze cotidianamente pelas vocações;
- transforme, na velhice e na doença, a paciência exigida pelos incômodos e sofrimentos em confiante oferta pelas vocações.

63 *A Comunidade*

- abra a casa aos jovens, particularmente àqueles que estão em discernimento vocacional, convidando-os a compartilhar os principais momentos da vida comunitária;
- sustente o amadurecimento afetivo dos Irmãos, ajudando-os sobretudo nos momentos difíceis;
- faça anualmente um escrutínio sobre o próprio testemunho de vida;
- proponha ocasiões de oração pelas vocações, também com o envolvimento dos jovens.

64 *A Inspetoria*

- promova entre os Irmãos um forte sentido de pertença para testemunhar o valor do viver e trabalhar juntos.

LINHA DE AÇÃO 9

Vocações para o empenho apostólico

65 *Suscitar nos jovens o empenho apostólico pelo Reino de Deus com a paixão do “da mihi animas cetera tolle” e favorecer sua formação.*

66 *O Salesiano*

- esteja convencido de que todo jovem tem uma missão que vem de Deus e o acompanhe em sua descoberta.

67 *A Comunidade*

- elabore uma proposta de animação vocacional adequada ao contexto, envolva nela a Comunidade educativo-pastoral, a Família Salesiana, tendo presentes as opções da Igreja local e garantindo recursos econômicos adequados;
- cuide da pastoral familiar por meio de experiências de encontro, reflexão, oração, para que os pais estejam abertos à vocação dos filhos;
- valorize os recursos apostólicos e vocacionais do associacionismo, do voluntariado e da animação missionária;
- colha as oportunidades oferecidas pelo ano litúrgico para a animação vocacional;
- apresente com convicção a figura do Salesiano cooperador, como proposta de vocação apostólica laical.

68 *A Inspetoria*

- elabore uma proposta de animação vocacional no interior do projeto educativo-pastoral Inspetorial;
- garanta as condições para que o diretor possa realizar o papel de primeiro animador vocacional e reforce a figura do coordenador pastoral de cada obra;
- ofereça aos jovens experiências de serviço apostólico, associacionismo e voluntariado;

- colabore, na promoção vocacional, com os grupos da Família Salesiana, a Igreja local e outros institutos de vida consagrada;
- favoreça a atualização dos Salesianos e dos leigos co-responsáveis a respeito do discernimento e do acompanhamento vocacional;
- invista adequados recursos econômicos e de pessoal para as iniciativas de animação vocacional.

LINHA DE AÇÃO 10

Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana

69 *Fazer a proposta explícita da vida consagrada salesiana e promover novas formas de acompanhamento vocacional e de aspirantado.*

70 *O Salesiano*

- aprenda a reconhecer os sinais de vocação manifestados pelos jovens e preocupe-se em propor-lhes a vida consagrada salesiana;
- esteja disponível para o acompanhamento espiritual, e preocupe-se com a preparação pessoal.

71 *A Comunidade*

- organize encontros e grupos vocacionais com um itinerário para o discernimento e o acompanhamento;
- encaminhe os jovens disponíveis à participação das propostas Inspetoriais de discernimento vocacional para a vida consagrada salesiana;

- valorize as festas e ocorrências dos nossos santos e os aniversários das profissões e ordenações como ocasião de animação vocacional;
- favoreça a partilha de experiências sobre o modo de acompanhar os jovens na caminhada vocacional.

72 *A Inspetoria*

- estude a possibilidade de novas formas de aspirantado para ter uma ou mais Comunidades nas quais possa fazer o acompanhamento vocacional dos jovens candidatos;
- favoreça a reflexão e a colaboração entre Pastoral Juvenil e formação;
- proponha iniciativas de animação vocacional para todas as faixas da idade evolutiva com atenção ao amadurecimento afetivo;
- colabore com os grupos consagrados da Família Salesiana para propostas vocacionais voltadas também às jovens;
- preveja propostas vocacionais específicas para os jovens imigrantes de famílias católicas ou de minorias étnicas e para os autóctones;
- tenha em maior consideração os critérios indicados pela *Ratio* no discernimento vocacional;
- envolva os jovens Irmãos na animação vocacional em âmbito local e Inspetorial.

73 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- promova por meio dos Dicastérios para a Pastoral Juvenil e a formação uma reflexão sobre novas formas

- de aspirantado e o acompanhamento espiritual, e ofereça as orientações oportunas;
- estude com os Dicastérios da formação, da Pastoral Juvenil e das missões os problemas relativos à idade dos candidatos, aos percursos específicos para vocações autóctones, aos critérios para a aceitação dos que vêm de outras experiências vocacionais.

LINHA DE AÇÃO 11

As duas formas da vocação consagrada salesiana

74 *Promover a complementaridade e a especificidade das duas formas da única vocação salesiana e assumir um empenho renovado pela vocação do Salesiano Coadjutor.*

75 *O Salesiano*

- valorize e promova a unicidade da vocação consagrada salesiana em suas formas complementares.

76 *A Comunidade*

- acompanhe os Irmãos ordenados para que distingam o próprio ministério pelo carisma educativo, privilegiando os trabalhos pastorais que tenham os jovens como finalidade direta;
- favoreça a presença dos Irmãos Coadjuutores entre os jovens em papéis de animação educativo-pastoral e não só em âmbitos organizativos e administrativos;
- torne conhecida a figura do Salesiano Coadjutor, ao apresentar os modelos mais significativos desta vocação.

77 *A Inspetoria*

- faça da celebração da profissão perpétua uma oportunidade para aprofundar e propor a complementaridade das duas formas da vocação salesiana;
- favoreça, onde for possível, a presença de Salesianos Coadjuutores nos diversos serviços de animação Inspetorial, particularmente na animação vocacional e na comissão Inspetorial para a formação;
- apóie a formação específica do Salesiano Coadjuutor, que está acontecendo em âmbito regional e inter-regional.

78 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- promova uma reflexão séria e atualizada sobre a complementaridade e especificidade das duas formas de vocação consagrada salesiana da Congregação.

IV. POBREZA EVANGÉLICA

“Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (Mt 19,21).

CHAMADO DE DEUS

“Dom Bosco viveu a pobreza como desapego do coração e generoso serviço aos Irmãos, com um estilo austero, industrioso e rico de iniciativas. A seu exemplo, também nós vivemos no desapego de qualquer bem terreno e participamos com espírito empreendedor na missão da Igreja no seu empenho pela justiça e pela paz, de modo especial mediante a educação dos necessitados. O testemunho da nossa pobreza, vivida na comunhão de bens, ajuda os jovens a superar o instinto de posse egoísta e os abre ao sentido cristão da partilha” (C 73).

79 Testemunho pessoal e comunitário

Ao assumir a condição humana, o Senhor Jesus optou por nascer e viver pobremente, entregou-se totalmente a Deus, compartilhou a condição de vida dos pobres e proclamou-os bem-aventurados enquanto destinatários da boa-nova e herdeiros do Reino. Pediu a alguns que deixassem tudo para segui-lo mais de perto, a anunciar com a vida que Deus é a verdadeira riqueza. Desse chamado

nasce a pobreza do Salesiano que exprime o abandono confiante ao Pai, a proximidade e o serviço aos pobres, a bem-aventurança de uma existência preenchida pelo amor a Deus e aos Irmãos.

Dom Bosco, homem de origens humildes, experimentou desde pequeno os incômodos e os valores de uma existência pobre. Com mamãe Margarida aprendeu o gosto pelo trabalho e a sobriedade, a serenidade nas provações e a solidariedade com os necessitados. Ao colocar total confiança na Providência, decidiu viver pobremente e gastar todas as suas energias pelos jovens aos quais Deus o enviara: “Por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida” (C 14). O significado profundo do “*cetera tolle*” está no desapego de tudo que torne insensível a Deus e crie obstáculos à missão, e constitui o critério para rever nosso modo de viver a pobreza.

A primeira manifestação da pobreza é a entrega total de si a Deus, na disponibilidade às exigências dos jovens; isso comporta renunciar a si mesmo e aos projetos individuais para compartilhar os da Comunidade. Conscientes da admoestação de Dom Bosco sobre as comodidades e as riquezas, somos chamados a viver um estilo de vida austero, a assumir o trabalho incansável sem ceder ao ativismo, a manter livre o coração do apego a bens e instrumentos. A Comunidade, de modo particular, sente-se chamada a buscar formas institucionais de testemunho que manifestem uma pobreza crível e profética.

80 Solidariedade com os pobres

À força da nossa vocação, somos chamados a cultivar a escuta atenta e participante do clamor dos pobres e propor-lhes o anúncio do Reino como fundamento da verdadeira esperança e fermento de um mundo novo. Isso comporta opção preferencial pelos jovens mais carentes, atenção às suas necessidades, participação na sua situação, superação da mentalidade assistencialista e paternalista, empenho por torná-los protagonistas do próprio desenvolvimento.

Fiéis ao nosso carisma, não nos contentamos com oferecer ajudas imediatas, mas queremos denunciar e contrastar as causas da injustiça; contribuir para criar uma cultura de solidariedade; educar a consciência moral, a cidadania ativa, a participação política, o respeito pelo ambiente; propor iniciativas e projetos de intervenção; colaborar com organismos e instituições que promovam a vida. Tal empenho exige que se renove na Comunidade e nos ambientes educativos a sensibilidade a essas temáticas e se supere o aburguesamento que provoca indiferença pelo drama mundial da pobreza.

81 Gestão responsável e solidária dos recursos

Dom Bosco recorda-nos que “tudo o que temos não é nosso, mas dos pobres; ai de nós se não fizemos bom uso disso” (C 79). A prática da pobreza requer, portanto, a gestão dos recursos que nos são confiados coerente com as finalidades da missão, responsável, transparente e solidária. Isso significa, entre outras coisas, prestação

de contas clara e completa, uso racional e otimizado dos imóveis, audácia na busca de recursos necessários para garantir a sustentabilidade das obras, respeito às normas dos contratos de trabalho, atenção às condições do ambiente social em que vivemos, redescoberta do valor da gratuidade na hospitalidade e na prestação de alguns serviços, solidariedade com as Comunidades, as Inspetorias e a Congregação.

Os desafios da ilegalidade difusa, da injustiça planetária e do monopólio dos bens por parte de poucos conclamam-nos a denunciar esses escândalos e a elaborar a cultura da essencialidade, da distribuição justa dos recursos, do desenvolvimento sustentável. A pobreza assume, assim, um forte valor educativo: afirma o primado do ser sobre o ter, cria a autêntica solidariedade cristã com os pobres, contesta estilos de vida consumistas.

SITUAÇÃO

82 Testemunho pessoal e comunitário

Os Irmãos, em geral, dão testemunho de trabalho generoso e dedicação gratuita até a idade avançada, colocando a serviço dos pobres aquilo que são e têm; apesar da queda numérica dos Irmãos, as Comunidades levam adiante muitas obras em frentes diversificadas.

Às vezes corremos o risco de reduzir o exercício da pobreza à dependência do superior; constata-se também uma gestão irregular do dinheiro e a existência de contas pessoais. Nem sempre a sobriedade é vivida na alimen-

tação, no alojamento, nas viagens, nos instrumentos de comunicação, na organização dos tempos de repouso, no cuidado com a saúde. Verifica-se, em alguns contextos, o apego exagerado à família de origem e ao seu sustento, incoerentes com o voto de pobreza.

Em numerosas Comunidades, vive-se a partilha dos bens e ajudam-se as famílias pobres. Há Irmãos que se prestam para o cuidado e a manutenção da casa, mas o aumento de funcionários traz o risco de enfraquecer a co-responsabilidade nos serviços comuns. A falta de envolvimento na gestão econômica da Comunidade e a informação insuficiente levam alguns a não tomarem consciência das dificuldades da casa, do custo de vida, dos problemas cotidianos enfrentados pelos pobres. Nem sempre o *scrutinium paupertatis* consegue modificar as práticas incorretas.

Às vezes, na formação inicial, a atenção à pobreza evangélica vivida concretamente no cotidiano parece falha: conhecem-se as exigências do voto de pobreza, mas, na prática, não se aprende a pensar e a viver como pobres.

83 Solidariedade com os pobres

São numerosas as intervenções para contrastar as formas mais graves de pobreza, como a acolhida dos imigrantes, os projetos de apoio ao desenvolvimento, a ajuda aos povos provados pela guerra e pelas calamidades naturais, a promoção humana nos territórios de missão. É importante o trabalho que realizamos nas instituições escolares para educar às exigências da justiça e a causa da paz; ne-

las propomos a cultura da solidariedade com iniciativas em favor dos mais carentes e dos excluídos. Trabalhamos pelos pobres, mas, às vezes, não ao lado deles e com eles; de fato, nem sempre estamos atentos para favorecer seu protagonismo nos projetos de desenvolvimento. Nota-se resistência em alguns Irmãos para caminhar em direção aos jovens mais carentes e oferecer-se para novas presenças nas fronteiras das pobreza juvenis.

As estruturas imponentes, às vezes não mais significativas em relação ao contexto social, os meios freqüentemente custosos e vistosos, o uso incorreto do dinheiro, correm o risco de não dar testemunho de pobreza comunitária e institucional. Até mesmo algumas obras iniciadas em favor dos mais pobres foram-se dirigindo gradualmente às classes médias.

84 Gestão responsável e solidária dos recursos

Muitos esforços foram feitos para se conseguir maior transparência na administração, particularmente com apresentação mais cuidadosa do balanço consultivo, melhor utilização dos edifícios, maior sensibilidade com relação às normas vigentes, uma concreta solidariedade em âmbito Inspetorial. Encoraja-nos o fato de que benfeitores privados, instituições eclesiais e públicas continuem a ter confiança em nosso trabalho e a conceder recursos para o sustento de nossas obras.

Nem sempre temos a competência necessária para a gestão dos recursos econômicos; apesar do esforço em qualificar os ecônomos, nem todos gozam de prepara-

ção adequada. É pouco difundida a prática do balanço preventivo. Nota-se, às vezes, na relação com os funcionários, um estilo patronal, pouco respeitoso da sua dignidade; é preciso referir-se sempre à prática de uma justiça social mais atenta a eles. Tem-se dificuldade também de co-responsabilizar os leigos nas opções de gestão.

As urgências e a complexidade crescentes de certas atividades correm o risco de transformar a obra salesiana em empresa, com o perigo de um excessivo funcionalismo e eficientismo, sobretudo quando se enfraquecem as finalidades pastorais. Na condução de projetos de grandes dimensões, relativos a novas estruturas e reestruturações, corre-se freqüentemente o risco de perder energias, tempo e dinheiro.

LINHAS DE AÇÃO

85 Processos a ativar em vista da mudança

A fim de enfrentar as exigências do chamado e os desafios advindos da situação e realizar as conseqüentes linhas de ação, é preciso converter mentalidades e modificar estruturas, passando:

- da dedicação apostólica pouco convicta à entrega incondicional às exigências da missão;
- da estima teórica e da observância formal da pobreza à prática efetiva e à verdadeira liberdade interior no espírito das bem-aventuranças;

- do conhecimento genérico e distante das situações de pobreza à solidariedade concreta com os pobres e um empenho maior pela justiça social;
- da mentalidade local, fechada em si mesma à solidariedade Inspetorial e mundial;
- da competência inadequada à aproximação mais profissional na administração;
- da mentalidade patronal na gestão dos recursos à consciência de que somos administradores de bens confiados a nós.

LINHA DE AÇÃO 12

Testemunho pessoal e comunitário

86 ***Dar testemunho crível e corajoso de pobreza evangélica, vivida pessoal e comunitariamente no espírito do “Da mihi animas, cetera tolle”.***

87 ***O Salesiano***

- cultive o desapego interior lembrando-se das palavras de Dom Bosco: “a pobreza, é preciso tê-la no coração para praticá-la”;
- manifeste sua pobreza com o trabalho assíduo e sacrificado, fugindo da preguiça e do frenesi; preste-se também para os trabalhos e serviços domésticos;
- cuide da saúde e programe, de acordo com a Comunidade, os oportunos tempos de repouso;
- viva a temperança desejada por Dom Bosco com um teor de vida sóbrio na alimentação, no vestuário, nas viagens, no mobiliário, no uso dos instrumentos de

trabalho, das mídias e do tempo ou aceitando com maturidade o desconforto pela falta de algum bem útil ou necessário;

- redescubra as exigências da dependência com relação ao superior e à Comunidade (cf. C 75) e da partilha dos bens requerida pelas Constituições (cf. C 76); preste contas dos bens recebidos a qualquer título.

88 *A Comunidade*

- garanta que os Irmãos conheçam e ponham em prática as orientações do diretório Inspetorial – seção pobreza e administração –, em particular as que se referem ao uso pessoal dos bens e dos instrumentos tecnológicos;
- faça anualmente o *scrutinium paupertatis* para um testemunho mais crível;
- prepare o balanço preventivo anual, apresente o balanço consultivo, informe regularmente os Irmãos sobre a situação econômica e sensibilize-os sobre o custo de vida; entregue pontualmente à Inspetoria o dinheiro da gestão que resultasse excedente (cf. R 197).

89 *A Inspetoria*

- elabore um plano de solidariedade econômica que garanta a justa distribuição dos recursos e defina os critérios para garantir um teor de vida comum nas várias Comunidades;
- cuide para que haja coerência entre as orientações sobre a pobreza propostas aos Irmãos em formação inicial e a prática efetiva de cada um e das Comunidades.

LINHA DE AÇÃO 13

Solidariedade com os pobres

90 *Desenvolver a cultura da solidariedade com os pobres no contexto local.*

91 *A Comunidade*

- exprima solidariedade com os pobres não só com beneficências, mas também com opções que incidam em seu teor de vida;
- eduque, em colaboração com a Comunidade educativo-pastoral, para a cultura da solidariedade, ajudando os jovens a interpretarem com espírito crítico os fenômenos econômicos e sociais do nosso tempo, envolvendo-os em iniciativas e projetos de promoção e desenvolvimento, favorecendo a adesão a iniciativas de justiça solidária;
- eduque para o respeito à diversidade étnica e religiosa e promova o espírito de fraternidade.

92 *A Inspetoria*

- preveja, para os Irmãos em formação inicial, experiências a serviço dos jovens desfavorecidos;
- escolha as áreas de maior pobreza ao abrir novas obras.

93 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- ajude as Inspetorias a crescerem no empenho em favor da justiça social;
- apóie as instituições que promovam os direitos dos jovens e, quando possível e oportuno, tomem posição em nome da Congregação contra a sua violação.

Gestão responsável e solidária dos recursos

94 *Gerir os recursos de modo responsável, transparente, coerente com os fins da missão, ativando as formas de controle necessárias em nível local, Inspetorial e mundial.*

95 *A Comunidade*

- verifique periodicamente objetivos e estratégias da obra, para evitar que ela se torne uma atividade empresarial, mais que um serviço de educação e evangelização;
- garanta que o movimento financeiro de todos os setores tenha o departamento administrativo como referência (cf. R 198), o inventário seja atualizado e, na troca do pessoal administrativo, sejam transmitidas todas as informações necessárias;
- garanta o bom planejamento e gestão dos funcionários, respeitando e fazendo respeitar direitos e deveres sancionados pela legislação;
- seja responsável pelo planejamento, execução e monitoramento dos trabalhos de construção e manutenção, de acordo com o ecônomo Inspetorial (cf. R 195);
- estude a própria situação econômica, para garantir a sustentabilidade da obra e, se dependente de ajudas externas, para encaminhar planos de financiamento de automanutenção;
- dê atenção ao uso correto dos financiamentos provenientes de outras entidades ou instituições;
- respeite as intenções dos benfeitores.

96 *A Inspetoria*

- acompanhe, com a ajuda de leigos competentes, confiáveis e participantes do nosso espírito, a gestão econômica de cada casa e faça as revisões necessárias;
- promova a sensibilidade ética na gestão e utilização dos meios financeiros, servindo-se de profissionais disponíveis nesse âmbito;
- faça com que as estruturas das nossas obras sejam idôneas para a realização da missão, adequadamente utilizadas e cuidadas em sua manutenção;
- leve em consideração, ao solicitar financiamentos, as linhas do projeto orgânico Inspetorial, para evitar a ativação de iniciativas e estruturas não sustentáveis ao longo do tempo;
- repense a formação inicial em relação à pobreza, ajudando os Irmãos a usarem corretamente tempo, bens e dinheiro; oferecendo noções essenciais de contabilidade e gestão; envolvendo-os na condução da casa;
- eduque as Comunidades para a sensibilidade ecológica, apoiando as iniciativas que são postas em ação no território pelo respeito ao ambiente, ao uso de energia alternativa e à economia dos recursos;
- estude a possibilidade de contratos comuns para a aquisição de bens e a gestão dos gastos e proponha-os às Comunidades em vista de maior economia.

97 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- solicite uma solidariedade mais concreta de recursos e pessoal entre as Inspetorias e Regiões, também através da fórmula de *gemellaggio*;

- vigie para que a gestão dos recursos financeiros das Inspetorias seja feita de modo ético e solidário;
- assegure a supervisão efetiva da ação dos economatos Inspetoriais e verifique, ao mesmo tempo, o processo de atuação dos projetos financiados pela Congregação;
- dê orientações para que a distribuição da beneficência aconteça pelos canais institucionais em nível de Direção Geral e de Inspetoria; vigie para que haja uma justa distribuição dos recursos e sejam respeitadas as intenções dos benfeitores;
- estude, por meio do Dicastério da Comunicação Social, a oportunidade de utilizar o sistema Free-Libre Open Source Software e dê orientações às Inspetorias.

V. NOVAS FRONTEIRAS

*“O Espírito do Senhor está sobre mim,
pois ele me consagrou com a unção,
para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18).*

CHAMADO DE DEUS

“Nossa ação apostólica realiza-se em pluralidade de formas, determinadas em primeiro lugar pelas exigências daqueles a quem nos dedicamos. Realizamos a caridade salvífica de Cristo, organizando atividades e obras de escopo educativo-pastoral, atentos às necessidades do ambiente e da Igreja. Sensíveis aos sinais dos tempos, com espírito de iniciativa e constante flexibilidade, nós as avaliamos e renovamos, e criamos outras novas. A educação e a evangelização de muitos jovens, sobretudo entre os mais pobres, movem-nos a procurá-los no ambiente em que vivem e encontrá-los em seu estilo de vida com formas adequadas de serviço” (C 41).

98 Principal prioridade: os jovens pobres

Dom Bosco, ao caminhar pelas ruas de Turim, constatou as carências da “juventude periclitante” e respondeu prontamente às suas necessidades ao abrir novas frentes de trabalho e ao agir também com “temeridade” desde que “ganhasse almas para Deus”. Ao percorrer as ruas do mundo também nos defrontamos com o rosto de jo-

vens imigrantes, jovens explorados pelo turismo sexual e pelo trabalho infantil; rostos dos dependentes de drogas, portadores de HIV e doentes de Aids; rostos dos excluídos sociais, sem trabalho, vítimas da violência, da guerra e dos fanatismos religiosos, das crianças-soldado, dos meninos de rua, deficientes físicos e psíquicos, jovens em situação de risco. Causa-nos profunda impressão alguns lugares de marginalização em que os jovens vivem, como as periferias das cidades e as favelas, e algumas situações de marginalização como as dos refugiados, indígenas, ciganos e outras minorias étnicas. Reconhecemos, também, as expectativas dos jovens espiritual e culturalmente pobres, que solicitam nosso empenho: jovens que perderam o sentido da vida, carentes de afeto pela instabilidade da família, desiludidos e esvaziados pela mentalidade consumista, indiferentes quanto à religião, desmotivados pelo permissivismo, pelo relativismo ético, pela difusa cultura de morte.

Dom Bosco sentiu-se enviado por Deus para responder ao clamor dos jovens pobres e intuiu que, se era importante dar respostas imediatas ao seu sofrimento, era ainda mais importante prevenir suas causas. A seu exemplo, queremos ir ao encontro deles, convencidos de que a ação preventiva é justamente o modo mais eficaz de responder às suas pobrezaas. Percebemos, por isso, a necessidade de aprofundar seu sistema educativo para explicitar suas tarefas em vista da superação do sofrimento e da marginalização juvenis: educação ética, promoção da dignidade da pessoa, empenho sociopolítico, exercício da cidadania ativa, defesa dos direitos dos menores, luta contra a injustiça e construção da paz. Ao reconhecer que

se encontram nos jovens pobres abertura e disponibilidade ao Evangelho, a eles, com coragem, anunciamos Jesus Cristo e propomos caminhos de fé.

99 Outras prioridades: família, comunicação social, Europa

Atenção particular deve-se reservar à atual situação da família, sujeito originário da educação e primeiro lugar de evangelização. A Igreja inteira tomou consciência das graves dificuldades nas quais a família se encontra e percebe a necessidade de oferecer ajudas extraordinárias para sua formação, seu desenvolvimento e o exercício responsável da sua missão educativa. Por isso, também nós somos chamados a fazer com que a Pastoral Juvenil esteja sempre mais aberta à pastoral familiar.

Sentimo-nos interpelados, ainda, pelas novas tecnologias da comunicação social e pelos desafios educativos impostos por elas. As atuais oportunidades de comunicação tornam-se para os jovens um modo habitual de encontrar-se, trocar mensagens, participar com rapidez e mobilidade, mas também de modo impessoal e virtual. A cultura dos *personal media* pode comprometer o amadurecimento da capacidade de relação e expor, sobretudo os jovens, ao perigo de encontros e dependências fortemente negativas; é nesse “pátio” que devemos estar presentes para escutar, iluminar, orientar.

Compartilhamos a preocupação da Igreja pelo futuro do Evangelho no mundo ocidental e, de modo particular, na Europa. Vai-se enfraquecendo sempre mais, de fato, a

referência às raízes cristãs que contribuíram para a identidade do continente, inspiraram o pensamento, o costume e a arte, orientaram a história dos povos, enriqueceram a Igreja de figuras esplêndidas de santidade, nutriram por séculos o entusiasmo missionário no mundo todo. Devido à interdependência entre os povos, o destino da Europa envolve o mundo inteiro e torna-se preocupação da Igreja universal. Abre-se assim uma nova fronteira em relação ao passado; para nós Salesianos é um convite a “dirigir uma crescente atenção à educação dos jovens à fé” (cf. *Ecclesia in Europa*, n. 61).

100 Novos modelos na gestão das obras

A atenção às novas fronteiras empenha-nos a renovar nossa mentalidade, cultivando a co-responsabilidade nos projetos, que jamais são do indivíduo, mas da Comunidade salesiana e da Comunidade educativo-pastoral. As novas carências dos jovens requerem o desapego pessoal de papéis, situações e ligações que ameacem a real disponibilidade à mudança, como também a coragem apostólica que se dispõe a repensar iniciativas e obras para melhor responder às suas exigências.

O novo modelo de gestão das obras exige que seja garantida consistência quantitativa e qualitativa da Comunidade; co-responsabilidade real dos Irmãos e dos leigos; disponibilidade do diretor para a sua missão primária; promoção de novas formas de presença mais flexíveis; planejamento comum com a Família Salesiana e trabalho em rede com outras organizações e agências educativas, em sinergia com a Igreja local e a sociedade.

Isso permitirá dar vida a “novas presenças”, ou seja, a projetos inéditos em resposta às necessidades emergentes, ou renovar as obras e as propostas já existentes para torná-las “presenças novas”, ou seja, mais eficazmente orientadas à missão.

SITUAÇÃO

101 Prioridade principal: os jovens pobres

É difusa a atenção às muitas formas de pobreza presentes no mundo de hoje e, em particular, aquelas que ameaçam o presente e o futuro dos jovens. É intenso o trabalho da Congregação em favor do desenvolvimento humano e da promoção social nas áreas onde a pobreza é mais evidente. Em nossas casas, os jovens são acolhidos sem discriminação e nosso serviço educativo-pastoral é oferecido a todos. Resultam particularmente eficazes as obras que preparam os jovens para o mundo do trabalho ao oferecer-lhes profissionalização e acompanhamento.

Surgiram, nas Inspetorias, experiências positivas para responder às pobreza emergentes. Desenvolve-se o trabalho em rede, em colaboração com a Família Salesiana, com educadores e voluntários das Comunidades educativo-pastorais, com pessoas do mundo eclesial, social e associativo, com organizações não-governamentais. Os aspectos positivos que favorecem a abertura às novas fronteiras são constituídos pela aumentada capacidade de pensar e agir por meio de projetos, pela confiança e disponibilidade das instituições privadas e públicas, pelo

esforço de investir na formação para habilitar Salesianos e leigos a respostas adequadas.

Há, porém, certa resistência a renovar, requalificar, converter nossa mentalidade. É ainda frágil a formação de Salesianos e leigos para saber ler os sinais dos tempos e esconjurar o perigo do distanciamento dos jovens. Às vezes, nosso trabalho educativo não consegue alcançar quem está fora do nosso ambiente. A fim de responder às novas pobreza, as Inspetorias entregaram-se ao espírito empreendedor de algum Irmão sensível e deixaram de colocar em ação iniciativas programadas em comum.

102 Outras prioridades: família, comunicação social, Europa

A situação da família suscita, em quase todos os contextos, uma preocupação especial. Ela está ameaçada não só pelo difuso relativismo ético como também por processos de deslegitimação institucional. Chega-se até a desagregação e o reconhecimento de outras formas de uniões, com conseqüências graves no plano educativo, como abandono dos menores, convivências impostas, violência doméstica. Por isso, cresceu nas Inspetorias a atenção à família, referência essencial para a educação, mas os esforços feitos até agora ainda são insuficientes.

Cresceram a sensibilidade e o esforço da Congregação na fronteira da comunicação social. Sinais disso são, por exemplo, a instituição da Faculdade de Ciências da Comunicação Social na UPS; a ativação de diversos proje-

tos para a educação ao uso crítico das mídias; a crescente presença de sítios institucionais na Internet; a maior familiaridade com a rede informática, quer para intercâmbios pessoais quer para formação à distância; a nova organização do Dicastério para a Comunicação Social. Temos consciência, contudo, de que os mundos virtuais habitados pelos jovens são múltiplos, e nem sempre somos capazes de compartilhá-los e animá-los por falta de formação, tempo e sensibilidade.

Assistimos nos últimos decênios ao progressivo enfraquecimento da presença salesiana em algumas nações da Europa. A preocupante redução das vocações levou os Irmãos a manterem o mais possível as presenças e atividades, a envolver os leigos, a redefinir os limites das Inspetorias, a construir projetos comuns para corresponder melhor aos desafios da educação e da evangelização. Percebe-se a insustentabilidade desse esforço sem um projeto corajoso por parte de toda a Congregação.

103 Novos modelos na gestão das obras

Em algumas Inspetorias, obtiveram-se, no trabalho em favor dos pobres, bons resultados ao formar, envolver e co-responsabilizar os leigos. Trata-se de uma atenção sempre mais difundida, mas ainda não adequadamente assumida em todas as nossas presenças.

Verifica-se, às vezes, um modelo organizativo que não soube renovar-se segundo a exigência dos tempos: permanece a mentalidade herdada do estilo tradicional de condução das casas. Isso se manifesta, por exem-

plo, na organização rígida das atividades, na atenção insuficiente aos ritmos de vida dos jovens, na lentidão para realocar ou requalificar presenças e obras, na dificuldade de co-responsabilizar os leigos nos papéis de decisão.

A fim de nos adequarmos às alteradas condições dos tempos, adotamos freqüentemente a estratégia da ampliação das obras levando-as a dimensões difíceis de gerir e não mais capazes de responder às novas necessidades com a agilidade e urgência que elas requerem.

LINHAS DE AÇÃO

104 Processos a ativar em vista da mudança

A fim de enfrentar as exigências do chamado e os desafios advindos da situação e realizar as conseqüentes linhas de ação, é preciso converter mentalidades e modificar estruturas, passando:

- de uma atenção ocasional aos jovens pobres a projetos focados e duradouros a serviço deles;
- de uma mentalidade assistencialista ao envolvimento dos jovens pobres para que sejam protagonistas do próprio desenvolvimento e se empenhem no âmbito sociopolítico;
- de uma intervenção direta pelas vítimas da injustiça ao trabalho em rede para combater suas causas;
- de uma Pastoral Juvenil insuficientemente atenta aos contextos familiares ao maior investimento de energias em favor da família;

- da atitude tímida de uma presença esporádica nas mídias ao uso responsável delas e à animação educativa e evangelizadora mais incisiva;
- de uma situação de progressivo enfraquecimento das obras em alguns países da Europa ao relançamento do carisma;
- de uma tendência a concentrar-se na gestão de obras já consolidadas à flexibilidade corajosa e criativa;
- de uma ação educativa auto-suficiente ao trabalho em rede com os que levam a sério as carências dos jovens.

LINHA DE AÇÃO 15

Principal prioridade: os jovens pobres

105 *Fazer opções corajosas em favor dos jovens pobres e em situação de risco.*

106 *A Comunidade*

- enfrente as novas pobreza vividas pelos jovens do território e mantenha viva a sensibilidade para as formas mais graves;
- exprima a predileção pelos pobres ao projetar, com a Comunidade educativo-pastoral, iniciativas claramente dedicadas aos jovens mais pobres do território;
- sinta-se particularmente solidária com as obras da Inspeção dedicadas aos mais pobres;
- busque respostas para as pobreza espirituais dos jovens e proponha experiências e percursos que despertem a dimensão religiosa da vida e os ajudem a descobrir Jesus como Salvador.

107 *A Inspetoria*

- garanta que, no projeto orgânico Inspetorial, haja obras claramente dedicadas aos jovens pobres e em situação de risco, e prepare pessoal qualificado;
- assegure que, no projeto educativo-pastoral de cada obra, seja oferecida uma proposta de formação humana e de educação à fé, adequada à situação dos jovens pobres;
- tome com coragem, onde for necessário, a decisão de realocar e redimensionar suas obras para que estejam a serviço dos jovens pobres e das camadas populares;
- estude a possibilidade de ativar projetos e criar espaços a fim de dar aos jovens uma alternativa para formas de diversão física e moralmente perigosas;
- promova a defesa dos direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e denuncie sua violação com coragem profética e sensibilidade educativa.

LINHA DE AÇÃO 16

Outras prioridades: família, comunicação social, Europa

108 *Assumir uma atenção privilegiada pela família na Pastoral Juvenil; potencializar a presença educativa no mundo das mídias; relançar o carisma Salesiano na Europa.*

109 *A Comunidade*

- envolva e forme os pais na ação educativa e evangelizadora dos filhos;

- promova itinerários de educação afetiva, sobretudo na adolescência, e acompanhe os jovens na experiência do namoro, valorizando a contribuição dos pais, dos leigos co-responsáveis e dos membros da Família Salesiana;
- favoreça novas formas de evangelização e catequese das famílias e por meio delas;
- preveja projetos educativos que ajudem os jovens no uso crítico e responsável dos vários tipos de mídia (*mass, folk, personal*, convergentes etc.) e encoraje seu protagonismo no âmbito da comunicação social e da expressão juvenil e popular;
- use as tecnologias da comunicação social para dar maior visibilidade à própria presença e difundir o carisma.

110 *A Inspetoria*

- coordene e apóie os esforços das Comunidades educativo-pastorais na educação afetiva dos jovens e no acompanhamento dos namorados;
- defina uma estratégia realista para favorecer uma presença educativa mais incisiva no mundo das mídias e das expressões artísticas juvenis e populares, e prepare pessoal qualificado nesse âmbito;
- promova, com os leigos e a Família Salesiana, projetos de pastoral familiar.

111 *O Reitor-Mor com seu Conselho*

- ofereça, por meio do Dicastério da Pastoral Juvenil, orientações sobre os itinerários de educação afetiva dos jovens, a fim de apoiar o trabalho das Inspetorias e Comunidades;

- reflita, por meio dos Dicastérios para a comunicação social, formação e Pastoral Juvenil, sobre os novos desafios da cultura da *personal media* para a formação dos Salesianos, a preparação dos leigos, a ajuda aos jovens;
- defina a natureza e os objetivos da intervenção da Congregação em vista de uma renovada presença salesiana na Europa.

LINHA DE AÇÃO 17

Novos modelos na gestão das obras

112 *Rever o modelo de gestão das obras para uma presença educativa e evangelizadora mais eficaz.*

113 *A Inspetoria*

- reforce a consistência quantitativa e qualitativa da Comunidade salesiana e ajude-a a discernir qual é sua principal responsabilidade na animação da obra;
- individualize as intervenções necessárias para encaminhar “novas presenças” ou renovar as já existentes de modo que sejam mais bem orientadas para a missão;
- repense a distribuição das responsabilidades nas Comunidades e verifique o funcionamento dos conselhos nos vários níveis para que o diretor possa realizar sua tarefa prioritária;

- reflita sobre a complexidade das obras e individualize, no projeto orgânico Inspetorial, formas mais ágeis de presença;
- solicite e valorize a contribuição da Família Salesiana para uma projeção comum da presença no território;
- favoreça o trabalho em rede com membros da Família Salesiana, da Igreja e da sociedade.

DELIBERAÇÕES DO CG26

Tendo por base as propostas providas dos Capítulos Inspetoriais, de Irmãos individualmente, como também do Conselho Geral e da mesma Assembléia capítular, depois do exame feito pela Comissão jurídica e pela Assembléia, o Capítulo Geral aprovou as seguintes **deliberações**. Algumas delas referem-se a **artigos das Constituições e dos Regulamentos gerais**; outras são **orientações operativas para o governo da Congregação**.

1. TRANSFERÊNCIA DA VISITADORIA DE MIANMAR À REGIÃO ÁSIA LESTE-OCEANIA

114 O Capítulo Geral 26

- considerado o pedido feito pelo Capítulo da Visitadoria salesiana de Mianmar;
- levado em consideração que Mianmar pertence geograficamente à Região Ásia Sudeste e faz parte da ASEAN, Association of South-East Asian Nations, e que conseqüentemente são mais fáceis as ligações entre estes Estados;
- tido presente que culturalmente, Mianmar é mais semelhante a muitos países da Região Ásia Leste-Oceania;

delibera que a Visitadoria Maria Auxiliadora de Mianmar seja transferida da Região Ásia Sul à Região Ásia Leste-Oceania, de acordo com o art. 154 das Constituições.

2. REGIÕES DA EUROPA

115 O Capítulo Geral 26

- levado em consideração que estão em andamento processos de reunião e de nova configuração das Inspetorias no interior das três Regiões da Europa;
- avaliadas positivamente as iniciativas realizadas no sexênio, os processos de colaboração e intercâmbio em andamento e o trabalho dos organismos constituídos;
- consciente de que amadureceu o tempo para um Projeto Europa pela Congregação;

delibera manter a atual configuração das três Regiões da Europa e pede ao Reitor-Mor com seu Conselho que consolide a coordenação dos Conselheiros Regionais entre si e com os Conselheiros de setor interessados, e que ative o escritório previsto pelo CG25, 129, para a promoção de projetos e a consecução dos objetivos comuns.

3. ENTREGA DA ANIMAÇÃO DA FAMÍLIA SALESIANA AO VIGÁRIO DO REITOR-MOR

116 O Capítulo Geral 26, consideradas

- a avaliação positiva feita pelos membros da Família Salesiana sobre a entrega da tarefa de animação da mesma ao Vigário do Reitor-Mor;
- a necessidade de garantir a dedicação prioritária do Vigário às tarefas institucionais relativas ao seu encargo;

confirmando a entrega da tarefa de animação da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor, pede que a equipe de animação da Família Salesiana (CG25, 133) seja consolidada e tenha um Coordenador. Ao final do sexênio será atuada uma avaliação.

4. DICASTÉRIOS PARA A PASTORAL JUVENIL, A COMUNICAÇÃO SOCIAL, AS MISSÕES

117 O Capítulo Geral 26

– considerada a complexidade da missão salesiana;
– vista a necessidade de maior coordenação entre os Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a Comunicação Social e as Missões, particularmente na animação dos setores de atividades compartilhadas;
pede que o Reitor-Mor com seu Conselho promova equipes de animação interdicasterial para esses setores e confie sua coordenação a um ou outro Conselheiro, salvaguardando em todo caso a unicidade e a organização da pastoral salesiana.

5. REVISÃO DAS ESTRUTURAS DE ANIMAÇÃO E GOVERNO CENTRAL DA CONGREGAÇÃO

118 O Capítulo Geral 26

– considerado que o próximo Capítulo Geral será chamado a avaliar a entrega da animação da Família Salesiana ao vigário do Reitor-Mor, a coordenação dos três Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a comunica-

ção social e as missões e a configuração das Regiões da Europa;

- considerado ainda que essa avaliação coloca a atenção sobre toda a estrutura do Conselho Geral;

pede ao Reitor-Mor com seu Conselho que promova em vista do próximo Capítulo Geral uma avaliação das estruturas de animação e governo central da Congregação, envolvendo as Inspetorias.

6. ELEIÇÃO DOS CONSELHEIROS REGIONAIS

119 O Capítulo Geral 26

- reconhecido que para a eleição dos Conselheiros regionais, a indicação de um só nome na votação com voto secreto, permite conhecer com maior clareza a orientação prevalente dos Irmãos da Região,

delibera que o art. 128 dos Regulamentos Gerais seja modificado com a expressão “escrevendo apenas um nome na ficha”.

7. RELAÇÃO ENTRE COMUNIDADE E OBRA

120 O Capítulo Geral 26 reconhece que há atualmente na Congregação uma pluralidade de modelos de gestão das obras:

- obras geridas por uma Comunidade salesiana, núcleo animador de uma Comunidade educativo-pastoral mais ampla;

- atividades e obras inteiramente confiadas pelos Salesianos aos leigos, ou criadas por leigos, e reconhecidas no projeto Inspetorial, segundo os critérios indicados pelo CG24, n. 180-182;
- modalidades diversificadas de gestão, não atribuídas a um modelo único, nas quais permanece a relação entre uma Comunidade local e a obra (ou mais obras), mas esta (ou setores dela) são geridas por leigos.

Portanto:

- considerada a diversidade dos contextos e as diversas exigências, e a necessidade de experimentar possíveis formas novas de gestão das obras;
- reconhecida como irrenunciável a necessidade de garantir a consistência qualitativa e quantitativa das Comunidades, para garantir o “viver e trabalhar juntos” que “é para nós Salesianos exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação” (cf. C 49);

delibera que é dada faculdade ao inspetor, obtido o consenso do seu conselho, e no interior do Projeto orgânico Inspetorial,

- **individualizar quais as obras ou setores de obras que, embora mantendo referência a uma Comunidade local, possam ser confiadas à gestão de leigos,**
- **definir as suas responsabilidades, os critérios de nomeação, a duração dos encargos; os processos de decisão e os órgãos de governo; as competências do diretor e do conselho local, as competências do inspetor e do conselho Inspetorial.**

8. ECÔNOMO LOCAL

121 O Capítulo Geral 26

- considerado que em diversos contextos não se é capaz de entregar a um Irmão o papel de ecônomo da Comunidade local, ou resulta notavelmente aumentada a complexidade e a articulação das atividades que se referem diretamente à Comunidade religiosa,

delibera que é reconhecida às Inspetorias a faculdade de inserir no diretório Inspetorial uma norma que preveja a possibilidade, em determinadas circunstâncias, de entregar a um leigo, nomeado pelo inspetor, ouvido o diretor, as funções de ecônomo da Comunidade local. Convidado pelo diretor, ele poderá participar, sem direito de voto, do conselho da Comunidade sempre que for exigida sua presença.

Tal faculdade reconhecida às Inspetorias exige o respeito das seguintes condições:

- Seja sempre respeitada a distinção constitucional do papel do diretor em relação ao do ecônomo, excluindo a prática que vê o diretor empenhado em papéis e tarefas administrativas.
- Sejam definidas com clareza a duração da função e os âmbitos das responsabilidades econômicas confiadas ao leigo, sobretudo para aquelas atribuições nas quais sua ação envolve a instituição. Isso vale para os poderes de assinatura, para as delegações, para as procurações, para a gestão da tesouraria etc.

- O leigo chamado a cobrir as funções de ecônomo deverá agir sempre em dependência estrita do diretor com o conselho.
- O ecônomo Inspetorial, em tais casos, acompanhará e apoiará a Comunidade e o leigo ao qual são entregues as funções de ecônomo.
- O inspetor individualize e prepare alguns Irmãos capazes de assumir papéis administrativos e de gestão, a serviço das Comunidades e da Inspetoria.

9. MODIFICAÇÃO DO ARTIGO 13 DOS REGULAMENTOS GERAIS

122 O Capítulo Geral 26

- considerado o notável número de instituições salesianas de educação superior, com um consistente número de Salesianos nelas empenhados e um relevante número de alunos que as freqüentam;
- tido como oportuno que no artigo 13 dos Regulamentos Gerais essas instituições de educação superior sejam explicitamente indicadas com as demais instituições escolares de diversos graus e os centros de formação profissional;
- para que, também a essas atividades e obras, sejam aplicados os critérios indicados pelo mesmo artigo 13 e pelo artigo 14 dos Regulamentos Gerais, sobretudo quanto aos “destinatários preferenciais” e aos objetivos educativos e pastorais

delibera que seja modificado o artigo 13 dos Regulamentos Gerais, com a seguinte formulação:

A escola, os centros profissionais e as instituições de educação superior

13. A escola salesiana nos diversos níveis, os centros profissionais e as instituições de educação superior promovem o desenvolvimento integral do jovem mediante a assimilação e a reelaboração crítica da cultura e a educação para a fé, tendo em vista a transformação cristã da sociedade.

O processo educativo, conduzido com estilo Salesiano e com reconhecida profissionalidade técnica e pedagógica, fundamente-se em sólidos valores culturais e responda às exigências dos jovens. O programa harmonize as atividades de formação intelectual e profissional com as do tempo livre.

Verifique-se periodicamente a validade dos conteúdos e das metodologias pedagógicas e didáticas em relação também com o contexto social, o mundo do trabalho e a pastoral da Igreja.

ANEXOS

**Carta de Sua Santidade Bento XVI
ao Pe. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor SDB,
por ocasião do Capítulo Geral 26**

Ao Reverendíssimo Senhor
Pe. PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA, SDB,
Reitor-Mor dos Salesianos de Dom Bosco

1. Sinto-me particularmente grato ao transmitir minha cordial saudação ao senhor e aos participantes do Capítulo Geral 26, que é um momento de graça na vida desta Congregação, já presente em todos os continentes. Nele são chamadas a confrontar-se a riqueza e a diversidade das experiências, culturas e expectativas dos Salesianos comprometidos em múltiplas atividades apostólicas e desejosos de tornar cada vez mais eficaz seu serviço na Igreja. O carisma de Dom Bosco constitui uma dádiva do Espírito para todo o Povo de Deus, mas somente na escuta dócil e na disponibilidade à ação divina é possível interpretá-lo e torná-lo atual e fecundo, inclusive em nosso tempo. O Espírito Santo, que em Pentecostes desceu copioso sobre a Igreja nascente, continua como vento a soprar onde quer, como fogo a derreter o gelo do egoísmo, como água a irrigar o que é árido. Derramando sobre os Capitulares a abundância dos seus dons, Ele alcançará o coração dos Irmãos de hábito, fazendo-os arder com o seu amor, inflamando-os com o desejo de santidade, impelindo-os a abrir-se à conversão e revigorando-os na sua audácia apostólica.

2. Os filhos de Dom Bosco pertencem à numerosa plêiade daqueles discípulos que Cristo consagrou a si por meio do seu Espírito com um especial gesto de amor. Ele reservou-os para si; por isso, o primado de Deus e da sua iniciativa deve resplandecer no seu testemunho. Quando a tudo renunciarmos para seguir o Senhor, quando lhe oferecemos o que temos de mais precioso, enfrentando todos os sacrifícios, então não nos devemos surpreender se, como aconteceu com o Mestre divino, somos “sinais de contradição”, porque o modo de pensar e de viver da pessoa consagrada acaba por estar muitas vezes em contraste com a

lógica do mundo. Na realidade, isto é motivo de alívio, porque dá testemunho do fato de que seu estilo de vida é alternativo em relação à cultura do tempo e nela pode desempenhar uma função de certa forma profética. Em vista, porém, desta finalidade é necessário vigiar sobre as possíveis influências do secularismo para se defender e poder assim prosseguir com determinação ao longo do caminho empreendido, ultrapassando um “modelo liberal” de vida consagrada e levando uma existência inteiramente centrada no primado do amor a Deus e ao próximo.

3. O tema escolhido para este Capítulo Geral é o mesmo programa de vida espiritual e apostólica que Dom Bosco fez seu: “*Da mihi animas, cetera tolle*”. Nele está encerrada toda a personalidade do grande Santo: espiritualidade profunda, empreendimento criativo, dinamismo apostólico, laboriosidade incansável, audácia pastoral e, sobretudo, sua consagração incondicional a Deus e aos jovens. Ele foi um santo que teve uma única paixão: “a glória de Deus e a salvação das almas”. É de importância vital que cada Salesiano se inspire continuamente em Dom Bosco, que o conheça, estude, ame, imite, invoque e faça própria a sua paixão apostólica, que jorra do Coração de Cristo. Tal paixão é capacidade de se entregar, de se apaixonar pelas almas, de sofrer por amor, de aceitar com serenidade e alegria as exigências cotidianas e as renúncias da vida apostólica. O lema “*Da mihi animas, cetera tolle*” expressa em síntese a mística e a ascética do Salesiano. Não pode existir uma mística ardente, sem uma ascese robusta que a sustente; e vice-versa, ninguém está disposto a pagar um preço elevado e exigente, se antes não descobriu um tesouro fascinante e inestimável. Numa época de fragmentação e fragilidade como a nossa, é necessário superar a dispersão do ativismo e cultivar a unidade da vida espiritual através da aquisição de uma mística profunda e de uma ascética sólida. Isso alimenta o compromisso apostólico e é garantia de eficácia pastoral. Nisso deve consistir o caminho de santidade de todos os Salesianos, e sobre isso deve concentrar-se a formação das novas vocações para a vida consagrada salesiana. A *lectio divina* e a Eucaristia, vividas diariamente, são luz e força da vida espiritual do Salesiano consagrado. Ele deve alimentar o seu dia com a escuta e a meditação da Palavra de Deus, ajudando inclusive os jovens e os fiéis leigos a valorizá-la em sua vida cotidiana e esforçando-se em seguida por traduzir em testemunho aquilo que é indicado pela Palavra. “A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos também na dinâmica da sua doação” (Encíclica *Deus Caritas Est*, n. 13). Conduzir uma vida simples, pobre, sóbria, essencial e austera: isso ajudará os Salesianos a fortalecer a sua resposta vocacional; diante dos riscos

e das ameaças da mediocridade e do aburguesamento, isto haverá de levá-los a ficarem mais próximos dos necessitados e dos marginalizados.

4. Segundo o exemplo do seu amado Fundador, os Salesianos devem arder de paixão apostólica. A Igreja universal e as Igrejas particulares em que estão inseridos esperam deles uma presença caracterizada pelo arrojo pastoral e pelo zelo evangelizador audacioso. As *Exortações Apostólicas* pós-sinodais relativas à evangelização nos vários continentes poderão servir-lhes de estímulo e de orientação para realizarem em seus diversos contextos uma evangelização inculturada. A recente *Nota doutrinal* sobre alguns aspectos da evangelização pode ajudá-los a aprofundar o modo de comunicar a todos, especialmente aos jovens mais pobres, a riqueza dos dons do Evangelho. A evangelização seja a fronteira principal e prioritária da sua missão nos dias de hoje. Ela apresenta compromissos multifacetados, desafios urgentes e campos de ação vastos, mas a sua tarefa fundamental consiste em propor a todos que levem uma existência humana como Jesus a viveu. Nas situações plurirreligiosas e também nas secularizadas é preciso encontrar caminhos inéditos para fazer conhecer, de modo especial aos jovens, a figura de Jesus, a fim de que compreendam a sua perene fascinação. Por conseguinte, em sua ação apostólica o anúncio de Jesus Cristo e do seu Evangelho deve ser fulcral, juntamente com o apelo à conversão, ao acolhimento da fé e à inserção na Igreja; além disso, nascem aqui os caminhos de fé e de catequese, a vida litúrgica e o testemunho da caridade diligente. Seu carisma coloca-os na situação privilegiada de poder valorizar a contribuição da educação no campo da evangelização dos jovens. Efetivamente, sem educação não há, de fato, evangelização duradoura e profunda, não há crescimento nem amadurecimento, não acontece uma mudança de mentalidade e de cultura. Os jovens nutrem desejos profundos de vida plena, de amor autêntico e de liberdade construtiva; contudo, infelizmente, muitas vezes suas expectativas são atraídas e não chegam a realizar-se. É indispensável ajudar os jovens a valorizarem os recursos que têm em seu interior como dinamismo e desejo positivo; colocá-los em contato com propostas ricas de humanidade e de valores evangélicos; animá-los a inserir-se na sociedade como parte ativa por meio do trabalho, da participação e do compromisso em favor do bem comum. Isso exige daqueles que os orientam, a ampliação do compromisso educativo, com atenção às novas pobreza juvenis, à educação superior e à imigração; além disso, requer que se preste atenção à família e ao seu envolvimento. A propósito deste aspecto tão importante, pude refletir na *Carta* sobre a urgência educativa, que dirigi recentemente aos fiéis de Roma e que agora, idealmente, entrego a todos os Salesianos.

5. A Congregação Salesiana empenhou-se, desde sua origem, na evangelização em várias regiões do mundo: da Patagônia e da América Latina à Ásia e Oceania, à África e Madagáscar. Num período em que, na Europa, diminuem as vocações e aumentam os desafios da evangelização, a Congregação Salesiana deve estar atenta em revigorar a proposta cristã, a presença da Igreja e o carisma de Dom Bosco neste continente. Assim como a Europa foi generosa ao enviar numerosos missionários ao mundo inteiro, agora também toda a Congregação esteja disposta no que se lhe refere, apelando especialmente às regiões ricas de vocações. Para prolongar no tempo a missão entre os jovens, o Espírito Santo levou Dom Bosco a dar vida a várias forças apostólicas animadas pelo mesmo espírito e irmanadas pelo mesmo compromisso. Com efeito, as tarefas da evangelização e da educação exigem numerosas contribuições, que saibam agir em sinergia umas com as outras; por esse motivo, os Salesianos empenharam nessa obra um elevado número de leigos, famílias e jovens, despertando entre eles vocações apostólicas que conservem o carisma de Dom Bosco vivo e fecundo. É preciso propor a esses mesmos jovens o fascínio da vida consagrada, a radicalidade da seqüela de Cristo obediente, pobre e casto, o primado de Deus e do Espírito, a vida fraterna em comunidade, a dedicação total pela missão. Os jovens são sensíveis às propostas de compromisso exigente, mas precisam de testemunhas e de guias que saibam acompanhá-los na descoberta e na acolhida desse dom. Neste contexto, sei que a Congregação está a dedicar uma atenção especial à vocação do Salesiano coadjutor, sem a qual ela perderia a fisionomia que Dom Bosco desejou inculcar-lhe. Sem dúvida, trata-se de uma vocação não fácil, que deve ser discernida e acolhida; ela brota mais facilmente onde são promovidas entre os jovens as vocações laicais apostólicas e quando se lhes oferece um testemunho jubiloso e entusiasta da consagração religiosa. O exemplo e a intercessão do Bem-aventurado Artêmides Zatti e de outros venerados Irmãos Coadjuutores, que despenderam a própria existência pelo Reino de Deus, obtenham também nos dias de hoje para a Família salesiana a dádiva de tais vocações.

6. É de bom grado que aproveito este ensejo para dirigir um agradecimento à Congregação Salesiana pelo trabalho de pesquisa e de formação que desempenha na Pontifícia Universidade Salesiana, onde se formaram e foram professores também alguns dos meus atuais mais estreitos e estimados colaboradores. Ela possui uma identidade que lhe advém do carisma de Dom Bosco e oferece a toda a Igreja uma contribuição original e específica. É a única entre as Universidades Pontifícias que dispõe de uma Faculdade de Ciências da Educação e de um Departamento de Pastoral Juvenil e Catequética, coadjuvados pelas

contribuições oferecidas por outras Faculdades. Em vista de um estudo que recorra à diversidade das culturas e esteja atento à multiplicidade dos contextos, é de se desejar que nela se incremente a presença de docentes provenientes de toda a Congregação. Na emergência educativa que há em numerosas regiões do mundo, a Igreja precisa da contribuição de estudiosos que aprofundem a metodologia dos processos pedagógicos e formativos, a evangelização dos jovens, sua educação moral, elaborando em conjunto respostas aos desafios da pós-modernidade, da interculturalidade e da comunicação social e, contemporaneamente, procurando ir ao encontro das famílias. O Sistema Preventivo de Dom Bosco e a tradição educativa salesiana estimularão certamente a Congregação a propor uma pedagogia cristã atual, inspirada no carisma específico que lhe é próprio. A educação constitui um dos pontos fulcrais da questão antropológica hodierna, para cuja solução a Pontifícia Universidade Salesiana, estou certo disso, não deixará de oferecer uma preciosa contribuição.

7. Senhor Reitor-Mor, a tarefa que está diante da Congregação Salesiana é árdua, mas também exaltante: com efeito, cada um dos membros da vossa grande Família religiosa é chamado a tornar Dom Bosco presente no meio dos jovens do nosso tempo. Em 2015 celebrareis o bicentenário do seu nascimento, e com as opções que fareis neste Capítulo Geral, já dareis início à preparação das celebrações desse importante acontecimento jubilar. Que isso vos sirva de encorajamento para serdes cada vez mais “sinais críveis do amor de Deus aos jovens” e para fazer com que os jovens sejam, verdadeiramente, a esperança da Igreja e da sociedade. A Virgem Maria, que Dom Bosco vos ensinou a invocar como Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos, vos ajude nos vossos propósitos. “Foi Ela quem tudo fez”, repetia Dom Bosco no final da sua vida, referindo-se a Maria. Portanto, Ela continuará a ser a vossa guia e mestra, e haverá de ajudar-vos a transmitir “o carisma de Dom Bosco”. Ela será para a vossa Congregação e para toda a Família Salesiana, para os educadores e, sobretudo para os jovens, Mãe e Estrela da Esperança. Enquanto chamo vossa atenção para estas minhas reflexões, renovo a expressão da minha gratidão pelo serviço que prestais à Igreja e, enquanto vos asseguro a minha oração constante, concedo-lhe de coração, Senhor Reitor-Mor, aos participantes na Assembléia Capitular e a toda a Família Salesiana uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 1º de março de 2008

Benedictus PP XVI

**Intervenção do Card. Franc Rodé, CM,
Prefeito da Congregação para os Institutos
de Vida Consagrada
e as Sociedades de Vida Apostólica**

“Da mihi animas, cetera tolle”

1. É o lema que Dom Bosco escolheu como jovem sacerdote e acompanhou-o por toda a vida. É o programa de vida de Dom Bosco e de todo Salesiano,¹ lema que escolhestes para a celebração do Capítulo Geral 26 da Sociedade Salesiana de São João Bosco.

Neste encontro capitular, que vos vê reunidos, vindos de países e culturas diversas, manifesta-se a abundância e a beleza dos dons do Senhor. Por todos e cada um de vós e pelos vossos Irmãos Salesianos espalhados pelo mundo, dou graças ao Doador de todo bem, que, em sua infinita bondade fez à Igreja o dom da grande Família de São João Bosco.

Minha saudação e meu agradecimento pelo empenho vivo de todos os Salesianos na Igreja e no mundo não pode deixar de ir ao Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco, padre Pascual Chávez Villanueva, pelo seu empenho não só em favor da numerosa Família Salesiana, como também de toda a vida consagrada.

2. O Capítulo Geral é sinal da unidade na diversidade, é encontro fraterno, é tempo de reflexão comunitária, para se manter fiéis ao Evangelho, ao carisma do Fundador e ao nosso tempo.² É tempo privilegiado para abrir os olhos do coração e começar a ver, perceber, avaliar; é tempo favorável para descobrir, em comum, quais as estradas pelas quais o Senhor vos envia; passagem do desânimo à esperança, à redescoberta da presença do Senhor entre vós na Palavra e no Pão de vida eterna.

Sua celebração é memória viva do caminho percorrido, atualização do sonho de Joãozinho Bosco no hoje da história, a fim de projetar-vos para o futuro com esperança viva e confiança plena na obra do Senhor.

¹ Cf. C 4.

² Cf. C 146.

3. A fé cristã, diante de um mundo complexo e de suas crises, está exposta a todas as questões e desafios sobre Deus, sobre sua entrada na história na pessoa de Jesus, sobre a natureza do homem e o sentido da sua vida e da sua morte. Também a Igreja é colocada em questão: seu papel e sua incidência no mundo são banalizados e contestados em determinados ambientes. A vida consagrada está marcada pela crise, sobretudo na América do Norte e na Europa; diminuição numérica, incertezas sobre a identidade, tentações de resignação e desalento.

Retornar às origens, à centralidade de Jesus Cristo, ao espírito dos Fundadores, pode-nos ajudar a responder com confiança, criatividade e coragem a esses múltiplos desafios.

4. Cada um de vós é chamado a renovar, nestes dias, a opção fundamental por Cristo, repensada com consciência esclarecida e definida comunitariamente segundo o projeto evangélico das Constituições: a aliança especial com o Senhor; o encontro de amor que marca e orienta a vida inteira; o dom total de vós mesmos a Deus e aos jovens; o sentido da vossa existência consagrada pelo poder do Espírito.

Depois de vos deterdes nos anos passados sobre a identidade salesiana,³ a missionariedade,⁴ a partilha com os leigos⁵ e a comunidade,⁶ vossa atenção nesta assembléia capitular será focada na identidade carismática e na paixão apostólica. Trata-se de um retorno ao coração da vossa vocação na Igreja, ao mais puro espírito do Fundador.

Dom Bosco retorna, repetireis nestes dias, ao recordar as palavras que vos escrevia o Santo Padre João Paulo II na Carta *Juvenum Patris*: “*Dom Bosco retorna* é um canto tradicional da Família Salesiana: exprime o ardente desejo de um retorno de Dom Bosco e um retorno a Dom Bosco, para serdes educadores capazes de uma fidelidade antiga, e também atentos como ele às mil necessidades dos jovens de hoje, para reencontrar as premissas em sua herança, a fim de responder também hoje às suas dificuldades e expectativas”.⁷

Retornar a Dom Bosco e partir de Dom Bosco para despertar o coração.

³ CG22.

⁴ CG23.

⁵ CG24.

⁶ CG25.

⁷ JOÃO PAULO II, Carta *Juvenum Patris* (IP), no centenário da morte de São João Bosco, Roma 31 de janeiro de 1988, n. 13

Preparai-vos, pois, para retornar às fontes da espiritualidade salesiana, do carisma salesiano, ao coração do vosso chamado, que encontra sua origem no próprio coração de Cristo com “a atitude do bom Pastor que conquista com a mansidão e o dom de si”.⁸

5. Há diversas modalidades de falar de espiritualidade. Deve-se evitar, certamente, aquela que leva ao espiritualismo, como refúgio num mundo do espírito no qual tudo é perfeito e rarefeito; é preciso, ao contrário, conservar seu caráter original de vida *segundo o Espírito* e o enraizamento na existência cotidiana, com suas fadigas e tensões, seus arroubos e rigores, refletindo assim a consistência de caminhos espirituais – pessoais e eclesiais – densos de vida e de mistério.

Só assim será possível evitar o enfraquecimento das linguagens da vida cristã que hoje resultam quase consumidas pelo uso muito genérico ou muito retórico. A exuberância do léxico diz o quanto é difícil pronunciar hoje palavras verdadeiramente espirituais, que não receiem as incertezas da vida ou a referência ao mistério. O pudor e a sobriedade da palavra poderão restituir às nossas linguagens a possibilidade de comunicar a intensa beleza de uma vida vivida na perspectiva do Evangelho.

6. Desde o início de sua existência, Dom Bosco deixou-se guiar por um único desejo: consagrar toda a vida ao bem dos jovens. Sua obra não é expressão de ativismo, o caráter alegre e aberto do saltimbanco dos Becchi é verdadeira e própria *consagração* consciente e voluntária, missão para a *salvação* integral dos jovens.

“*Da mihi animas, cetera tolle.*” O fim da educação preventiva de Dom Bosco – uma existência humana individual, social e religiosa completa – evidencia-se na expressão “salvação da alma”: o anseio de santidade. Uma santidade “ferial”, aquela que Dom Bosco indica aos seus jovens e aos primeiros colaboradores.

Santidade que não é objetivo proposto apenas a algum jovem “bom”, a alguma elite aristocrática, mas a todos os jovens de Valdocco: “É vontade de Deus que sejamos todos santos; é muito fácil consegui-lo; é um grande prêmio preparado no céu para quem se faz santo”.⁹

⁸ Cf. C 11.

⁹ G. Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico scritta dal sacerdote Giovanni Bosco*, p. 50; OE XI, p. 200.

No clima de santidade de Valdocco, suas propostas fortes e generosas tornam-se críveis. Ele “sabe propor a santidade como meta concreta da sua pedagogia – recordava o Servo de Deus João Paulo II – ao proclamá-lo Pai e Mestre da juventude”.¹⁰ “Apraz-me considerar, a respeito de Dom Bosco, sobretudo o fato que ele realiza sua santidade pessoal mediante o empenho educativo, vivido com zelo e coração apostólico, e que sabe propor, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta da sua pedagogia”.¹¹ É aqui que se deve buscar “a mensagem profética que ele deixou aos seus e a toda a Igreja”.¹²

7. “Precisamente tal intercâmbio entre ‘educação’ e ‘santidade’ é o aspecto característico da sua figura; ele é um ‘educador santo’, inspira-se num ‘modelo santo’ – Francisco de Sales –, é discípulo de um ‘mestre espiritual santo’ – José Cafasso –, e sabe formar entre os seus jovens um ‘educando santo’ – Domingos Sávio”.¹³ E podemos continuar o elenco com os Bem-aventurados Laura Vicuña e Zeferino Namuncurá, último em ordem de tempo a ser indicado na Família Salesiana como exemplo de santidade, em 11 de novembro passado.

Esta mensagem profética que o Fundador vos deixou apresenta o rosto original da vossa identidade carismática, da vossa consagração apostólica, do vosso método educativo baseado na razão, na religião, na bondade.¹⁴

É urgente recuperar o verdadeiro rosto da santidade. Para cada Salesiano, para cada jovem que se aproxima de vós, a fim de continuardes a ser, como Dom Bosco, mestres santos de jovens santos, *mestres de espiritualidade juvenil*.¹⁵ Para realizar o projeto de vida que o Fundador vos deixou: “ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”.¹⁶

8. O artigo 3º de vossas Constituições diz que a vossa é uma “vida de discípulos do Senhor”, e que vos oferecestes totalmente a Deus “para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com ele na construção do Reino”.¹⁷

¹⁰ IP, n. 5.

¹¹ Idem.

¹² IP, n. 8.

¹³ IP, n. 5.

¹⁴ Cf. “Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales”: “Il Sistema Preventivo”. In: GIOVANNI BOSCO, *Scritti pedagogici e spirituali*, p. 166.

¹⁵ IP, n. 16.

¹⁶ Cf. C 2.

¹⁷ C 3.

Em vista desta oferta, o Pai vos consagra com o dom do seu Espírito e vos envia para serdes apóstolos dos jovens.¹⁸

O dom do Espírito deve invadir vosso coração com a suave potência para fazer-vos capazes de plena fidelidade à vossa vida de discípulos. O segredo do sucesso está em saber consolidar constantemente os vínculos da aliança com Deus.

Como consagrados ao Pai sois chamados a reproduzir na Igreja e no mundo, através dos conselhos evangélicos, “os traços característicos de Jesus virgem, pobre e obediente”,¹⁹ cuidando da vossa fé, da vossa *seqüela Christi*, da vossa conformação amorosa ao Senhor Jesus, para serdes capazes de comunicar essa vivência numa relação educativa. Tudo o mais pode servir de apoio, modalidade, instrumento para a sempre difícil tarefa de comunicar a fé, sobretudo aos jovens, mas são bem pouco diante do requisito irrenunciável para que tenha início essa empresa: possuir uma fé e um amor vivo, encarnado, sustentado por uma sólida formação.

Essa é a vossa natureza profunda, a vossa vocação, a vossa realização definitiva. Os conselhos evangélicos são esta tensão relacional, a atitude permanente diante do Tu. “Não há outro modo digno de viver do homem fora da perspectiva do dom de si.”²⁰

9. Dom Bosco nasce quando ainda não se passaram trinta anos da Revolução Francesa. Já em todo o século anterior (o “século das luzes”) a fé sofrera ataques em nome de uma razão divinizada que pretende lutar contra tudo o que chama de “superstição”. No século XIX o ataque mistura-se, de modo frequentemente muito intrincado, com as questões sociais e nacionais.

O tempo de Dom Bosco é o tempo de primeira industrialização, dos movimentos ressurgimentais, das restaurações e revoluções. A Turim do ressurgimento é uma cidade em forte expansão devido à maciça imigração dos campos piemonteses, e o mundo juvenil é presa de problemáticas gravíssimas: analfabetismo, falta de emprego, degrado moral e falta de assistência religiosa.

“Tenho 16 anos... e não sei nada”: assim se apresentou Bartolomeu Garelli, o primeiro dos jovens de Dom Bosco. “A Bartolomeu acrescentaram-se outros jovens – contou o próprio Dom Bosco –. Durante aquele

¹⁸ Idem.

¹⁹ *Vita Consecrata*, n. 1.

²⁰ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a jornada das vocações 2003*.

inverno reuni também alguns adultos que precisavam de lições de catecismo adaptadas a eles.”²¹

Assim teve início o Oratório: com os jovens em busca de trabalho. Dom Bosco deu-lhes uma casa, um coração amigo, instrução e proteção, garantindo-lhes contratos honestos de trabalho. Criou escolas profissionais, oficinas. Ofereceu assistência igual aos estudantes. Encaminhou os jovens à conquista de um lugar no mundo, ajudando-os a conseguir competência e habilidades profissionais; orientou-os à vida cristã, cuidando da sua formação religiosa, da frequência aos sacramentos e do amor filial a Maria.

10. Esse trabalho é atual ainda hoje. Se antigamente só havia o pátio, a igreja, a oficina, a escola, hoje estamos na presença de diversos tipos de instituições educativas, escolas, centros de alfabetização, comunidades de acolhida para meninos e jovens em dificuldade, centros de prevenção contra a dependência das drogas, consultorias, intervenções humanitárias para os jovens que vivem nas ruas, campos de refugiados com grande número de meninos e jovens, centros de acolhida de imigrantes... Sempre com o olhar e o coração atentos aos lugares e às situações onde a pobreza e a insatisfação precisam de um *surplus* de compaixão, proximidade, amor e proteção.

Em nosso tempo, a globalização do mundo da comunicação e da economia faz-se acompanhar do alargar-se de pobreza e de marginalizações que alcançam especialmente as jovens gerações; por isso, a Igreja percebe com preocupação a urgente necessidade de superar especialmente no âmbito educativo, o drama de uma ruptura profunda entre Evangelho e cultura que leva a desvalorizar e marginalizar a mensagem salvífica de Cristo.

Hoje, mais do que no passado, precisamos de um olhar profético sobre os novos tempos, tão complexos e difíceis, e, sobretudo da audácia dos santos, com coração grande e generoso.

“Tenho 16 anos... e não sei nada.” É o clamor que ouvimos repetir por tantos jovens que encontramos pelo caminho, que parecem viver, particularmente nestes anos, com apatia e indiferença não só em relação à fé, mas, sobretudo em relação ao amor do qual se busca o sentido profundo ou a nostalgia por tê-lo perdido; ao mesmo tempo, porém, de maneira contraditória ele é reduzido a um fragmento do sentimento e da emotividade.

Estamos diante da *era do vazio*²² devido ao individualismo contemporâneo. “Parece-me – dizia o Santo Padre ao responder às perguntas dos jovens da

²¹ G. Bosco, *Memórias do Oratório*, adaptado por T. Bosco, 1985.

²² G. LIPOVETSKY, *L'era del vuoto: saggi sull'individualismo contemporaneo*. 1995.

Diocese de Roma – que o grande desafio do nosso tempo seja o secularismo, isto é, um modo de viver e de apresentar o mundo como ‘*si Deus non daretur*’, isto é, como se Deus não existisse. [...] Parece-me esta a primeira necessidade: que Deus esteja novamente presente em nossa vida, que não vivamos como se fôssemos autônomos, autorizados a inventar o que sejam a liberdade e a vida. Devemos tomar consciência de ser criaturas, constatar que há um Deus que nos criou e que estar na sua vontade não é dependência, mas um dom do amor que nos faz viver.”²³

11. É preciso ser capaz de falar da verdade, sem ter medo dela, mesmo quando nos parece incômoda. Como o faz, continuamente, o Santo Padre.

Sobre este tema, escrevia Romano Guardini: “Quem fala diga aquilo que é, e como o vê e o entende. Que exprima, portanto, também com a palavra o que traz em seu íntimo. Pode ser difícil em algumas circunstâncias, pode provocar insatisfação, danos e perigos; mas a consciência recorda-nos que a verdade obriga; que ela tem algo de incondicionado, que possui grandeza. Dela não se diz: Podes dizê-la quando te agradar, ou quando deves alcançar uma finalidade; mas: Quando falas, deves dizer a verdade; não a deves nem diminuir nem alterar. Deves dizê-la sempre, simplesmente; mesmo quando a situação te levaria a calar-te, ou quando podes subtrair-te com desenvoltura a uma questão”.²⁴ Há, portanto, um imperativo ao qual não se pode nem se deve fugir: atestar que a verdade deve retomar seu lugar e sua colocação coerente não só em nossa pregação e catequese, mas, sobretudo na vida das pessoas para que possam chegar a uma existência cheia de sentido.

O ministério que realizais coloca-vos, em primeiro lugar, diante da transmissão da fé. Sabemos que ela não é primariamente um conteúdo abstrato, mas estilo de vida que brota da opção de colocar-se na *seqüela* de Cristo e assumir em nós sua palavra como promessa e realização de si.

“Os presbíteros... não poderiam ser ministros de Cristo se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir aos homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações. Seu próprio ministério exige, por título especial, que não se conformem a este mundo; mas exige também que vivam neste mundo entre os homens e,

²³ BENTO XVI, *Colóquio com os jovens*. Encontro com os jovens da Diocese de Roma, em preparação à XXI Jornada Mundial da Juventude. Roma, quinta-feira, 6 de abril de 2006.

²⁴ R. GUARDINI, *Le virta*. Brescia, 1972, p. 21.

como bons pastores, conheçam as suas ovelhas... apliquem-se (portanto) a examinar os problemas do seu tempo à luz de Cristo”.²⁵

12. Além disso, nossos jovens vivem em profunda solidão. A solidão surge frequentemente do fato de não se sentirem acolhidos, aceitos pelo que são, ou serem rejeitados; as diversas formas de traição que a vida impõe, da amizade ao amor, em família ou com os coetâneos, fazem emergir de maneira evidente o profundo sentimento de solidão em que muitos estão imersos.

Estou convencido de que nossos jovens desejam de nós um testemunho de gratuidade plena e de perdão sincero. Querem ser amados pelo que são, mas nem por isso devemos esquecer que para nós amar é buscar o bem deles, sem parar e com extrema paciência.

O Concílio escrevia na *Gaudium et Spes*: “O homem vale mais pelo que é do que pelo que *tem*”.²⁶ O contexto cultural em que vivemos vive indubitavelmente o equívoco primado do fazer e do ter sobre o ser. A resposta às questões dos jovens não é encontrar técnicas ou iniciativas concretas: iríamos de encontro à falência. Se desejarmos fazer alguma coisa pelos jovens, é preciso antes de tudo ser pessoas de coração grande, porque, como dizia ainda Dom Bosco, a educação é coisa do coração.

A educação, em todo caso, exige de nossa parte o empenho de saber recuperar com força o encontro interpessoal e a guia dos nossos jovens, verdadeiro instrumento para a transmissão viva da fé. Se não houver um encontro face a face, a fé não se transmite. Podemos chamá-la de direção espiritual ou de outras maneiras, mas a tradição da Igreja ensina-nos que a transmissão da fé só acontece através da relação interpessoal, que envolve o homem como pessoa.

Justamente por isso é indispensável repensar o vosso ser, com estilo salesiano, “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”.²⁷

“Não basta amar.” O ideal de santidade salesiana é “fazer-se amar”.²⁸

“Procura fazer-te amar” é o que Dom Bosco aconselhava ao padre Rua quando foi a Mirabello em 1863. “Como não posso estar sempre ao teu lado...

²⁵ *Presbyterorum Ordinis*, n. 3. 4.

²⁶ *Gaudium et Spes*, n. 35.

²⁷ C 2.

²⁸ MB XVII, p. 107-114.

falo-te com a voz de um terno pai que abre o coração a um dos mais queridos de seus filhos”; dá-lhe vários conselhos, entre os quais emerge o de fazer-se amar.²⁹ Dom Bosco insiste: “não basta amar”, é preciso saber “fazer-se amar”.

“A arte das artes é a arte do amor – ensinava Guilherme de Saint Thierry –. A mesma natureza e Deus artífice da natureza reservaram para si o ensinamento sobre ele. Porque o amor, que é suscitado pelo Criador da natureza, se a sua pureza natural não for poluída por afetos estranhos, ensina-se a si mesmo: mas somente aos que se deixam ensinar por ele, ensinar por Deus. O amor, de fato, é força da alma, que a conduz como que naturalmente ao lugar e ao fim que lhe é próprio.”³⁰

A arte do amor, o amor pela verdade, aprende-se no estilo de vida de Cristo casto, pobre e obediente, humilde e sóbrio, que tende à caridade. A vida consagrada torna-se assim *confessio Trinitatis, signum fraternitatis, servitium caritatis*,³¹ luminoso testemunho profético, epifania da forma de vida de Jesus, presença incisiva no interior da Igreja e profecia paradoxal e fascinante num mundo desorientado e confuso.

13. “A consciência eclesial do nosso Fundador – escrevia em 1985 o Reitor-Mor da Sociedade, padre Egídio Viganó – concretiza-se pedagogicamente em alguns comportamentos de fé, robustos e práticos. Ele os exprimia com simplicidade em três grandes atitudes que foram chamadas ‘devoções’: por *Jesus Cristo* Salvador e Redentor, presente na Eucaristia, ação central da Igreja; por *Maria*, Modelo e Mãe da Igreja, contemplada na história como Auxiliadora; e pelo *Papa*, sucessor de Pedro, posto como cabeça do Colégio episcopal para o serviço pastoral de toda a Igreja”.³²

“Todo sacrifício é pouco – escrevia Dom Bosco – quando se trata da Igreja e do Papado”.³³ Amor a Cristo, a Maria, à Igreja e ao Papa. O *vosso sentire cum Ecclesia* seja não só empenho concreto da vida de todo Salesiano e dos Responsáveis da Sociedade, como também testemunho da dimensão eclesial da vossa fé e empenho na educação dos jovens a ele.

²⁹ MB VII, p. 524.

³⁰ G. DE SAINT THIERRY, *Natura e grandezza dell'amore*, 1,1-2. Magnano 1990.

³¹ Cf. *Vita Consecrata*.

³² ACG 315, “Carta do Reitor-Mor”.

³³ Cf. C 13.

14. Ao invocar a bênção do Senhor sobre vós e sobre vosso Capítulo Geral e sobre os trabalhos dos próximos dias, retomo as palavras de Bento XVI na carta encíclica *Spe Salvi*: “A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoadada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol elevado sobre todas as trevas da história. Mas para chegar até Ele precisamos também de luzes próximas, de pessoas que dão luz recebida da sua luz e dão, assim, orientação para a nossa travessia”.³⁴

Maria, *Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos*,³⁵ Dom Bosco, todos os numerosos santos e bem-aventurados Salesianos sejam vossas estrelas e vos tornem faróis de esperança para toda a humanidade, sobretudo para os jovens.

Roma, 3 de março de 2008

³⁴ Cf. *Spe Salvi*, n. 49.

³⁵ Cf. C 8.

Discurso do Reitor-Mor
Pe. Pascual Chávez Villanueva
na abertura do CG26

*“Desejo vivamente estar convosco,
para vos mediar alguma dádiva espiritual,
a fim de serdes confirmados, ou melhor,
a fim de que todos nós sejamos reconfortados,
eu por vós e vós por mim,
graças à fé que nos é comum” (Rm 1,11-12).*

1. Saudação aos convidados

Em.^a Rev.^{ma} Card. Franc Rodé, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica,
Em.^a Rev.^{ma} Card. Raffaele Farina, Bibliotecário e Arquivista da Santa Igreja Romana,
Em.^a Rev.^{ma} Card. Miguel Obando Bravo,
Em.^a Rev.^{ma} Card. Joseph Zen,
Ex.^{mo} Mons. Angelo Amato, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé,
Ex.^{mo} D. Gianfranco Gardin, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica,
Ex.^{mo} D. Gino Reali, Bispo de Porto e Santa Rufina,
Ex.^{mo} D. Francesco Brugnaro, Arcebispo de Camerino, Ex-aluno e Cooperador,
Ex.^{mos} Bispos Salesianos D. Carlo Chenis, D. Zef Gashi, D. Stanislav Hocevar, D. Calogero La Piana, D. Basile Mvé, D. Pierre Pican, D. Peter Stump, D. Luc Van Looy, D. Adrian van Luyn, D. Rosario Vella,
Rev.^{ma} Ir. Enrica Rosanna, Subsecretária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica,
Gent.^{ma} Madre Antonia Colombo, Superiora Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora,

Caríssimos Responsáveis dos vários Grupos da Família Salesiana,
Rev.^{mo} Pe. Pietro Trabucco, Secretário Geral da União dos Superiores Gerais,
Rev.^{mo} Sr. Mario Toso, Reitor da Università Pontificia Salesiana

Em nome de toda a assembléia capitular, agradeço-lhes de coração pela presença neste momento tão significativo para a Sociedade de São Francisco de Sales e lhes expresso o quanto é agradável para todos nós a participação dos senhores, que vêm honrar o início do nosso Capítulo Geral 26 e encorajar o nosso trabalho.

2. Boas-vindas aos capitulares

Queridos irmãos capitulares, inspetores e superiores de visitadorias, delegados inspetoriais, observadores convidados, vindos do mundo inteiro para participar desta importante assembléia da nossa amada Congregação.

A todos, desejo dar as boas-vindas com o coração de Dom Bosco. Sintam-se em casa e à vontade! A casa de Dom Bosco é a sua casa. Também a Casa Geral é a casa de Dom Bosco, como o foi a de Valdocco, onde quisemos, em espírito de oração e contemplação, dar início aos primeiros momentos desta Assembléia, como o foi a casucha dos Becchi, na qual está a inscrição com as palavras de Dom Bosco: “Esta é a minha casa”.

O tema central do Capítulo, “partir de Dom Bosco”, é um convite dirigido à Congregação inteira. Ele levou-nos aos lugares onde o nosso amado pai e fundador, dócil à voz e à ação do Espírito Santo, deu início e desenvolvimento ao carisma do qual somos herdeiros, fiadores, testemunhas e comunicadores. Os Becchi e Valdocco são o berço da nossa experiência carismática. Lá está nossa identidade, porque lá todos nós nascemos como canta o salmista cheio de alegria pensando na cidade de Deus: “Lá todos nós nascemos; em ti estão as minhas fontes todas” (Sl 86).

Nosso DNA é o mesmo do nosso pai Dom Bosco, cujos genes são a paixão pela salvação dos jovens, a confiança no valor de uma educação de qualidade, a capacidade de envolver muita gente, a ponto de criar um vasto movimento de pessoas capazes de compartilhar, na missão juvenil, a mística do “*Da mihi animas*” e a ascese do “*cetera tolle*”. Ao mesmo tempo, expresso meus mais vivos votos para que o nosso Capítulo seja o ponto inicial para partir de Dom Bosco e chegar a 2015 quando, alegres e reconhecidos, celebraremos o segundo centenário do seu nascimento.

3. O Capítulo Geral

Desejei colocar a citação de São Paulo aos Romanos no início deste discurso de abertura, porque me parece expressar o que trago no coração e o que espero desta assembléia. Sendo verdade que todo Capítulo Geral é um acontecimento que supera na substância a só realização formal do que é prescrito pelas Constituições, com maior razão, acredito que deva sê-lo o CG26. Este será um evento pentecostal, que terá o Espírito Santo como principal protagonista; e será realizado entre memória e profecia, entre reconhecimento fiel às origens e abertura incondicionada à novidade de Deus. E todos nós seremos sujeitos ativos, com nossas responsabilidades e expectativas, ricos de experiência, disponíveis à escuta, ao discernimento, à acolhida da vontade de Deus sobre a Congregação.

Quem nos convoca é o próprio Deus, que continuamente e em todos os tempos chama e envia os seus profetas, para que haja vida em abundância para todos. Os apelos de Deus exigem generosidade, dedicação plena e disponibilidade também ao sofrimento para “dar a vida”; e a vida não surge sem “as dores do parto”. Deus não convida a consolidar situações de estagnação ou até mesmo de morte, mas envia o seu Espírito para dar novamente vida e vitalidade, transformar as pessoas e, através delas, renovar a face da terra.

A esta altura, não posso deixar de recordar a penetrante visão de Ezequiel sobre o povo de Deus exilado sem Rei, sem Templo e sem a Lei. Sobre os ossos ressequidos, sobre o povo morto, Deus envia o Espírito, e eis que reaparecem os nervos e cresce a carne. Ele recobre esses corpos de pele e sopra o seu hálito de vida (cf. Ez 37,8ss.). A novidade que Deus quer oferecer ao mundo pode chocar-se, certamente, com a resistência psicológica e espiritual a “renascer do alto” (cf. Jo 3,3), como aconteceu com Nicodemos. O que se nos pede, porém, é a disponibilidade exemplar de Abraão, que se deixa guiar pelo Deus da promessa (cf. Gn 12,1-3); ele não se apega nem mesmo ao filho tão desejado e chega a renunciar a Isaac, e não hesita em sacrificá-lo desde que não perca o seu Deus. A Virgem Maria, disposta a deixar o próprio projeto para assumir o de Deus, nesta lógica de disponibilidade, é sempre modelo perfeito de abertura iluminada (cf. Lc 1,35ss.).

O CG26 visa a algo de novo e de inédito. Impele-nos a urgência de retornar às origens. Somos chamados a haurir inspiração na mesma paixão apostólica de Dom Bosco. Somos convidados a beber nas fontes de onde brotou o carisma e, ao mesmo tempo, abrir-nos com audácia e criatividade a modalidades novas para podermos expressá-lo hoje. Para nós, é como descobrir novas

facetas de um único diamante, o nosso carisma, que nos permitem responder melhor às situações dos jovens, compreender e servir suas novas pobreza, oferecer novas oportunidades ao seu desenvolvimento humano e à sua educação, ao seu caminho de fé e à sua plenitude de vida.

Queridos capitulares, é importante que cada um de nós entre em sintonia profunda com Deus, que nos chama “hoje”, para que a inspiração e a força do seu Espírito não sejam contristadas no coração, emudecidas nos lábios e deformadas em sua lógica (cf. Ef 4,30). Tudo isso significa que o esforço a que somos chamados é o de abrir o mais possível o arco da nossa receptividade “espiritual”, para descobrir no profundo de nós mesmos a vontade de Deus em relação à Congregação e conformar sempre mais nosso pensar e nosso falar à Palavra de Deus. As palavras que cada um de nós se sentir chamado a manifestar carreguem o menos possível o peso da carne, porque “da carne nasce carne e do Espírito nasce Espírito” (cf. Jo 3,16).¹

4. Atitudes de participação plena no CG26

Como viver então a experiência capitular de forma construtiva? Que tipo de esforço cada capitular deverá fazer? Com quais atitudes se deve participar do Capítulo Geral?

Cultivando o espírito profético

A consciência de sermos convocados por Deus desperta em nós o sentido de dependência em relação a Ele e a intensa aceitação da missão que Ele nos confia. Isso exige de nós uma escuta contínua, humilde, obediente. Diversamente de um congresso ou encontro, quando a dialética prevalece com frequência, estamos aqui a viver um momento de discernimento e confronto sobre a vida da Congregação e o nosso carisma, um grande dom de Deus para a Igreja e para os jovens.

Não podemos assumir o papel de expectadores. Isso transformaria o evento em simples cronologia; dele não ficaria senão alguma vaga lembrança, incapaz de criar autênticos dinamismos transformadores da história. É justamente essa a missão do profeta: movido pelo Espírito de Cristo e portador da Palavra de Deus, ele é capaz de transformar a história. A fim de que tudo isso se realize em nossa experiência, o CG26 propõe-nos o envolvimento pleno de

¹ Cf. V. Bosco, *Il Capitolo: momento di profezia per tenere il passo di Dio*. Turim, Elle Di Ci, 1980, p. 8.

nossas pessoas. Todos nós somos chamados a viver este acontecimento com responsabilidade, perceber sua importância vital e reavivar todos os dias o interesse e a disponibilidade para o caminho que o Espírito nos leva a trilhar.

O Capítulo será significativo se deixar de ser puro “fato” acontecido no tempo e no espaço, para ser uma “experiência” profunda que toca, antes de tudo, nossa mesma pessoa. E a tocará se, na realização do Capítulo, formos capazes de encontrar a Deus. A partir desse momento começará a regeneração e o renascimento; poderemos, então, comunicar a todos os irmãos da Congregação “o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam” (cf. 1Jo 1,1).

O crescimento pessoal e o serviço à Congregação, postos em jogo na experiência capitular, caminham juntos. Ouve-se dizer, muitas vezes, que a participação num Capítulo Geral é uma experiência intensa de formação permanente, e é verdade. Entretanto, pessoalmente preferiria falar de uma experiência carismática no sentido mais profundo do termo, ou seja, de uma experiência do Espírito e, em se tratando de uma assembléia, de um verdadeiro Pentecostes comunitário.

Não se trata apenas de não decepcionar os irmãos, mas de não malbaratar o “tempo propício”, o “*kairós*”, de não decepcionar, portanto, a Deus e aos jovens, os dois pólos que configuram nossa identidade, ao redor dos quais gira nossa vida e a cujo serviço se justifica nosso ser.

Atuando o discernimento

Justamente porque o Capítulo não é um congresso, mas tempo de discernimento, deve-se vivê-lo com essa atitude, que exige preparação, reflexão séria, oração serena e profunda, contribuição pessoal, consciência da própria adesão, escuta de Deus e de si mesmo.

A partir desta perspectiva, contribuíram para criar este clima espiritual tanto as jornadas de espiritualidade salesiana vividas nos Becchi e em Turim quanto os Exercícios Espirituais, como também os dois dias de apresentação da Congregação através dos Setores e das Regiões. A atmosfera ideal em que Deus realiza maravilhas e conduz a história, também a da nossa Congregação, é a caridade: “*Ubi caritas et amor, Deus ibi est*”.

O Espírito atua, sopra seu hálito de vida e espalha suas chamas de fogo onde haja uma comunidade reunida em nome de Cristo e unida pelo amor. É a comunhão dos corações que nos convoca ao redor do mesmo projeto apostólico,

aquele de Dom Bosco, e torna possível a unidade na diversidade dos contextos, das culturas, das línguas.

Caminhando com o Deus da história

A situação do mundo e da Igreja pede-nos, hoje, que caminhemos com o Deus da história. Não podemos renunciar à nossa vocação de, como consagrados, ser a ponta de diamante do Reino de Deus, as sentinelas do mundo e os sensores da história. A nossa vocação de “sinais e portadores do amor de Deus” (C 2) impele-nos a ser aquilo que o Senhor espera de todos os seus discípulos: “sal da terra e luz do mundo” (cf. Mt 5,14). Eis as duas imagens utilizadas por Jesus para definir e caracterizar seus discípulos. Ambas são muito eloqüentes e nos dizem que caminhar na seqüela de Cristo não é determinado tanto pelo “fazer”, quanto pelo “ser”, ou seja, é mais uma *questão de identidade* do que de eficácia, uma questão mais de presença significativa do que de atuações grandiosas.

Também aqui, o que importa não é tanto a renovação da Congregação e o seu futuro, quanto a paixão por Jesus e o Reino de Deus. Esta é nossa esperança. É aqui que se encontra a vitalidade, a credibilidade e a fecundidade do nosso Instituto. Com efeito, a abertura aos questionamentos, às provocações, aos estímulos e desafios do homem moderno, dos jovens em nosso caso, liberta-nos de qualquer esclerose, atonia, redução de velocidade, aburguesamento e coloca-nos a caminho “no passo de Deus”. Evitaremos, então, olhar para trás, tornando-nos estátuas de sal, ou nos iludirmos em fugas estéreis para a frente, não conformes à vontade de Deus.

A sensibilidade histórica foi sempre um elemento típico de Dom Bosco e da Congregação e hoje, mais do que nunca, não podemos transcurá-la. Ela nos tornará atentos diante das urgências da Igreja e do mundo. E nos fará “caminhar” e “sair” em busca dos jovens. Isso deverá traduzir-se num documento capitular capaz de encher de fogo o coração dos irmãos. Esse texto será uma verdadeira carta de navegação para os anos venturos. Eis porque é importante a leitura dos “sinais dos tempos”, alguns dos quais eu quis indicar na carta de convocação do CG26 nos ACG 394.

Construindo sobre a rocha

Em minha carta circular “És tu o meu Deus, fora de ti não tenho bem algum” (Sl 16,2), publicada nos ACG 382, eu falava de uma vida consagrada de tipo liberal que já esgotou suas possibilidades e não tem mais futuro. Fizeram-se

esforços de renovação e se tentou crescer, mas não exatamente segundo a lógica de uma vida que, antes de tudo, é consagrada a Deus. Muitas experiências convalidam a suspeita de que se quis construir a casa sobre a areia, e não sobre a rocha. Qualquer tentativa de refundar a vida consagrada que não tenha Jesus Cristo como referência, fundamento da nossa vida (cf. 1Cor 3,11), e não nos faça mais fiéis a Dom Bosco, nosso fundador, está destinada à falência.

Não resta dúvida de que a vida consagrada vive um momento ainda mais delicado do que aquele do imediato pós-concílio, malgrado todos os esforços de renovação que se fizeram. Diante desse panorama pode surgir a tentação de um simples retorno ao passado para recuperar segurança e tranquilidade, ao preço do fechamento aos novos sinais dos tempos, que nos levem a responder com maior identidade, visibilidade e credibilidade.

A solução não está em opções restauradoras: não se pode, com efeito, subtrair à vida consagrada a força profética que sempre a distinguiu e que a torna dinâmica e contracultural. Como já disse muitas vezes, o que está em jogo no próximo sexênio não é a sobrevivência, mas a profecia da nossa Congregação. Não devemos cultivar, portanto, uma “obstinação institucional”, a procurar o prolongamento da vida a qualquer custo; antes, com humildade, constância e alegria devemos ser sinais da presença de Deus e do seu amor pelo homem. Só assim podemos ser uma força que arrasta e fascina.

Pois bem, para ser presença profética na Igreja e no mundo, a vida consagrada deve evitar a tentação de conformar-se com a mentalidade secularizada, hedonista e consumista deste mundo e deve deixar-se guiar pelo Espírito, que a faz surgir como forma privilegiada de seqüela e imitação de Cristo. Podemos então conhecer e assumir a vontade de Deus sobre nós nesta fase da história e levá-la para dentro da nossa vida com alegria, convicção e entusiasmo. “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2). Não podemos esquecer que a vida cristã, e com maior razão a vida consagrada, não tem outra vocação e missão senão a de ser “sal da terra” e “luz do mundo”.

Somos *sal da terra* quando vivemos o espírito das bem-aventuranças, quando construímos nossa vida a partir do sermão da montanha, quando vivemos uma existência alternativa. Trata-se de sermos pessoas que, diante de uma sociedade que privilegia o sucesso, o efêmero, o provisório, o dinheiro, o prazer, o poder, a vingança, o conflito, a guerra, escolhe a paz,

o perdão, a misericórdia, a gratuidade, o espírito de sacrifício, a começar do círculo restrito da família ou da comunidade para alargar-se depois à sociedade.

Jesus nos adverte, porém, quanto à possibilidade de o sal perder o sabor, de seus discípulos não serem autênticos. Ele assinala os efeitos desastrosos disso: “Para nada mais serve senão para ser lançado fora e pisado pelos homens”. Ou somos discípulos com clara identidade evangélica, portanto significativos e úteis para o mundo, ou somos de jogar fora e desprezar, somos infelizes, não somos nada. O cristianismo, a fé, o evangelho, a vida consagrada têm um valor social e uma responsabilidade pública, porque são vocação e missão, e não podem ser entendidos e vividos “para uso privado”.

É este o sentido da exortação com que Jesus conclui suas palavras: “Assim resplenda vossa luz diante dos homens”. Jesus quer que seus discípulos façam do sermão da montanha um programa de vida. Mansidão, pobreza, gratuidade, misericórdia, perdão, abandono em Deus, confiança, amor aos outros são, portanto, as obras evangélicas que é preciso fazer resplender; elas fazem de nós “sal” e “luz”, e nos ajudam a criar a sociedade alternativa que não permite que a humanidade se corrompa totalmente.

Queridos irmãos, nós somos chamados a ser esperança, a ser luz e sal; somos chamados a uma missão para a sociedade e o mundo, missão que se pode resumir numa palavra: santidade! Ser luz e sal quer dizer ser santos. O artigo 25 das Constituições apresenta a Profissão como fonte de santificação. Depois de falar dos irmãos que, vivendo em plenitude o projeto de vida evangélica, tornam-se estímulo do nosso caminho de santificação, assim conclui: “O testemunho desta santidade, que se realiza na missão salesiana, revela o valor único das bem-aventuranças e é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens”.

Dizia-nos João Paulo II: “Seria um contra-senso contentar-nos com uma vida medíocre, vivida segundo uma ética minimalista e uma religiosidade superficial... É o momento de propor a todos com convicção esta elevada medida da vida cristã ordinária”, que é justamente a santidade.² Parafraseando Dom Bosco, diria que é fascinante ser santo, porque a santidade é luminosidade, tensão espiritual, esplendor, luz, alegria interior, equilíbrio, limpidez, amor levado ao extremo.

² JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n. 31. Cf. também *Partir de Cristo*, n. 46.

Sendo verdade que a vida consagrada é “dom divino, recebido pela Igreja do seu Senhor”, “árvore plantada por Deus na Igreja”, “dom especial que ajuda a Igreja na missão salvífica” e que ela “pertence firmemente à vida e santidade da Igreja” (*Lumen Gentium*, n. 43-44), decorre que a celebração capitular é um evento eclesial no sentido autêntico da palavra. Trata-se de um verdadeiro “*kairós*”, no qual Deus atua para levar a Igreja a ser sempre mais esposa de Cristo, toda irradiante, sem mancha e sem rugas.

5. Tema e objetivo do CG26

Em um estudo lingüístico feito depois da definição do tema do CG26, o padre Julian Fox escrevia que a palavra que mais retornava nas intervenções do Reitor-Mor, desde a apresentação dos documentos do CG25,³ era “paixão”, unida ordinariamente ao “*Da mihi animas*”. Sua conclusão é que o “*Da mihi animas*” de Dom Bosco dá conteúdo e sentido à palavra “paixão”, usada freqüentemente em meus escritos; dito de outra forma, o termo “paixão” descreve muito bem o significado do “*Da mihi animas*”.

Esta linguagem fez-se mais intensa a partir do Congresso internacional da vida consagrada, realizado em Roma em fins de novembro de 2004, que teve justamente como tema programático “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”. Como membro do conselho executivo e da comissão teológica da USG, tive a possibilidade de contribuir para a escolha do tema, que entendia insistir sobre a centralidade da “paixão” no testemunho atual da vida consagrada.

No interior da tradição salesiana e no contexto mais amplo da vida consagrada, esta opção quer-nos levar novamente, a nós consagrados, a cultivar uma po-

³ The reference is essentially to a sentence in n. 20 of GC25: “Toda comunidade é formada por homens, imersos na sociedade, que exprimem a paixão evangélica do “*Da mihi animas, cetera tolle*” com o otimismo da fé, a dinamicidade e a criatividade da esperança e a bondade e doação total da caridade”. Each community expresses the Gospel-based passion of the ‘*Da mihi animas*’. So while the RM doesn’t actually mention the term ‘passion’ as the very first thing he wrote to the whole Congregation by way of the introduction to the GC25 documents, he is introducing a document that does, and he soon takes up the twin terms ‘passion’ and ‘*Da mihi animas*’ in subsequent letters anyway. We can say that they were there from the beginning of his consciousness as Rector Major. (J. Fox, 6/4/2006).

derosa força estimulante, uma imensa energia que é justamente a do desejo. A união profunda entre “paixão” e “*Da mihi animas*” pertence à nossa estrutura genética, não em nível formal, mas essencial. Nesse modo de sentir, que é dom carismático do nosso fundador, a “paixão” liga-nos profundamente a Deus e aos jovens. A escolha do tema “*Da mihi animas, cetera tolle*”, por isso, quis ir à raiz do nosso carisma, à “fundação” da opção espiritual e apostólica de Dom Bosco, que ele mesmo deixou como programa de vida aos Salesianos (cf. C 4). O lema, de fato, sintetiza nossa identidade carismática e nossa missão.

O “*Da mihi animas*” exprime a *missão desejada, pedida, aceita*. A missão é dom de Deus; é Ele que deseja estar no meio dos jovens através de nós, porque Ele mesmo quer salvá-los, dar-lhes sua plenitude de vida; por isso, a missão deve ser desejada, pois nasce do coração de Deus salvador e não da nossa vontade. A missão é, além disso, dom a ser pedido; o missionário dos jovens não é dono nem da própria vocação nem dos seus destinatários; a missão realiza-se, em primeiro lugar, em colóquio com o Senhor da messe; isso implica profunda relação com Deus, verdadeiro pré-requisito de qualquer missão. A missão é, pois, um dom que se aceita; e isso solicita a identificação com o carisma e o preocupação com a fidelidade vocacional através da formação inicial e da formação permanente; será esta fidelidade a proteger-nos da desafeição a Deus e aos jovens.

O “*cetera tolle*” representa a *disposição interior* e o esforço ascético de acolher a missão. É uma opção de desapego de tudo que nos afaste de Deus e dos jovens. Tal opção pede-nos uma vida pessoal e comunitária mais simples e mais pobre, com a conseqüente reorganização institucional do trabalho, que nos ajude a superar o risco de ser gestores de obras mais do que evangelizadores dos jovens; atenção às novas pobreza dos jovens e dos destinatários em geral; abertura às novas fronteiras da evangelização num empenho apostólico profundamente renovado.

O objetivo do CG26 é tocar o coração do Salesiano a fim de fazer com que cada irmão seja “um novo Dom Bosco”, seu intérprete hoje! Expressamos este horizonte, ao dizer que o CG26 quer “despertar o coração do Salesiano com a paixão do *‘Da mihi animas’*”. Estaremos certos de alcançar o objetivo, se cada Salesiano se identificar com Dom Bosco, ao acolhê-lo na própria vida como “pai e modelo” (cf. C 21). Devemos, por isso, renovar nossa atenção e nosso amor às Constituições, acolhendo toda a sua força carismática.

A esse respeito, gostaria de indicar-lhes de modo particular o capítulo segundo das Constituições que nos apresenta o “espírito salesiano”. Recordemos o que Dom Bosco nos deixou escrito em seu testamento espiritual: “Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro, mediante a exata observância das nossas Constituições”.⁴ E o padre Rua repete-nos: “Quando o Venerável Dom Bosco enviou seus filhos para a América, quis que a fotografia o representasse no meio deles no ato de entregar ao padre João Cagliero, chefe da expedição, o livro das Constituições. Quanta coisa dizia Dom Bosco com aquele gesto... Queria eu mesmo acompanhar-vos, confortar-vos, consolar-vos, proteger-vos; mas o que não posso fazer pessoalmente, este livrinho o fará. Guardai-o como tesouro preciosíssimo”.⁵ E, enfim, padre Rinaldi afirmava: “Dom Bosco está nelas por inteiro”.

6. Identidade carismática e paixão apostólica

O tema do CG26 – “*Da mihi animas, cetera tolle*” – tem como subtítulo a expressão “identidade carismática e paixão apostólica”. Afinal de contas, a profunda renovação que a Congregação precisa neste momento histórico e para a qual tende este CG, depende da união inseparável dos dois elementos. Segundo meu modo de ver, deve-se superar desde o início o dilema clássico entre “identidade carismática e relevância social”. De fato, este é um falso problema: não se trata de dois fatores independentes, e sua contraposição pode traduzir-se em tendências ideológicas que desnaturam a vida consagrada, são causa de tensões inúteis e de esforços estéreis, provocando um sentimento de falência. Pergunto-me, pois: onde encontrar a identidade salesiana, aquela que garantiu a relevância social da Congregação, que se manifesta no “fenômeno salesiano” como foi chamado por Paulo VI, fruto do seu incrível crescimento vocacional e da sua expansão mundial?

Acontece conosco aquilo que é vivido hoje pela Igreja. Ela “está sempre diante de dois imperativos sagrados, que a mantêm numa tensão insuperável. Por um lado, está ligada à memória viva, à assimilação teórica e à resposta histórica à revelação de Deus em Cristo, que é origem e fundamento da sua existência. Por

⁴ Cf. “Escritos de Dom Bosco: ‘Do testamento espiritual de São João Bosco’”. In: *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. 2ª ed., 2003, p. 292.

⁵ “Carta circular de 1º de dezembro de 1909”. In: *Lettere circolari di don Michele Rua ai salesiani*. Torino, Direzione Generale delle Opere Salesiane, 1965, p. 498.

outro lado, está ligada e é dirigida à comunicação generosa da salvação oferecida por Deus a todos os homens, alcançados por ela através da evangelização, da celebração sacramental, do testemunho vivo e da colaboração generosa de cada um de seus membros. *O cuidado com a identidade e o exercício da missão são igualmente sagrados*. Quando a fidelidade às origens e a preocupação pela identidade são desproporcionadas ou excessivas, a Igreja converte-se numa seita e sucumbe ao fundamentalismo. Quando a preocupação com sua relevância diante da sociedade e das causas comuns da humanidade é levada ao extremo, no qual se esquecem as próprias fontes originais, então a Igreja chega à beira da dissolução e finalmente da insignificância”.⁶

Eis os dois elementos constitutivos da Igreja e, portanto, da Congregação: sua *identidade*, que consiste em ser discípula de Jesus Cristo, e sua *missão*, centrada no trabalho pela salvação dos homens, dos jovens em nosso caso. A preocupação obsessiva pela identidade acaba no fundamentalismo, e perde-se assim a relevância. A angústia pela relevância social na realização da missão a qualquer preço e à custa da perda da identidade, leva à dissolução do próprio “ser Igreja”.

Isso significa que a fidelidade da Igreja, e *a fortiori* a da Congregação, depende da união inseparável destes dois fatores: identidade carismática e relevância social. Ao organizar freqüentemente estes elementos como antagônicos ou simplesmente separáveis, “ou identidade ou relevância”, podemos cair numa concepção errada de vida consagrada, pensando que se há muita identidade de fé e de carisma, seu empenho social possa vir a sofrer com isso, e conseqüentemente possa existir pouca significatividade da nossa vida. Esquecemos que “a fé sem as obras é estéril” (cf. Tg 2,20). Não se trata de alternativa, mas de integração!

Ao falar da renovação da vida consagrada, no n. 2 do Decreto *Perfectae Caritatis*, o Concílio Vaticano II propunha esta orientação de base: “A adequada renovação da vida religiosa compreende, *ao mesmo tempo*, um retorno incessante às fontes de toda vida cristã, à inspiração originária dos institutos e à sua adaptação às condições mutáveis dos tempos”.

São três as referências desse programa de renovação: 1) retorno contínuo às fontes de toda vida cristã; 2) retorno contínuo à inspiração originária dos insti-

⁶ O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, *Ratzinger y Juan Pablo II: la Iglesia entre dos milênios*. Salamanca, Ed. Sígueme, 2005, p. 224ss.

tutos; 3) adaptação dos institutos às alteradas condições dos tempos. Há, porém, primeiramente um critério que se torna normativo, ou seja, as três exigências da reforma caminham juntas: *simul*. Não pode existir qualquer renovação adequada com apenas uma dessas perspectivas. Talvez tenha sido esse o erro de certas tentativas falidas de reforma da vida consagrada. No imediato período pós-conciliar, enquanto alguns sublinhavam a inspiração originária do instituto através de uma forte identidade, outros optavam pela adequação à nova situação do mundo contemporâneo com um empenho social mais intenso. Assim, ambas as polarizações ficavam infecundas e sem uma efetiva força de convicção.

Compartilhei muitas vezes a profunda impressão que me causou a visita à Casa Mãe das Irmãs da Caridade, em Calcutá, justamente pela particular convicção que Madre Teresa soube transmitir às suas irmãs: quanto mais te ocupas com aqueles aos quais ninguém dá atenção, os mais pobres e carentes, tanto mais deves exprimir a diferença, a razão fundamental dessa preocupação, que é Cristo Crucificado. A única forma em que se torna claro o testemunho da vida consagrada é encontrada quando ela é capaz de revelar que *Deus caritas est*. Madre Teresa escrevia: “A oração mais profunda leva-te à fé mais vibrante, a fé mais vibrante, ao amor mais expansivo, o amor mais expansivo, à entrega mais altruísta, a entrega mais altruísta, à paz duradoura”.

A identificação com a sociedade contemporânea, sem uma profunda identificação com Jesus Cristo, perde sua capacidade simbólica e sua força inspiradora. Apenas esta inspiração torna possível a diferença de que a sociedade carece. Só a identificação com um grupo social ou com um determinado programa político embora carregado de impacto social, não é mais eloquente nem crível. Para essa finalidade existem outras instituições e organizações no mundo de hoje.

Foi o que Dom Bosco soube fazer de modo extraordinário. Nosso texto constitucional no-lo apresenta de modo magistral no artigo 21 ao falar de Dom Bosco como Pai e Mestre e ao no-lo oferecer como modelo. São três as razões apresentadas:

- a) Ele conseguiu realizar na própria vida uma *esplêndida harmonia de natureza e graça*:
- | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| – profundamente homem | – profundamente homem de Deus |
| – rico das virtudes do seu povo | – cheio dos dons do Espírito Santo |
| – era aberto às realidades terrenas | – vivia como se visse o invisível |
- Eis aí sua identidade.*

b) Estes dois aspectos fundiram-se num *projeto de vida fortemente unitário: o serviço dos jovens*

- com firmeza e constância
- por entre obstáculos e fadigas
- com a sensibilidade de um coração generoso
- não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude.

Eis aí sua relevância.

c) Realmente *tinha a peito tão-somente as almas:*

- totalmente consagrado a Deus e plenamente devotado aos jovens
- educava evangelizando e evangelizava educando

Eis a graça da unidade.

Hoje a Congregação precisa dessa conversão que nos faça recuperar, ao mesmo tempo, a identidade carismática e a paixão apostólica. Nosso empenho pela salvação dos jovens, especialmente os mais pobres, passa necessariamente através da identificação carismática.

É verdade que em Dom Bosco, a santidade refulge a partir das suas obras; mas as obras são apenas a expressão da sua vida de fé. União com Deus é viver em Deus a própria vida, é estar na Sua presença, é participar da vida divina que está em nós. Dom Bosco fez da revelação de Deus e do seu Amor, a razão da própria vida, segundo a lógica das virtudes teologais: com uma fé que se tornava sinal fascinante para os jovens, uma esperança que era palavra luminosa para eles, uma caridade que se fazia gesto de amor para com eles.

7. Conclusão

Queridos irmãos capitulares, em 3 de abril de 2002 eu fui eleito Reitor-Mor pelo CG25 e nos dias sucessivos foram eleitos o vigário e os demais conselheiros de Setor e de Região, com a tarefa de animar e governar a Congregação no sexênio 2002-2008. Nesses seis anos procuramos viver essa missão com intensidade, investindo nossas melhores energias.

Padre Van Looy, pouco mais de um ano depois, foi chamado pelo Santo Padre ao ministério episcopal como bispo da Diocese de Gent, na Bélgica. Isso nos obrigou a nomear um novo vigário, padre Adriano Bregolin e, conseqüentemente, um novo regional para a Itália e Oriente Médio na pessoa do padre Pier

Fausto Frisoli. Um de nós, o padre Valentín De Pablo, veio a falecer enquanto realizava a visita extraordinária à Visitadoria AFO. Dois conselheiros, padres Antonio Domenech e Helvécio Baruffi, foram duramente provados pela doença. Enfim, em 23 de janeiro passado, o Santo Padre nomeou bispo o padre Tarcísio Scaramussa, Conselheiro para a Comunicação Social, confiando-lhe a trabalhosa missão de Auxiliar na Arquidiocese de São Paulo.

Enquanto agradeço a cada um dos conselheiros pela proximidade e colaboração leal, generosa e qualificada nos diversos papéis que lhes foram confiados, hoje é o momento de dar voz novamente à assembléia capitular, que representa a expressão máxima de autoridade na vida da Congregação. A todos, portanto, queridos irmãos, a palavra, mas também o convite a abrir o coração ao Espírito, o grande Mestre interior que nos guia sempre à verdade e à plenitude de vida.

Concluo entregando este acontecimento pentecostal da nossa Congregação a Nossa Senhora, a Maria Auxiliadora. Ela sempre esteve presente em nossa história e não nos fará faltar sua presença e ajuda nesta hora. Como no Cenáculo, Maria, a especialista do Espírito, haverá de nos ensinar a nos deixarmos guiar por Ele “para poder discernir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2b).

Roma, 3 de março de 2008

Saudação do Reitor-Mor em homenagem ao Santo Padre, por ocasião da Audiência Pontifícia

Beatíssimo Padre,

sentimos uma grande alegria e a considerar como dom admirável de Deus poder encontrar Vossa Santidade por ocasião do Capítulo Geral 26. Sinto-me feliz por poder apresentar-lhe os membros do novo Conselho Geral, eleitos na semana passada, e todos os outros inspetores-provinciais, com seus respectivos delegados, das 96 circunscrições nas quais está subdividida nossa Sociedade Salesiana. Estão também presentes alguns convidados na qualidade de observadores. Ao todo, 233 membros, que representam os quase 16 mil Salesianos presentes em 129 países do mundo.

A alegria que este encontro com o Santo Padre produz em nós é fruto e expressão do nosso Carisma. De fato, nosso Pai Dom Bosco costumava dizer: “Todo esforço é pouco quando se trata da Igreja e do Papado” (cf. MB V, p. 577). Ele tinha uma visão enraizada na certeza da presença viva do Espírito Santo na Igreja, na convicção de que o Papa é o Vigário de Cristo na terra e na consciência de que Nossa Senhora é a Auxiliadora dos Cristãos. Em coerência com esses princípios, promoveu e realizou iniciativas, tomou decisões e aceitou tarefas difíceis, a fazer sempre da vontade do Santo Padre um ponto de referência fundamental da sua ação e da sua espiritualidade. Este modo de sentir está vivo em nós, Beatíssimo Padre, e, com ele, além de exprimir nossa proximidade e adesão à pessoa do Papa entendemos exprimir nosso Amor e nossa entrega total a serviço da Igreja.

O Capítulo Geral que estamos celebrando focalizou a atenção sobre um importante núcleo carismático da nossa Congregação Salesiana: “*Da mihi animas, cetera tolle*”. Esta breve oração foi o lema escolhido por Dom Bosco, desde os inícios, para o seu apostolado entre os jovens. Ele queria exprimir assim, ao mesmo tempo, sua total entrega a Deus, uma grande paixão apostólica e a disponibilidade total a qualquer renúncia, desde que pudesse concretizar sua missão.

Pudemos confrontar-nos, durante o Capítulo Geral, com essa dedicação total do nosso Santo Fundador a Deus nos jovens. Tivemos como propósito retor-

nar a Dom Bosco e dele partir, com vontade de estudá-lo, amá-lo e invocá-lo aplicando-nos ao conhecimento da sua história e das origens da Congregação; tudo isso para “retornar aos jovens”, estar à escuta de suas invocações e assumir suas inquietações e expectativas, à luz da cultura atual.

Sentimos toda a atualidade do carisma educativo do qual somos portadores, Beatíssimo Padre, e pretendemos vivê-lo intensamente pelo bem da juventude como contribuição original àquela que é a missão evangelizadora da Igreja.

A celebração de um Capítulo Geral é sempre também um momento de revisão, e estamos felizes de poder constatar que nossos irmãos trabalham com fidelidade e eficácia em tantas partes do mundo. Trinta anos atrás, o Reitor-Mor, padre Egídio Viganó, dera origem ao Projeto África. Uma vasta iniciativa de *gemellaggi* missionários fez com que nossa presença pudesse multiplicar-se, alargando-se até chegar a 42 países do continente. Hoje, os irmãos na África são mais de 1.200 e a maioria deles é autóctone. Continuamos a trabalhar na América Latina com grande empenho no campo da educação. É sempre grande a atenção aos jovens mais pobres das periferias urbanas, da rua e também das regiões menos desenvolvidas do continente. Na Ásia e Oceania, onde a religião católica é porcentualmente pouco difundida, temos grande florescimento vocacional, e a evangelização é levada adiante com entusiasmo e fruto, sobretudo entre as populações de origem tribal. Isso acontece na Índia, na Indonésia, no Vietnã, em Timor, até as Ilhas Fiji e Samoa. Um sonho ainda continua no coração, o de nos dedicarmos à juventude da grande China e assim levar à plena realização o sonho missionário de Dom Bosco. Será uma grande alegria para toda a Igreja e também para nossa Congregação quando agradecer ao Senhor abrir também essa porta.

Estamos cientes, Santidade, de que a “*missio ad gentes*” é uma vocação que nos chama com renovado empenho pelo continente europeu, como também pelas regiões mais desenvolvidas do continente norte-americano e da Austrália. Dom Bosco impele-nos a buscar caminhos novos para encontrar também esses jovens; eles, muitas vezes, não apresentam sinais de pobreza material, mas possuem certamente uma grande pobreza do ponto de vista espiritual; buscam respostas e não têm amigos do coração; têm fome de vida e perderam o sentido da vida. Por tudo isso, o Capítulo Geral orientou-se na formulação de um Projeto Europa, que visa redesenhar a presença salesiana com maior incisividade e eficácia neste continente. Ou seja, buscar uma nova proposta de evangelização para responder às necessidades

espirituais e morais desses jovens, que se nos apresentam um pouco como peregrinos sem guias e sem meta.

Beatíssimo Padre, enquanto renovamos os sentimentos do nosso reconhecimento filial, asseguramos-lhe a oração constante pelas suas intenções, pela Igreja e pelo mundo e com alegria acolhemos do senhor as orientações que mais claramente poderão marcar a caminhada da nossa Congregação nos próximos seis anos, que nos prepararão de maneira imediata à celebração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco (1815-2015).

Sinta-nos sempre seus devotíssimos filhos e abençoe-nos.

Roma, 31 de março de 2008

Discurso de Sua Santidade Bento XVI na Audiência aos Capitulares em 31 de março de 2008

*Queridos Membros do Capítulo Geral
da Congregação Salesiana*

É-me grato encontrar-me convosco hoje enquanto os vossos trabalhos capitulares chegam à sua fase conclusiva. Agradeço antes de tudo ao Reitor-Mor, padre Pascual Chávez Villanueva, pelos sentimentos que expressou em nome de todos vós, confirmando a vontade da Congregação de trabalhar sempre com a Igreja e pela Igreja, em plena sintonia com o Sucessor de Pedro. Agradeço-lhe também o serviço generoso desempenhado no sexênio passado e apresento-lhe os meus bons votos pelo encargo que acabou de ser-lhe renovado. Saúdo também os membros do novo Conselho Geral, que ajudarão o Reitor-Mor em sua tarefa de animação e de governo de toda a vossa Congregação.

Na mensagem dirigida ao Reitor-Mor no início dos vossos trabalhos, e por intermédio dele a vós Capitulares, eu expressara algumas expectativas que a Igreja tem em relação aos Salesianos e oferecera algumas considerações para a caminhada da vossa Congregação. Hoje pretendo retomar e aprofundar algumas dessas indicações, também à luz do trabalho que estais a realizar. Vosso Capítulo Geral 26 situa-se num período de grandes transformações sociais, econômicas, políticas; de acentuados problemas éticos, culturais e ambientais; de conflitos ainda sem solução entre etnias e nações. Por outro lado, há em nosso tempo comunicações mais intensas entre os povos, possibilidades novas de conhecimento e de diálogo, um confronto mais vivo sobre os valores espirituais que dão sentido à existência. Em particular, os apelos que os jovens nos fazem, sobretudo seus questionamentos sobre os problemas fundamentais, fazem referência aos intensos desejos de vida plena, de amor autêntico, de liberdade construtiva que eles sentem. São situações que interpelam profundamente a Igreja e a sua capacidade de anunciar hoje o Evangelho de Cristo com todo o seu empenho de esperança. Por isso, faço vivos votos para que toda a Congregação Salesiana, graças também aos

resultados do vosso Capítulo Geral, possa viver com renovado impulso e fervor a missão para a qual o Espírito Santo a suscitou na Igreja, pela intervenção materna de Maria Auxiliadora. Hoje desejo encorajar-vos, e a todos os Salesianos, a continuarem pelo caminho dessa missão, em plena fidelidade ao vosso carisma de origem, no contexto do já iminente bicentenário do nascimento de Dom Bosco.

Com o tema “*Da mihi animas, cetera tolle*” vosso Capítulo Geral se propôs a reavivar a paixão apostólica em cada Salesiano e em toda a Congregação. Isso ajudará a caracterizar melhor o perfil do Salesiano, de modo que ele se torne cada vez mais consciente da sua identidade de pessoa consagrada “para a glória de Deus” e seja cada vez mais inflamado pelo impulso pastoral “para a salvação das almas”. Dom Bosco quis que a continuidade do seu carisma na Igreja fosse garantida pela opção da vida consagrada. Também hoje o movimento salesiano só poderá crescer em fidelidade carismática se, no seu interior, continuar sendo um núcleo forte e vital de pessoas consagradas. Por isso, a fim de robustecer a identidade de toda a Congregação, vosso primeiro compromisso consiste em fortalecer a vocação de cada Salesiano para viver em plenitude a fidelidade ao seu chamado à vida consagrada. A Congregação inteira deve tender a ser continuamente “memória viva do modo de ser e de agir de Jesus como verbo encarnado diante do Pai e dos irmãos” (cf. *Vita Consecrata*, n. 22). Cristo seja o centro da vossa vida! É preciso deixar-se alcançar por Ele e é preciso tornar a partir sempre d’Ele. Tudo o mais seja considerado “prejuízo diante deste bem supremo que é o conhecimento de Jesus” e tudo seja considerado “lixo, a fim de ganhar Cristo” (cf. Fl 3,8). De aqui nasce o amor fervoroso ao Senhor Jesus, a aspiração de se identificar com Ele, assumindo seus sentimentos e sua forma de vida, o abandono confiante ao Pai, a dedicação à missão evangelizadora, que devem caracterizar todos os Salesianos: estes devem sentir-se escolhidos para se colocarem no seguimento de Cristo obediente, pobre e casto, segundo os ensinamentos e os exemplos de Dom Bosco.

O processo de secularização, que cresce nas culturas contemporâneas, infelizmente não poupa nem sequer as Comunidades de vida consagrada. É preciso vigiar por isso sobre formas e estilos de vida que correm o risco de tornar frágil o testemunho evangélico, ineficiente a ação pastoral e precária a resposta vocacional. Por isso, peço-vos que ajudeis vossos irmãos a conservarem e reavivarem a fidelidade ao chamado. A oração dirigida por Jesus ao Pai antes da sua Paixão, para que conservasse no seu nome todos os discípulos que lhe dera

e para que nenhum deles se perdesse (cf. Jo 17,11-12), é válida em particular para as vocações de especial consagração. Por isso “a vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa” da vossa Congregação (cf. *Vita Consagrada*, n. 93). A Palavra de Deus e a Liturgia sejam as fontes da espiritualidade salesiana! Em particular a *lectio divina*, praticada cotidianamente por todos os Salesianos, e a Eucaristia celebrada todos os dias na Comunidade sejam seu alimento e apoio. Disso brotará a espiritualidade autêntica da dedicação apostólica e da comunhão eclesial. A fidelidade ao Evangelho, vivido *sine glossa*, e à vossa Regra de vida, em particular um teor de vida austero e a pobreza evangélica praticada de modo coerente, o amor fiel à Igreja e a doação generosa de vós mesmos aos jovens, especialmente aos mais carentes e desfavorecidos, serão garantia do florescimento da vossa Congregação.

Dom Bosco é exemplo resplandecente de uma vida marcada pela paixão apostólica, vivida a serviço da Igreja no interior da Congregação e da Família Salesiana. Na escola de São José Cafasso, vosso Fundador aprendeu a assumir o lema “*Da mihi animas, cetera tolle*” como síntese de um modelo de ação pastoral inspirado na figura e na espiritualidade de São Francisco de Sales. O horizonte no qual se coloca este modelo é o da primazia absoluta do amor de Deus, um amor que chega a plasmar personalidades fervorosas, desejosas de contribuir para a missão de Cristo, a fim de acender toda a terra com o fogo do seu amor (cf. Lc 12,49). Ao lado do fervor do amor de Deus, outra característica do modelo salesiano é a consciência do valor inestimável das “almas”. Essa percepção gera, por contraste, um sentido agudo do pecado e das suas conseqüências devastadoras no tempo e na eternidade. O apóstolo é chamado a colaborar na ação redentora do Salvador, para que ninguém se perca. “Salvar as almas” foi, portanto a única razão de vida de Dom Bosco. O Bem-aventurado Miguel Rua, seu primeiro sucessor, sintetizou assim toda a vida do vosso amado Pai e Fundador: “Não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude... Realmente tinha a peito tão-somente as almas”. Assim o Bem-aventurado Miguel Rua falou de Dom Bosco.

Também hoje é urgente alimentar essa paixão no coração de cada Salesiano. Ele então não terá receio de se mover com audácia nos ambientes mais difíceis da ação evangelizadora em favor dos jovens, especialmente dos mais pobres material e espiritualmente. Terá a paciência e a coragem de propor aos jovens que vivam a mesma totalidade de dedicação na vida consagrada. Terá o coração aberto para descobrir as novas necessidades dos jovens e ouvir seu

pedido de ajuda, deixando eventualmente a outros os campos já consolidados de intervenção pastoral. O Salesiano enfrentará, por isso, as exigências totalizantes da missão com uma vida simples, pobre e austera, na partilha das mesmas condições dos pobres e terá a alegria de dar mais a quem na vida teve de menos. A paixão apostólica far-se-á contagiosa e também atrairá a outros. O Salesiano torna-se, portanto, promotor do sentido apostólico, a ajudar, antes de tudo, os jovens a conhecerem e amarem o Senhor Jesus; a se deixarem fascinar por Ele; a cultivarem o compromisso evangelizador; a desejarem fazer o bem aos próprios coetâneos e a serem apóstolos de outros jovens, como São Domingos Sávio e os Bem-aventurados Laura Vicuña, Zeferino Namuncurá e os cinco Mártires do Oratório de Poznan. Queridos Salesianos, seja vosso compromisso formar leigos com coração apostólico, convidando a todos para caminharem na santidade de vida que faz amadurecer discípulos corajosos e apóstolos autênticos.

Na mensagem que dirigi ao Reitor-Mor no início do vosso Capítulo Geral, eu quis entregar idealmente a todos os Salesianos a carta enviada recentemente por mim aos fiéis de Roma, sobre a preocupação daquela que chamei de grande emergência educativa. “Educar nunca foi fácil e hoje parece ser sempre mais difícil: por isso não poucos pais e professores se sentem tentados a renunciar à sua tarefa, e não conseguem nem sequer compreender qual seja verdadeiramente a missão que lhes é confiada. De fato, circulam em nossa sociedade e cultura demasiadas incertezas e dúvidas, demasiadas imagens deturpadas são veiculadas pelos meios de comunicação social. Assim, torna-se difícil propor às novas gerações algo válido e certo, regras de comportamento e objetivos pelos quais vale a pena gastar a própria vida” (Discurso na entrega à Diocese de Roma da *Carta sobre a tarefa urgente da educação*, 23/2/2008). Na realidade, o aspecto mais grave da emergência educativa é o sentido de desânimo que invade muitos educadores, em particular pais e professores, diante das dificuldades que a sua tarefa apresenta hoje. De fato, assim escrevi na citada carta: “Alma da educação só pode ser uma esperança confiável. Hoje nossa esperança é insidiada de muitas partes, e arriscamos a sermos também, como os antigos pagãos, homens ‘sem esperança e sem Deus neste mundo’, como escrevia o apóstolo Paulo aos cristãos de Éfeso (cf. Ef 2,12). Nasce daí precisamente a dificuldade, talvez mais profunda, para uma verdadeira obra educativa: à raiz da crise da educação há de fato uma crise de confiança na vida”, que, no fundo, não é mais do que desconfiança naquele Deus que nos chamou à vida. É extremamente importante na educa-

ção dos jovens que a família seja sujeito ativo. Ela encontra-se muitas vezes em dificuldade ao enfrentar os desafios da educação; outras vezes é incapaz de dar sua contribuição específica, ou então fica ausente. A predileção e o compromisso a favor dos jovens, que são características do carisma de Dom Bosco, devem traduzir-se em igual compromisso pelo envolvimento e formação das famílias. Portanto, vossa pastoral juvenil deve abrir-se decididamente à pastoral familiar. Ocupar-se das famílias não é subtrair forças ao trabalho pelos jovens, aliás, é torná-lo mais duradouro e eficaz. Encorajo-vos, então, a aprofundar as formas deste compromisso, sobre o qual já vos encaminhastes; isso será também um benefício para a educação e evangelização dos jovens.

Diante dessas múltiplas tarefas, é preciso que vossa Congregação garanta uma formação sólida, especialmente aos seus membros. A Igreja tem necessidade urgente de pessoas de fé sólida e profunda, de preparação cultural atualizada, de genuína sensibilidade humana e de grande sentido pastoral. Ela precisa de pessoas consagradas, que dediquem a própria vida permanecendo nessas fronteiras. Só assim será possível evangelizar eficazmente. Vossa Congregação deve dedicar-se, portanto, a esse serviço formativo como sua prioridade. Ela deve continuar a formar com grande cuidado seus membros sem se contentar com a mediocridade, superando as dificuldades da fragilidade vocacional, favorecendo um sólido acompanhamento espiritual e garantindo na formação permanente a qualificação educativa e pastoral.

Concluo dando graças a Deus pela presença do vosso carisma a serviço da Igreja. Encorajo-vos na realização das metas que vosso Capítulo Geral proporá a toda a Congregação. Garanto-vos a minha oração para a concretização do que o Espírito vos sugerir pelo bem dos jovens, das famílias e de todos os leigos comprometidos no espírito e na missão de Dom Bosco. Com estes sentimentos concedo agora a todos vós, em penhor de abundantes dons celestes, a Bênção Apostólica.

Cidade do Vaticano, Sala Clementina, 31 de março de 2008

**Discurso do Reitor-Mor
Pe. Pascual Chávez Villanueva
no encerramento do CG26**

CG26:

UMA CARTA DE NAVEGAÇÃO A CAMINHO DO JUBILEU DE 2015
na marca do “Da mihi animas, cetera tolle”

Queridos Irmãos

Concluimos hoje este Pentecostes salesiano. Sim! O Capítulo Geral 26 quis ser isto: um Pentecostes, um momento de particular abertura ao Espírito do Senhor. Ainda ressoam em nossos corações as palavras que o Papa Bento XVI nos transmitiu na mensagem enviada para a abertura da nossa reunião: “O carisma de Dom Bosco constitui uma dádiva do Espírito para todo o Povo de Deus, mas somente na escuta dócil e na disponibilidade à ação divina é possível interpretá-lo e torná-lo, inclusive neste nosso tempo, atual e fecundo... Derramando sobre os Capitulares a abundância dos seus dons, Ele chegará ao coração dos Irmãos de hábito, fazendo-os arder com seu amor, inflamando-os com o desejo de santidade, impelindo-os a abrir-se à conversão e revigorando-os na sua audácia apostólica”.¹

1. Breve crônica do evento capitular

Quisemos, de fato, viver o Capítulo justamente assim: sob a orientação do Espírito Santo, para que fosse Ele a ajudar-nos a entender melhor, atualizar e tornar fecundo o carisma do nosso Fundador e Pai. Durante esses dias, experimentamos a ação do Espírito, que inflamará nosso coração para sermos testemunhas

¹ BENTO XVI, *Ao Reverendíssimo padre Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos de Dom Bosco. Vaticano*, 1º /3/2008, n.1.

eloqüentes e corajosas do Senhor Jesus, para levar aos jovens a boa-nova da sua ressurreição e propor-lhes a experiência alegre do encontro com Ele.

As jornadas vividas nos lugares salesianos (São Francisco de Assis, Valdocco, Colle Don Bosco, Basílica de Maria Auxiliadora e Santuário da Consolata) foram esplêndidas, apreciadas por todos pela oportunidade de estar em contato imediato com o berço – carismático, espiritual e apostólico – da nossa Congregação. Para alguns era a primeira vez que tinham a alegria de visitar “os nossos lugares santos”, para outros era a primeira vez que escutavam uma apresentação de Dom Bosco feita não tanto de historietas de família para contar ou curiosidades históricas para esclarecer, mas como experiência espiritual e carismática para reviver. Aqueles dias foram para todos, afinal, um modo concreto – e espero – o primeiro passo para “partir de Dom Bosco”.

Os frutos deverão ser copiosos: um desejo maior de aprofundamento da herança espiritual que nos foi transmitida, o esforço por tornar mais conhecidos Dom Bosco e nossa história salesiana, a vontade de preparar formadores de salesianidade e, enfim, o desejo de valorizar mais esses lugares ligados ao nosso carisma.

A apresentação do estado da Congregação, através da relação audiovisual dos Dicastérios e das Regiões, com a relação do Reitor-Mor, quis exprimir o propósito de ir além da entrega de um livro. O objetivo específico era informar pontualmente aos Capitulares sobre o estado da Congregação para favorecer sua visão global e o sentido de responsabilidade comum. A Congregação é de todos e todos nós somos co-responsáveis pelo seu crescimento, pelos seus recursos, pelos seus desafios.

Os Exercícios Espirituais foram vividos como verdadeiro exercício do Espírito para superar a tentação de reduzir a proposta espiritual a um conjunto de temas de estudo ou atualização teológico-pastoral. Os dias de retiro serviram para criar a atmosfera de fé, absolutamente indispensável para fazer do Capítulo uma experiência de escuta de Deus, de docilidade ao Espírito, de fidelidade a Cristo. Pareceram-me exemplares – mesmo porque não é comum encontrar este ambiente em outras experiências de Exercícios Espirituais – o silêncio, a oração pessoal prolongada na adoração eucarística, a celebração da Reconciliação. Sublinhe-se também que os Exercícios deram-nos alguns elementos importantes de iluminação no que se refere à maior compreensão teológica do carisma, da missão e da espiritualidade salesiana.

Em sua realização concreta, os temas deram-nos chaves significativas de leitura para aprendermos a ser homens de esperança, envolvidos no plano mara-

vilhoso de Deus de salvar a humanidade com a mística do “*Da mihi animas*”, que faz do amor de Deus uma força que arrasta, e com a ascética do “*cetera tolle*”, que nos leva a entregar nossa vida até o último alento. Elemento importante a partir dessa perspectiva foi o esclarecimento sobre a missão, que não consiste tanto em fazer coisas quanto em ser sinal do amor de Deus. Esse Amor é, de fato, a única energia capaz de libertar as melhores potencialidades em cada um de nós. Sabemos que é preciso viver tudo isso segundo a marca da gratuidade e da graça. Só assim se alcança aquele dom especial de Deus, a “graça de unidade”, pela qual *tudo é consagração e tudo é missão*. Em relação aos destinatários, ouvimos como Dom Bosco se sentiu carismaticamente “tocado” pelo *perigo* que podia pôr em risco a felicidade temporal e eterna (a “salvação”) dos jovens: o *abandono* no qual se podiam encontrar diante de Deus e dos outros, abandono provocado pela própria *pobreza*, às vezes dramática. Por tudo isso Dom Bosco é para nós pai, mestre e modelo. Ele, à escola de Maria Imaculada e Auxiliadora, quis caracterizar sua identidade religiosa ao colocar como pontos básicos da sua vida o primado absoluto de Deus, o desejo de uma união contínua com Ele, para corresponder plenamente à sua vontade (*obediência*), como expressão do amor total (*castidade*), no despojamento e na renúncia a tudo que pudesse impedir sua mais completa entrega à missão (*pobreza*).

Agora, eu gostaria de percorrer as etapas desse caminho de Graça que foi nosso Capítulo Geral.

A *primeira semana do Capítulo* (3-8 de março) foi dedicada aos procedimentos jurídicos ordinários (apresentação e aprovação do Regulamento do CG26, eleição dos moderadores) e, sobretudo, ao estudo da Relação do Reitor-Mor pelas diversas Regiões. Estas, ao refletirem sobre a Relação, individualizaram os grandes desafios que emergem do estado da Congregação e, conseqüentemente, as linhas de futuro a apresentar ao Reitor-Mor e seu Conselho em vista da programação de animação e governo para o sexênio 2008-2014.

O estudo da Relação foi elemento fundamental no aprofundamento do tema capitular, ao levar em consideração que, mais do que nunca, este Capítulo se propunha não tanto a elaborar um documento, quanto a renovar a vida da Congregação com o crucial apelo de “partir de Dom Bosco”. Tomar consciência de onde estamos permite-nos descobrir melhor o caminho de “retorno a Dom Bosco”, os elementos a recuperar para partir dele com renovado impulso.

A *segunda semana* (10-15 de março) foi toda empenhada no estudo dos três primeiros núcleos temáticos. Apresentaram-se também as questões enfrentadas pela Comissão Jurídica, especialmente aquelas que tinham a ver com a configuração do Conselho Geral. Era preciso, de fato, chegar às eleições tendo respondido aos questionamentos das Inspetorias ou de Irmãos individualmente. Quanto ao estudo dos núcleos temáticos, valorizou-se de modo especial o Instrumento de Trabalho como ponto de partida da reflexão capitular. De um lado, isso representava a prova evidente do bom trabalho realizado pela comissão pré-capitular, e de outro, sublinhava também a validade da contribuição oferecida ao CG26 pelos vários Capítulos Inspetoriais. Estou feliz porque, como escrevera na carta de convocação, o CG26, como processo de reflexão, teve seu início justamente nas Inspetorias, com o estudo dos temas propostos e a ativação do caminho de renovação. As comissões trabalharam depois sobre um texto que era capitular e não mais pré-capitular, um verdadeiro documento de partida e não apenas um subsídio. As contribuições oferecidas pelas comissões enriqueceram-no e aperfeiçoaram-no. Foram pontuações e alterações não só lingüísticas, mas que tendiam, sobretudo, a responder de maneira adequada à situação segundo a variedade dos contextos sociais, culturais, políticos e religiosos nos quais a Congregação trabalha. Foi essa a tarefa da assembléia que, com razão, se tornou então o verdadeiro autor do documento capitular.

A *terceira semana* (17-20 de março) esteve centrada mais claramente no trabalho em assembléia para a partilha do que fora feito nas comissões. Foi o momento em que pôde ter espaço também o pensamento e a preocupação de cada Capitular que desejava ajudar a iluminar o tema, dar voz a sensibilidades e visões diversas, favorecer, sobre os vários aspectos, uma votação do documento que fosse mais consciente, mais pessoal, mais responsável. Devese realçar o fato de ter brotado freqüentemente das intervenções aquilo que mais nos preocupa. Como, por exemplo, ao falar da *urgência de evangelizar*, evidenciou-se que ela deve ser entendida e vivida na maneira como nós Salesianos evangelizamos; tanto em relação aos nossos destinatários prioritários (os jovens), quanto em relação às modalidades da evangelização. Ao falar da *necessidade de convocar*, isso deve ser feito com a mesma convicção de Dom Bosco, para ajudar os jovens a descobrirem o sonho de Deus em relação à sua vida e encorajá-los a dar ao menos uma oportunidade a Deus. As vocações — eu mesmo o dizia no discurso de abertura — não são uma missão, mas o fruto da missão, quando ela é bem-feita. Se acrescentarmos a isso a constatação das imensas multidões de jovens que vivem em situações de extrema precarieda-

de e luta pela própria sobrevivência, ou de outros que, embora sem problemas de pobreza material levam a vida “sem bússola” ou até mesmo esbanjam esse dom precioso com opções insatisfatórias ou se tornam caminho de autodestruição, não podemos deixar de trabalhar para o amadurecimento das vocações. Ao falar da *pobreza evangélica*, vemos nela um convite do Senhor a tornar nossa sua bem-aventurança, a viver livres da preocupação dos bens terrenos, a superar a tentação do enriquecimento, a assumir um estilo de vida austero, simples, que liberte nosso coração e nossa mente de tantas coisas que criam obstáculo à nossa entrega total à missão; e que nos tornam menos críveis. A riqueza é um verdadeiro perigo: ela torna os homens *miopes* diante dos valores duradouros (cf. o rico insensato, Lc 12,13-21), *duros de coração* diante dos pobres (cf. a parábola do pobre Lázaro e o rico epulão, Lc 16,19-31), *idólatras* a serviço de Mamon (cf. as palavras de Jesus sobre o uso do dinheiro, Lc 16,19-31). Trata-se de um dos temas mais candentes, mas também de uma opção que tem grande força libertadora para nós e para os outros. E ainda: quando falamos de *novas fronteiras* devemos fazê-lo não à moda de ativistas de direitos humanos, nem como bem-intencionados colaboradores de ONGs, mas como educadores consagrados, que procuram responder às carências dos jovens sem prejudicar nossas obras, que prestam um serviço significativo. Insisto aqui, por isso, no que disse na “Síntese global e visão profética” da minha relação inicial: é importante que as obras correspondam às necessidades dos jovens com novas presenças onde são necessárias, ou com uma presença nova onde já estamos, mas precisamos renovar-nos.²

A *quarta semana* (24-29 de março) foi vivida em clima de discernimento para a eleição do Reitor-Mor, do seu Vigário e dos Conselheiros. Era um dos objetivos principais e, ao mesmo tempo, uma das tarefas mais delicadas do Capítulo Geral. Guiados pelo padre José Maria Arnaiz, conseguimos, como Capitulares, entrar naquela atmosfera espiritual que nos tornou conscientes, livres e responsáveis para expressar nosso parecer através do voto pessoal. Em geral, todas as eleições foram vividas com tranqüilidade, embora na avaliação final tenha sido salientada a necessidade de favorecer maior conhecimento das expectativas sobre cada Dicastério ou Região e definir melhor o perfil do Conselheiro a ser eleito, com informações melhor cuidadas sobre os nomes dos possíveis candidatos. Não resta dúvida de que na composição do Conselho Geral intervêm muitos fatores: antes de tudo, os sentimentos da-

² Cf. *La Società di San Francesco di Sales nel sessennio 2002-2008. Relazione del Rettor Maggiore don Pascual Chávez Villanueva*, p. 290.

queles cujos nomes são apresentados como candidatos, depois a sensibilidade cultural no desenvolvimento do processo, além do desejo legítimo de buscar a representatividade de toda a Congregação. Entretanto, a elevada convergência alcançada na eleição do Reitor-Mor e de todos os Conselheiros foi sinal de unidade da Congregação na diversidade das realidades que a constituem.

Esta unidade na diversidade teve sua expressão particular na noite de festa e fraternidade após a eleição do Reitor-Mor. O longo aplauso dado aos Conselheiros que terminaram seu serviço (padres Antonio Domenech, Gianni Mazzali, Francis Alencherry, Albert Van Hecke, Filiberto Rodríguez, Joaquim D'Souza; Mons. Tarcísio Scaramussa; os Conselheiros falecidos no exercício do próprio serviço, padres Valentín de Pablo e Helvécio Baruffi) foi a expressão de reconhecimento pelo serviço realizado em favor da Congregação na animação de um Setor ou de uma Região. Ainda a respeito das eleições não se pode deixar de sublinhar uma novidade muito significativa como a nomeação do primeiro Salesiano coadjutor membro do Conselho Geral.

A *quinta semana* (31 de março-5 de abril) teve início com a visita ao Vaticano e a audiência com o Santo Padre. A visita à Basílica de São Pedro, onde fomos acolhidos pelo cardeal Angelo Comastri, Arcipreste da Basílica, deu-nos a graça de renovar nossa profissão de fé diante da urna das relíquias do Apóstolo Pedro e rezar diante da estátua de Dom Bosco, para pedir a coragem de poder gritar como ele: *"Da mihi animas, cetera tolle"*. O encontro com o Papa Bento XVI foi, depois, um dos eventos culminantes do CG26, em sintonia com a visão eclesial e espiritual de Dom Bosco. As palavras do Santo Padre aos Capitulares foram acolhidas como linhas iluminadoras e programáticas. Nos dias seguintes, as comissões e a assembléia retomaram o estudo da primeira redação do grupo de redação. Continuou-se assim o trabalho realizado durante a Semana Santa, antes da semana das eleições, ao retomar o estudo dos cinco núcleos em comissão e assembléia. Fez-se ainda uma votação quanto ao mérito para os diversos temas apresentados pela Comissão Jurídica. A semana terminou com a visita às Catacumbas de São Calisto, onde quisemos ir para fazer reconhecida memória, especialmente dos Reitores-Mores padres Luís Ricceri, Egídio Viganó e João Edmundo Vecchi, detendo-nos em oração no hipogeu onde estão sepultados, após a celebração eucarística e o almoço. Em minha oração pessoal quis agradecer ao Senhor pelo dom que fez à Congregação através de cada um deles. Ao pedir a ajuda e a intercessão dos meus predecessores, pedi também para todos os Irmãos a graça de saber caminhar até as fontes da nossa própria identidade ("retornar a

Dom Bosco”) para encontrar um caminho de futuro (“partir de Dom Bosco”). Nosso futuro caminho de fidelidade nasce da fidelidade que nos precedeu.

Não lhes escondo que me perguntei com frequência: “Mas esta será realmente uma experiência pentecostal? E o Espírito Santo age de fato através de nós para renovar a Congregação aquecendo o coração dos Irmãos?”. Creio que sim. O Espírito Santo não muda as situações exteriores da vida, mas as interiores; Ele tem o poder de renovar as pessoas e transformar a terra. Ele agiu antes de tudo em cada um de nós, ao reunir-nos, envolver-nos num projeto comum, fazer-nos responsáveis pela elaboração de tudo aquilo que possa tornar possível uma retomada da identidade, visibilidade, credibilidade da nossa vida e da nossa missão.

Em relação ao trabalho da Comissão Jurídica, foram examinadas todas as propostas vindas dos Capítulos Inspetoriais, de cada Irmão, do Conselho Geral, dos Capitulares. Tudo em vista de uma apresentação clara à assembléia que, depois, haveria de exprimir o próprio parecer. Ao ler a história da Congregação, percebemos o peso que vários Capítulos Gerais tiveram na configuração das estruturas de animação e de governo nos diversos níveis (local, inspetorial e mundial). Foram necessários certamente vários Capítulos Gerais para se chegar a algumas mudanças nas estruturas; não devido à lentidão ou falta de coragem de introduzir modificações significativas, mas, sobretudo porque nem sempre se podia ter uma visão completa do que entrava em jogo com essas opções. O retorno à reflexão, também neste Capítulo Geral, sobre alguns aspectos da configuração atual do Conselho Geral significa que é preciso um estudo sério, com soluções alternativas, que apresente uma proposta realmente inovadora e válida em sua integridade. Disso tudo nasceu a primeira orientação aprovada pela Assembléia Capitular: fazer ao longo do sexênio uma revisão do governo central da Congregação (composição e funcionamento), de tal modo que seu serviço seja mais eficaz e próximo dos Irmãos.

2. Leitura “profética”: para uma “compreensão” do que aconteceu

O Capítulo produziu um documento, com 5 fichas de trabalho, interdependentes entre si, sobre os grandes temas já indicados na carta de convocação:

“Retorno a Dom Bosco para partir dele”; “Urgência de evangelizar”; “Necessidade de convocar”; “Pobreza evangélica” e “Novas fronteiras”. As fichas de trabalho quiseram dar consistência ao lema *“Da mihi animas, cetera tolle”*, com a aplicação do esquema já conhecido do CG25 (Chamado de Deus, Situação, Linhas de ação) e enriquecido com alguns critérios de revisão, que acrescentam os horizontes a alcançar: mentalidade a amadurecer e estruturas a mudar.

Acredito que o documento final seja realmente bom e construtivo, pois leva em conta a variedade de contextos e situações em que a Congregação vive a encarnar o carisma de Dom Bosco. Cabe agora a cada Região e Inspeção o trabalho de contextualizar as grandes linhas de ação, com as intervenções decorrentes, a fim de torná-las mais correspondentes às situações e aos desafios concretos.

Estou certo de que todos os Irmãos encontrarão páginas estimulantes que ajudem a dinamizar a própria vida e qualificar a missão salesiana. O conjunto, talvez, possa parecer não tão radical, mas estou convencido de que, se levado a sério, suscitará entusiasmo e, sobretudo, permitirá a todos renovar-se espiritualmente e recuperar a ousadia apostólica.

O documento pressupõe um bom conhecimento da realidade social e também da Congregação e exprime o desejo de realizar sua transformação. Isso nos foi recordado pelo Santo Padre no Discurso ao CG26, em 31 de março: “Vosso Capítulo Geral 26 situa-se num período de grandes transformações sociais, econômicas, políticas; de acentuados problemas éticos, culturais e ambientais; de conflitos ainda sem solução entre etnias e nações. Por outro lado, há em nosso tempo, comunicações mais intensas entre os povos, possibilidades novas de conhecimento e de diálogo, um confronto mais vivo sobre os valores espirituais que dão sentido à existência. Em particular, os apelos que os jovens nos fazem, sobretudo seus questionamentos sobre problemas fundamentais, fazem referência aos intensos desejos sentidos por eles de vida plena, de amor autêntico, de liberdade construtiva. São situações que interpelam profundamente a Igreja e sua capacidade de anunciar hoje o Evangelho de Cristo com toda a sua carga de esperança”.³

De fato, não se pode falar de evangelização ou vocação, de simplicidade de vida e novas fronteiras sem ter em mente o cenário no qual trabalhamos e vivemos e os desafios que a vida salesiana e a missão encontram.

³ Cf. *L'Osservatore Romano*, 31/3-1º/4/2008, p. 8.

Tivemos em mente os rostos e as urgências dos jovens mais carentes, destinatários da nossa missão. Escolhemo-los como “prediletos” por nós, justamente porque a predileção pelos pobres “é implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza”.⁴ Essa fé foi assumida por Dom Bosco e passada à tradição salesiana (cf. C 11).

Quais são, portanto, as chaves de leitura do documento?

PRIMEIRA CHAVE DE LEITURA: aquecer o coração dos Irmãos, a partir de Cristo e de Dom Bosco. Não se trata de uma operação para suscitar sentimento superficial ou entusiasmo passageiro. O que está em jogo é a trabalhosa e urgente tarefa da conversão, do retorno ao deserto – como foi para Israel –, para ali encontrar o amante dos primeiros dias, aquele que nos encantou e encheu nossa vida de promessas e de futuro (cf. Os 2,16-25). Precisamos de um encontro com o Senhor que venha falar ao nosso coração, que nos ajude a reencontrar nossas melhores energias, aquelas que brotam do coração; que venha dar novamente alegria e encanto à nossa vida; que venha ajudar-nos a aprofundar nossas motivações, reforçar nossas convicções, estimular-nos num caminho marcado pela fidelidade à aliança, ordenar nossa vida pessoal, comunitária e institucional segundo os valores do Evangelho e segundo o carisma de Dom Bosco.

Vem-me à mente a história, segundo as narrações dos Padres do deserto, daquele monge “bom e conformista”, que vai ter com seu Abade para pedir um conselho a fim de melhorar a própria vida:

Aconteceu certa vez – conta-se – que Abbà Lot foi encontrar Abbà José, e lhe disse:

- *Abbà, sigo o quanto posso uma pequena regra, pratico todos os pequenos jejuns, faço um pouco de oração e meditação, mantenho-me sereno e, naquilo que me é possível, conservo puros meus pensamentos. O que mais devo fazer?*
- *Então, o velho monge se pôs em pé, elevou as mãos ao céu e seus dedos converteram-se em dez tochas de fogo. E disse:*
- *Por que não te transformas em fogo?*⁵

⁴ BENTO XVI, *Discurso de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Aparecida-Brasil, 13/5/2007, n. 3.

⁵ Cf. JOSÉ MARÍA ARNAIZ, *¡Que ardan nuestros corazones! Devolver el encanto a la vida consagrada*. Madri, Publicaciones Claretianas, 2007, p. 34.

Eis o objetivo a alcançar com este Capítulo: nos transformar em fogo! A história remete-nos diretamente à eloqüente e expressiva cena de Pentecostes: “Apareceram-lhes como que línguas de fogo que se dividiam e pousaram sobre eles; e eles ficaram todos cheios de Espírito Santo” (At 2,3-4a). “Aquecer o coração” não significa outra coisa que transformar-se em fogo, ter os pulmões cheios de Espírito Santo.

Tudo isso está em sintonia com aquele que foi o lema do congresso sobre a vida consagrada (novembro de 2004), no qual quisemos interpretar e viver a nossa vida religiosa a partir de uma grande paixão por Cristo e uma grande paixão pela humanidade.

À luz destas duas grandes paixões, as principais prioridades são:

- **A espiritualidade**, que comporta um esforço particular para que a Palavra de Deus e a Eucaristia sejam verdadeiramente o centro da vida do consagrado e da sua Comunidade. Estamos convencidos de que a pessoa consagrada deve ser sinal e memória viva da dimensão transcendente que existe no coração de cada ser humano.
- **A Comunidade**. Estamos cientes de que o testemunho da comunhão, aberta a todos os que dela precisam, é fundamental em nosso mundo e torna-se não só sustento para a fidelidade dos religiosos, como também testemunho de uma forma alternativa de vida ao modelo imperante, que nos faz refluir com frequência a formas de individualismo.
- **A missão** a realizar e viver, sobretudo nas fronteiras missionárias como a exclusão, a pobreza, a secularização, a reflexão, a formação e a educação em todos os níveis.

Parecem-nos estes os “lugares” nos quais os consagrados devem estar presentes para exprimir a dimensão missionária da Igreja. A missão, porém, compreende também a “paixão” – entendida como sofrimento ou enfermidade – de tantos que continuam a rezar pela Igreja e pelos operários da messe, e a “paixão” como martírio de tantos religiosos encarcerados ou trucidados por causa do Reino. Eles representam a melhor expressão do Evangelho.

Se quisermos sentir arder o nosso coração e inflamar de paixão o dos Irmãos, precisamos percorrer a mesma estrada dos discípulos de Emaús. “Trata-se – dizia na homilia do dia seguinte à minha reeleição – mais do que de uma estrada material, de um percurso mistagógico, de um autêntico itinerário espiritual, válido hoje, antes de tudo, porque evidencia aquela que é nossa situação: pessoas desencantadas, que têm um conhecimento de Jesus, mas sem uma

verdadeira experiência de fé; conhecem as Escrituras, mas não encontraram a Palavra. Por isso, abandona-se Jerusalém e a Comunidade apostólica e retorna-se ao que se vivia anteriormente. A estrada de Emaús é um caminho que nos leva da Escritura à Palavra, da Palavra à Pessoa de Cristo na Eucaristia, e dela nos leva de volta à Comunidade, para ali permanecer. Ali, ao encontrar os Irmãos, podemos ver confirmada nossa fé: ‘De fato, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!’”.

SEGUNDA CHAVE DE LEITURA: **missionariedade** ou urgência de evangelizar, levados não pela ansiedade de proselitismo, mas pela paixão da salvação dos outros, pela alegria de compartilhar a experiência de plenitude de vida em Jesus.

Durante o Capítulo, um dos núcleos e ao mesmo tempo também um tema transversal, foi precisamente a urgência de evangelizar. O Apóstolo Paulo exprimia-o com uma espécie de imperativo existencial: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16b). Este intenso sentido missionário encarna perfeitamente a ordem dada por Jesus aos seus discípulos: Sejam minhas “testemunhas até os extremos limites da terra” (cf. At 1,8). Dom Bosco fez seu esse apelo premente de Jesus e, logo depois da aprovação das Constituições (1874), em 11 de novembro de 1875, enviou a primeira expedição missionária à América Latina.

O CG26 convida-nos a estar em sintonia com aquela que foi a inspiração originária de Dom Bosco, a dimensão missionária da sua vida, mas também do seu carisma. Tudo isso representa um ponto fundamental do testamento espiritual que ele nos deixou. O Capítulo há pouco concluído dá-nos a oportunidade de entender melhor qual a resposta que hoje somos chamados a dar.

A urgência da missionariedade é particularmente viva hoje porque, em primeiro lugar, o mundo todo voltou a ser “terra de missão”; em segundo lugar, porque há, hoje, uma maneira diversa de conceber a missionariedade, de realizar a “*missio ad gentes*”. Ela, de fato, é atuada no respeito aos variados ambientes culturais, em diálogo com as demais confissões cristãs e as diversas religiões, e empenha-nos na promoção humana e na fermentação da cultura (cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 19).

Mas de onde brotava a missionariedade de Dom Bosco? Quais as razões do seu imenso zelo missionário?

Segundo meu modo de ver há três grandes elementos, que devem ser pontos referenciais para todos nós.

- O primeiro é **ser obediente à ordem do Senhor Jesus**, que no momento da Ascensão, antes de deixar este mundo para subir ao Pai, disse-nos: “sereis minhas testemunhas até os extremos limites da terra” (cf. At 1,8). Deu-nos assim o mundo todo como campo de evangelização, e isso até o fim da história. Para nós Salesianos, como em geral para todos os crentes, a primeira razão de ser evangelizador é, portanto, a obediência ao mandato do Senhor Jesus.
- O segundo elemento da **dimensão missionária de Dom Bosco** é a convicção do valor fermentador e da função transformadora próprios do Evangelho, sua capacidade de fermentar todas as culturas. Paulo VI escreveu na “carta magna” da evangelização, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, que o Evangelho pode ser inculturado em todas as culturas, ou seja, pode ser expresso de maneiras diversas segundo as culturas, sem identificar-se com nenhuma delas. Nem mesmo com a cultura judaica em que Jesus nasceu no sentido que nenhuma cultura concorda plenamente com a novidade do Evangelho. Por isso, todas as culturas são chamadas a deixar-se purificar e elevar. Não há evangelização autêntica sem tocar a alma da cultura, aquele conjunto de valores aos quais os centros de decisão da pessoa fazem referência. Qualquer cultura é importante porque representa o espaço no qual as pessoas nascem, crescem, desenvolvem-se, aprendem a relacionar-se, a enfrentar a vida, mas deve-se reconhecer também que toda cultura tem seus limites e precisa da luz do Evangelho. Hoje, pois, quando falamos da urgência de evangelizar, não pensamos apenas na Oceania, Ásia, África, América Latina, mas também na Europa, que, mais do que nunca, precisa do Evangelho e do carisma salesiano.
- O terceiro elemento, muito específico do carisma de Dom Bosco, é a sua **predileção pelos jovens**, ciente de que nas políticas dos governos e no tecido social dos povos, malgrado todas as declarações, eles não contam e parecem ter que se resignar a serem apenas consumidores de produtos, experiências e sensações. Isso, porém, não corresponde ao Evangelho, à praxe e à lógica de Jesus que, ao lhe perguntarem: “Quem é o mais importante?”, chamou uma criança que estava por perto e colocou-a no centro. Pôr os jovens no centro da nossa atenção missionária! Esse é um dos elementos mais específicos do rico patrimônio espiritual que Dom Bosco nos deixou. E a tarefa que nos é confiada é levá-lo a todas as culturas aonde nós vamos e trabalhamos, e onde, com frequência, os jovens não contam. A grandeza de Dom Bosco foi justamente esta: ter feito dos jovens protagonistas, não

só da própria educação, como também da sua experiência pedagógica e espiritual. Ao inaugurar caminhos novos como sacerdote Dom Bosco acreditou nos jovens e gastou-se inteiramente com o seu gênio apostólico, para garantir-lhes oportunidades de desenvolver todas as suas dimensões e energias de bem, fazer valer seus direitos, torná-los responsáveis (sobretudo os melhores) da continuação da sua obra na história.

No Capítulo, depois da insistência sobre a urgência de evangelizar, recordamos que nós Salesianos realizamos essa missão segundo o carisma pedagógico que nos é próprio. “A pastoral de Dom Bosco jamais se reduz apenas à catequese ou tão-somente à liturgia, mas abraça todos os concretos empenhos pedagógico-culturais da condição juvenil. (...) Trata-se da caridade evangélica que se concretiza (...) na libertação e na promoção do jovem abandonado e desviado.”⁶

Se não é salesiana a educação que não abre o jovem a Deus e ao destino eterno do homem, não o é também a evangelização que não mira à formação de pessoas maduras em todos os sentidos e que não sabe adaptar-se à condição evolutiva do menino, do adolescente, do jovem, ou não a respeita.

É verdade que em alguns contextos secularizados a Igreja encontra dificuldades particulares de evangelizar as novas gerações. Embora, evidentemente, as sondagens e estatísticas não sejam a última palavra e devam-se considerar diversas tipologias de vivência religiosa, que compreendem também formas de intensa espiritualidade, não se pode negar que em vários países também existem sinais de uma progressiva cristianização. Nota-se que tanto a prática religiosa quanto as convicções profundas são mais frágeis entre os jovens. “Trata-se do estrato da população mais sensível às modas culturais e, certamente, mais atingido pela secularização ambiental.”⁷ Parece existir um divórcio entre as novas gerações de jovens e a Igreja. A ignorância religiosa e os preconceitos assumidos acriticamente todos os dias por certos meios de comunicação alimentaram neles a imagem de uma Igreja instituição conservadora, que vai contra a cultura moderna, sobretudo no campo da moral sexual. Torna-se normal, por isso, para muitos deles, desvalorizar ou relativizar todas as ofertas religiosas que lhes são propostas.

Outro drama particularmente grave é a ruptura criada na cadeia de transmissão da fé de uma geração a outra. Os espaços naturais e tradicionais (famí-

⁶ Cf. ACS 290, 4.2.

⁷ LUIS OVIEDO TORRÒ, “La religiosidad de los jóvenes”. *Razón y Fe*, junho de 2004, p. 447.

lia, escola, paróquia) revelam-se ineficazes para a transmissão da fé. Cresce, então, a ignorância religiosa nas novas gerações e assim continua entre os jovens a “emigração silenciosa extramuros da Igreja”. “As crenças religiosas tingem-se de pluralismo e seguem sempre menos o cânon eclesial; rebaixam-se lentamente, então, os níveis da prática religiosa: sacramentos e oração”.⁸

Não é fácil definir a imagem que os jovens têm de Deus, mas certamente o Deus cristão perdeu a centralidade diante de um *Deus midiático que leva à divinização das figuras do mundo do esporte, da música, do cinema*. O jovem sente paixão pela liberdade e não se detém diante da porta das igrejas. São muitos os jovens que pensam ser a Igreja um obstáculo à sua liberdade pessoal.

Diante dessa situação podemos perguntar-nos: qual é a educação oferecida pelas instituições escolares e eclesiais? Por que a questão religiosa foi cancelada do horizonte vital dos jovens? O menino, o adolescente e o jovem são generosos por natureza e entusiasma-se pelas causas que valem realmente a pena. Por que, então, Cristo deixou de ser significativo para eles?

Se a Igreja quiser permanecer fiel à sua missão de sacramento universal de salvação, deve aprender as linguagens dos homens e das mulheres de cada tempo, etnia e lugar. E nós Salesianos, de modo particular, devemos aprender e utilizar a linguagem dos jovens. Não há dúvida de que na Igreja de hoje, mas também no interior das nossas instituições, existe um “sério problema de linguagem”. Trata-se, no fundo, de um problema de comunicação, de inculturação do Evangelho nas realidades sociais e culturais; um problema de educação à fé para as novas gerações. Eis, portanto, o desafio e a tarefa para nós hoje: ser educadores capazes de nos comunicar com os jovens e transmitir-lhes o grande tesouro da fé em Jesus Cristo.

A educação salesiana, na transmissão da fé e dos valores, parte sempre da situação concreta de cada pessoa, da sua experiência humana e religiosa, das suas angústias e ansiedades, das suas alegrias e esperanças, privilegiando sempre mais a experiência e o testemunho. Cuida da pedagogia da iniciação cristã de tal modo que Cristo seja aceito mais como amigo que nos salva e nos faz filhos de Deus do que como legislador que nos sobrecarrega de dogmas, preceitos ou ritos. Evidenciam-se os aspectos positivos e festivos de toda experiência

⁸ Id., p. 449.

religiosa, fiéis a Dom Bosco no sonho dos 9 anos: “Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude”.⁹

“Evangelizar educando” quer dizer para nós saber propor a melhor das notícias (a pessoa de Jesus) adaptando-nos à condição evolutiva do menino, do adolescente, do jovem, e respeitando-a. O jovem busca a felicidade, a alegria da vida e, sendo generoso, é capaz de sacrificar-se para alcançá-las, se realmente lhe mostrarmos um caminho convincente e se nos oferecermos como companheiros competentes de viagem. Os jovens estavam convencidos de que Dom Bosco os amava, queria a felicidade deles aqui na terra e na eternidade. Por isso, aceitavam o caminho que ele lhes propunha: a amizade com Jesus Caminho, Verdade e Vida.

Dom Bosco ensina-nos a ser ao mesmo tempo educadores e evangelizadores (“graça de unidade”). Como evangelizadores conhecemos e buscamos a meta: levar os jovens a Cristo. Como educadores precisamos saber partir da situação concreta do jovem e conseguir encontrar o método adequado de acompanhá-los em seu processo de amadurecimento. Se como pastores seria uma vergonha renunciar à meta, como educadores seria uma falência não conseguir encontrar o método adequado a fim de motivá-los para iniciarem o caminho e acompanhá-los com credibilidade.

TERCEIRA CHAVE DE LEITURA: o tema das **Novas fronteiras** como lugar natural para a vida consagrada e como chamado a estar presente nos lugares de maior degradação e carência, do ponto de vista religioso e cultural, ecológico, social.

Conscientes de que a missão é a razão do nosso ser Salesianos e que as carências e expectativas dos jovens determinam nossas obras, um dos temas mais debatidos no Capítulo Geral foi justamente o das “novas fronteiras”, lá onde os jovens nos esperam. São fronteiras não só geográficas, mas econômicas, sociais, culturais e religiosas. Aqui devemos agir com o critério que orientou as opções de Dom Bosco, ou seja, “dar mais a quem teve menos”.

Fico feliz porque, há anos, está crescendo na Congregação a sensibilidade e a preocupação, a reflexão e o trabalho pelo mundo da marginalização e da insatisfação dos jovens. Essa realidade já não representa um Setor particular, identificado com alguma obra especial ou animado apenas por algum Irmão particularmente motivado. A atenção aos últimos, aos mais pobres, aos mais insatisfeitos vai-se tornando uma “sensibilidade institucional” que envolve, aos poucos, muitas obras

⁹ SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales – 1815-1855*. Tradução: Fausto Santa Catarina. 3ª ed. revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. São Paulo, Editora Salesiana, 2005, p. 29.

das Inspetorias. Multiplicaram-se as plataformas sociais, deu-se lugar ao trabalho em rede e se age em sinergia com outras agências que atuam no mesmo campo. É como se tivesse começado a “sair para fora dos muros”, a girar pela cidade e escutar o clamor e o pedido de ajuda dos jovens. Tudo isso, para nós, significa renovar a predileção pelos mais pobres, pelos mais abandonados e por aqueles que estão em situação de risco psicossocial: jovens arruinados, maltratados, vítimas de abusos e opressões. Com o mesmo coração de Dom Bosco, sentimos o dever de encontrar novas formas de oposição ao mal que angustia tantos jovens. Sentimos também o dever de inverter a tendência cultural e social, sobretudo através daquilo que é a nossa riqueza específica: sermos portadores de um sistema educativo capaz de mudar o coração dos jovens e transformar a sociedade. Não podemos dar como “caridade” aquilo que lhes cabe por “justiça”. Neste ano, em que se celebra o 60º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, devemos dar um passo adiante e organizar todo o nosso projeto educativo na órbita dos direitos dos menores, como eu indicava na Estréia 2008.

Recordando a experiência de Dom Bosco

Segundo o que o próprio Dom Bosco escreveu nas *Memórias do Oratório*, a experiência que o perturbou e solicitou a uma nova maneira de ser padre foi o seu contato com os jovens da prisão de Turim. Ele o narra com estas palavras: “Ver turmas de jovens, de 12 a 18 anos, todos eles são, robustos, e de vivo engenho, mas sem nada fazer, picados pelos insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me horrorizou”.¹⁰

Eis o primeiro elemento a registrar: Dom Bosco viu, escutou, soube perceber a realidade social, ler o seu significado e tirar as conseqüências. Dessa experiência nasceu em Dom Bosco uma imensa compaixão por aqueles garotos. No contato com eles, sentiu a urgência de oferecer-lhes um *ambiente de acolhida* e uma *proposta educativa* segundo suas necessidades: “Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. Quem sabe – dizia de mim para mim –, se tivesse lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instrísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere? Comuniquei esse

¹⁰ SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório*, p. 120-121.

pensamento ao padre Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de levá-lo a efeito”.¹¹

O segundo elemento a reconhecer na experiência do nosso Pai Dom Bosco é a fantasia pastoral, que o levou a criar com imaginação e generosidade respostas adequadas aos novos desafios. Tudo isso implicava assumir a responsabilidade pessoalmente e criar estruturas que pudessem tornar possível um mundo melhor e alternativo para aqueles meninos.

É assim que Dom Bosco pensa antes de tudo em *prevenir* as experiências negativas, acolhendo os jovens que chegam à cidade de Turim em busca de trabalho, os órfãos ou aqueles dos quais os pais não podem ou não querem cuidar, aqueles que vagam pela cidade sem um ponto de referência afetiva e a possibilidade material de uma vida digna. Oferece-lhes uma proposta educativa, centrada na *preparação para o trabalho*, que os ajude a recuperar a confiança em si mesmos e o sentido da própria dignidade. Oferece um ambiente positivo de alegria e amizade, no qual assumam os valores morais e religiosos como por contágio. Oferece uma *proposta religiosa* simples, adequada à idade deles e, sobretudo, alimentada num clima positivo de alegria e orientada pelo grande ideal da santidade.

Consciente da importância da educação da juventude e do povo para a transformação da sociedade, Dom Bosco faz-se promotor de *novos projetos sociais de prevenção e assistência*. Basta pensar na relação com o mundo do trabalho, nos contratos com os patrões, no tempo livre, na promoção da instrução e cultura popular. Embora Dom Bosco não tenha falado explicitamente de direitos dos menores – não estava na cultura do tempo – ele agiu para dar-lhes dignidade e inseri-los na sociedade em condições tais que pudessem enfrentar a vida com sucesso (*empowerment*).

Enfim, o *terceiro elemento*, muito significativo no meu modo de ver, que caracterizou a experiência de Dom Bosco. Ele percebeu que não era suficiente aliviar a situação de insatisfação e abandono em que os seus jovens viviam (ação paliativa). Sentiu-se levado, sempre mais claramente, a fazer uma mudança cultural (ação transformadora), através de um ambiente e de uma proposta educativa que pudessem envolver muitas pessoas identificadas com ele e com a sua missão. Tudo isso representou não só o início de uma instituição (o Oratório de Valdocco), como também o primeiro desenvolvimento daquela intuição particular que levou Dom Bosco a dar início a um vasto movimento para a salvação da juventude: a Família Salesiana (cf. C 5). As carências eram muitas. Procurou então, antes de

¹¹ Ibidem.

tudo, a colaboração de sua mãe, depois a de alguns sacerdotes diocesanos. Com seus melhores jovens deu início à Sociedade de São Francisco de Sales, depois fundou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e pôs em ação a Associação dos Cooperadores. Sua mente era um contínuo “sonho pelo bem dos jovens”. O seu coração era uma contínua “expressão do amor de Deus pelos jovens”.

Nós, como Salesianos, continuamos a cultivar no coração essa paixão pelos mais pobres, os abandonados, os últimos. Quanto mais conheço a Congregação, expandida aos cinco continentes, mais reconheço que como Salesianos procuramos ser fiéis a esse critério fundamental de estar próximos dos mais carentes e ser solidários com eles, tomando a peito aquelas realidades juvenis que a sociedade não quer ver: meninos de rua, adolescentes-soldado, trabalho infantil, jovens desfrutados pelo maldito turismo sexual, dispersos pela guerra, imigrantes, vítimas do álcool e da droga, doentes de HIV/Aids, jovens sem sentido religioso... Como dizia acima, constatamos que essa sensibilidade cresceu hoje entre nós e, graças a Deus, continua a crescer. Hoje, o trabalho dos pioneiros foi assumido pela Instituição e, sobretudo, vai-se adquirindo uma mentalidade que nos permite estar em todos os lugares com essa chave de leitura, ao fazer a opção em favor dos mais excluídos e marginalizados. É uma graça ouvir que cresce na Congregação essa mentalidade: “dar mais a quem teve menos”.

Enquanto nos países em via de desenvolvimento predominam rostos de jovens marcados pela pobreza material, nos países desenvolvidos a marca que os caracteriza é a perda do sentido da vida, a capitulação ao consumismo, ao hedonismo, ao indiferentismo, à dependência das drogas. As respostas devem ser necessariamente diferenciadas.

À luz dessas grandes dimensões que podem e devem mudar nossa vida e atividade apostólica torna-se mais evidente e imperiosa a necessidade de conversão à essencialidade, à vida pobre, austera e simples, que seja expressão do desapego total de tudo que nos possa impedir de nos entregarmos até o fim àqueles que o Senhor nos confiou.

3. Opções feitas e os encaminhamentos para torná-las operativas: perspectivas de animação e governo

As dimensões mencionadas acima tiveram sua primeira tradução nas várias fichas do documento. Com efeito, as grandes opções do CG26 em vista do renascimento

espiritual e da ousadia apostólica foram expressas nas “Linhas de ação” de cada tema. Elas nos dão algumas orientações a assumir, a fazer passar do papel à vida. Elas não podem, realmente, ser simples declarações de intenção, mas um verdadeiro programa de vida, de animação e governo, de proposta educativo-pastoral.

Para o tema “Partir de Dom Bosco”, deliberamos:

Retornar a Dom Bosco

Linha de ação 1

Esforçar-se por amar, estudar, imitar, invocar e tornar Dom Bosco conhecido, para partir dele.

Retornar aos jovens

Linha de ação 2

Retornar aos jovens, especialmente os mais pobres, com o coração de Dom Bosco.

Identidade carismática e paixão apostólica

Linha de ação 3

Redescobrir o significado do “Da mihi animas, cetera tolle” como programa de vida espiritual e pastoral.

Para o tema “Urgência de evangelização”, deliberamos:

Comunidade evangelizada e evangelizadora

Linha de ação 4

Colocar o encontro com Cristo na Palavra e na Eucaristia como centro de nossas Comunidades, para sermos discípulos autênticos e apóstolos críveis.

Centralidade da proposta de Jesus Cristo

Linha de ação 5

Propor aos jovens, com alegria e coragem, a vivência da existência humana como ela foi vivida por Jesus Cristo.

Educação e evangelização

Linha de ação 6

Cuidar, em todos os ambientes, da integração mais eficaz entre educação e evangelização, na lógica do Sistema Preventivo.

Evangelização nos diversos contextos

Linha de ação 7

Inculturar o processo de evangelização para responder aos desafios dos contextos regionais.

Para o tema “Necessidade de convocar”, deliberamos:

Testemunho como primeira proposta vocacional

Linha de ação 8

Testemunhar com coragem e alegria o fascínio de uma vida consagrada entregue totalmente a Deus na missão juvenil.

Vocações ao empenho apostólico

Linha de ação 9

Suscitar nos jovens o empenho apostólico pelo Reino de Deus com a paixão do “Da mihi animas, cetera tolle” e favorecer sua formação.

Acompanhamento dos candidatos à vocação consagrada salesiana

Linha de ação 10

Fazer a proposta explícita da vocação consagrada salesiana e promover novas formas de acompanhamento vocacional e de aspirantado.

As duas formas da vocação consagrada salesiana

Linha de ação 11

Promover a complementaridade e a especificidade das duas formas da única vocação salesiana e assumir um empenho renovado pela vocação do Salesiano coadjutor.

Para o tema “Pobreza evangélica”, deliberamos:

Testemunho pessoal e comunitário

Linha de ação 12

Dar testemunho crível e corajoso de pobreza evangélica, vivida pessoal e comunitariamente no espírito do “Da mihi animas, cetera tolle”.

Linha de ação 13

Solidariedade com os pobres

Desenvolver a cultura da solidariedade com os pobres no contexto local.

Linha de ação 14

Gestão responsável e solidária dos recursos

Gerir os recursos de modo responsável, transparente, coerente com os fins da missão, ativando as necessárias formas de controle em nível local, inspetorial e mundial.

Para o tema “Novas fronteiras” deliberamos:

Principal prioridade: os jovens pobres

Linha de ação 15

Fazer opções corajosas em favor dos jovens pobres e em situação de risco.

Outras prioridades: família, comunicação social, Europa

Linha de ação 16

Assumir uma atenção privilegiada pela família na pastoral juvenil; potenciar a presença educativa no mundo das mídias; relançar o carisma salesiano na Europa.

Novos modelos na gestão das obras

Linha de ação 17

Rever o modelo de gestão das obras para uma presença educativa e evangelizadora mais eficaz.

A referência às linhas de ação do CG26 neste discurso conclusivo tem a finalidade de reforçar a importância da sua acolhida e “inculturação” pelas Regiões e Inspetorias. Elas serão a “mensagem concreta” do CG26, que deverá ser estudada e traduzida em nível pastoral nos diversos contextos, individualizando também critérios de verificação e elementos de avaliação.

Detenho-me sobre o “Projeto Europa”.

Hoje, mais do que nunca, percebemos que deve ser repensada nossa presença na Europa. O objetivo – como já dizia no discurso ao Santo Padre por ocasião da audiência concedida aos membros do CG26 – “visa a redesenhar a presença salesiana com maior incisividade e eficácia neste continente. Ou seja, buscar uma nova proposta de evangelização para responder às necessidades espirituais e morais desses jovens, que se nos apresentam um pouco como peregrinos sem guias e sem meta”.

Trata-se, então, de rejuvenescer com pessoal salesiano as Inspetorias mais carísmicas para tornar mais significativo e fecundo o carisma salesiano na Europa de hoje. Entendo esclarecer, portanto, que:

- *trata-se de um projeto de Congregação;*
- *envolverá todas as Regiões e Inspetorias com o envio de pessoal;*
- *para robustecer as Comunidades, chamadas a serem interculturais e tornarem Dom Bosco presente entre os jovens, especialmente os mais pobres, abandonados e em situação de risco;*
- *tudo será confiado à coordenação dos três Dicastérios para a Missão.*

O projeto exigirá, obviamente, uma mudança estrutural nas Comunidades do Velho Continente. “Vinho novo em odres novos”. Não, portanto, uma simples obra de “manutenção de estruturas”, mas um projeto novo para exprimir

uma presença nova, ao lado dos jovens de hoje. Caminhamos com o coração de Dom Bosco, ricos da sua paixão por Deus e pelos jovens, colaborando na construção social de uma Nova Europa, para que tenha realmente “uma alma”, reencontre suas robustas raízes espirituais e culturais e dê, em nível social, espaço e paridade de oportunidades a propostas de educação e cultura, sem discriminações ou opções de exclusão social.

Entre as prioridades assinalo as mais importantes:

- *criar novas presenças para os jovens,*
- *estimular iniciativas dinâmicas e inovadoras,*
- *promover as vocações.*

Tudo isso deveria ajudar os Salesianos que trabalham neste contexto a alcançar uma mentalidade sempre mais europeia, avigorar a sinergia entre as Inspetorias nos diversos Setores e reforçar a colaboração em nível Regional.

4. A caminho do bicentenário do nascimento de Dom Bosco: a Congregação em estado de retorno a Dom Bosco para partir dele

O que Dom Bosco faria hoje? Não o sabemos! Mas sabemos o que fez ontem e, portanto, podemos saber o que fazer hoje para agir como ele. É uma questão de conhecimento e imitação.

Confirmamos neste Capítulo que é absolutamente indispensável contemplar Dom Bosco, amá-lo, conhecê-lo e imitá-lo, para descobrir suas motivações mais profundas e estimulantes, aquelas nas quais buscava a energia que o fazia trabalhar incansavelmente pelos jovens; suas convicções mais sólidas e pessoais, que o levavam a não voltar atrás; que, antes, o tornavam fascinante e convincente; os seus objetivos definidos e claros, que o faziam ir adiante com uma só causa pela qual viver: ver os jovens felizes aqui e na eternidade.

Dom Bosco sentiu o drama de um povo que se afastava da fé e, sobretudo, sentiu o drama da juventude, predileta de Jesus, abandonada e traída em seus ideais e em suas aspirações pelos homens da política, da economia, quicá até mesmo da Igreja. Pergunto-me se não será esta situação, por tantos versos, semelhante àquela que identificamos em nosso Capítulo Geral.

Pois bem, diante dessa situação Dom Bosco reagiu energicamente, encontrando formas novas de opor-se ao mal. Resistiu às forças negativas da sociedade ao denunciar a ambigüidade e a periculosidade da situação, ao “contestar” – a seu modo, entende-se – os grandes poderes do seu tempo. Eis o que significa ter uma mente e um coração pastorais.

Sintonizado nessas carências, ele procurou dar uma resposta, com as possibilidades que lhe eram oferecidas pelas condições histórico-culturais e pelas conjunturas econômicas do momento histórico, e isso apesar de oposições parciais do mundo eclesiástico, de autoridades e fiéis. Fundou, então, oratórios, escolas de vários tipos, oficinas para aprendizes, jornais e revistas, tipografias e editoras, associações juvenis religiosas, culturais, recreativas, sociais; construiu igrejas, promoveu missões *ad gentes*, atividades de assistência aos imigrantes; fundou duas congregações religiosas e uma associação laical que continuaram a sua obra.

Obteve sucesso, graças também, aos elevados dotes de comunicador nato, apesar da falta de recursos econômicos (sempre inadequados às suas realizações); da sua modesta bagagem cultural e intelectual (num momento em que havia necessidade de respostas de perfil elevado); do fato de ser filho de uma teologia e de uma concepção social com fortíssimos limites (e, portanto, inadequada para responder à secularização e às profundas revoluções sociais em ato). Impelido sempre por uma intrepidez superior de fé, em circunstâncias difíceis, pediu e obteve ajuda de todos, católicos e anticlericais, ricos e pobres, homens e mulheres do dinheiro e do poder, e expoentes da nobreza, da burguesia, do baixo e alto clero.

Entretanto, a importância histórica de Dom Bosco, antes que nas muitíssimas “obras” e em certos elementos metodológicos relativamente originais – o famoso Sistema Preventivo de Dom Bosco – deve ser descoberta

- na percepção intelectual e emotiva do *problema da juventude* “abandonada” com sua importância moral e social;
- na intuição da presença primeiramente em Turim e, depois, na Itália e no mundo, de uma forte sensibilidade, no civil e no “político”, em relação ao *problema da educação da juventude* e da sua compreensão por parte das camadas mais sensíveis da opinião pública;
- na idéia que lançou de *intervenções obrigatórias* em larga escala no mundo católico e civil, como resposta necessária à vida da Igreja e à própria sobrevivência da ordem social;
- e na *capacidade de comunicar essa mesma idéia a largas fileiras de colaboradores*, benfeitores e admiradores.

Nem político, nem sociólogo, nem sindicalista “*ante litteram*”, simplesmente *padre-educador*, Dom Bosco partiu da idéia de que a educação podia fazer muito, em qualquer situação, se realizada com o máximo de boa vontade, trabalho e capacidade de adaptação. Trabalhou para mudar as consciências, para formá-las à honestidade humana, à lealdade cívica e política e, nessa perspectiva, procurou “mudar” a sociedade, através da educação.

Transformou os fortes valores nos quais acreditava – e que defendeu contra todos – em fatos sociais, em gestos concretos, sem dobrar-se ao espiritual e ao eclesialístico entendido como espaço ou experiência desinteressados dos problemas do mundo e da vida. Antes, forte da sua vocação de sacerdote educador, cultivou um trabalho cotidiano que não era ausência de horizontes, mas dimensão encarnada do valor e do ideal; não era concha de proteção e recusa do confronto aberto, mas sincero medir-se com uma realidade muito ampla e diversificada; não era um mundo restrito a algumas poucas carências a satisfazer e lugar de repetição, quase mecânica, de atitudes tradicionais; não era recusa de alguma tensão, do sacrifício exigente, do risco, da luta. Manteve para si e para os Salesianos a liberdade e a altivez da autonomia. E não quis nem sequer ligar a sorte da sua obra à imprevisível alternância dos regimes políticos.

Na década de 1980, o conhecido teólogo francês Marie-Dominique Chenu, OP, ao responder à pergunta de um jornalista que lhe pedia a indicação de nomes de alguns santos portadores de uma mensagem de atualidade para os novos tempos, afirmou sem hesitar: “Agrada-me recordar, antes de tudo, aquele que antecedeu o Concílio de um século: Dom Bosco. Ele já é, profeticamente, um homem modelo de santidade pela sua obra, que é ruptura com o modo de pensar e crer de seus contemporâneos”.

Foi modelo para muitos; não poucos imitaram seus exemplos e se tornaram, por sua vez, o “Dom Bosco de Bérghamo, de Bolonha, de Messina e assim por diante”.

Obviamente cada um pode encontrar o “segredo” do seu “sucesso” numa das diversas facetas da sua complexa personalidade: empreendedor capacitadíssimo de obras educativas, organizador clarividente de empreendimentos nacionais e internacionais, educador finíssimo, grande mestre etc. Este o modelo que temos e somos chamados a reproduzir o mais fielmente possível!

5. Conclusão

Queridos Irmãos, vivemos o CG26 na estação litúrgica da Quaresma e do tempo da Páscoa. O Senhor convidou-nos assim a acolher a indicação da

necessidade que temos de fazer experiência pascal, se quisermos chegar ao tão desejado renascimento espiritual e à renovação da nossa ousadia apostólica. Não há vida sem morte. Não há a mística do “*Da mihi animas*” sem a ascética do “*cetera tolle*”.

Gostaria de concluir referindo-me, também, a uma experiência particular de Dom Bosco. No verão de 1846 ele adoece e vê-se em perigo de morte. Supera a doença após algumas semanas e, convalescente, só pode retornar ao Oratório apoiando-se num bastão. Os jovens ao percebê-lo obrigam-no a sentar-se numa poltrona, levantam-no e levam-no em triunfo até o pátio. Na capela, depois das orações de agradecimento, Dom Bosco profere as palavras mais solenes e custosas da sua existência: “Queridos filhos, devo a vós a minha vida. Ficai certos disto, porém: de agora em diante eu a gastarei toda por vós”.¹² Dom Bosco, inspirado pelo Espírito Santo, emitiu, em certo sentido, um voto inédito: o voto de amor apostólico, de entrega da própria vida pelos jovens, que observou em cada instante da sua existência. Eis o que significa o “*Da mihi animas, cetera tolle*”, que foi lema inspirador do nosso Capítulo Geral. Eis o programa de futuro para o renascimento espiritual e para a audácia apostólica com que queremos chegar à celebração do bicentenário do seu nascimento.

Faço votos para que nós e, conosco, todas as pessoas identificadas com os valores da Espiritualidade e do Sistema Educativo salesiano, possamos amar os jovens e trabalhar como Dom Bosco na realização da missão salesiana. Espero que os jovens possam encontrar em cada um de nós (como os meninos do Oratório encontraram no Dom Bosco de Valdocco) pessoas disponíveis a caminhar com eles, a construir com eles e para eles uma presença educativa fascinante e significativa, capaz de proposta e de envolvimento, propositiva a ponto de produzir uma mudança cultural.

Um ícone que pode ilustrar perfeitamente este momento histórico da Congregação é o episódio da passagem do “manto e do espírito” de Elias a Eliseu, seu discípulo (2Rs 2,1-15). Elias procura afastar Eliseu várias vezes, antes em Gálgala e, depois, em Betel e em Jericó, talvez pelo desejo de ficar sozinho no momento do seu desaparecimento. Mas *Eliseu quer ser seu principal herdeiro espiritual* e fica ao seu lado. Como desejaria que cada um dos Irmãos, diante de Dom Bosco, fizesse seu o desejo de Eliseu de receber dois terços do espírito de Elias. Ao tornar-se herdeiro espiritual de Elias, Eliseu recolhe seu manto e com ele pousa sobre si também o espírito do mestre. Eliseu repete li-

¹² Cf. MB II, p. 497-498.

teralmente o último milagre de Elias e isso certifica os discípulos dos profetas que realmente “o espírito de Elias” pousou sobre Eliseu.

A esse propósito, vêm-me à mente as palavras de Paulo VI na beatificação do padre Rua, quando disse que aquela beatificação representava uma confirmação da sua qualidade de sucessor de Dom Bosco, de discípulo seu, da sua capacidade de ter acolhido e transmitido o espírito do Pai. Como o padre Rua, a fim de recolher a herança de Dom Bosco, permitamos que Deus, com a nossa total disponibilidade, aja em nós como agiu nele.

Eis-me aqui, queridos Irmãos, a entregar-lhes o fruto do CG26, do qual foram protagonistas. Entrego-lhes um documento, sim, que será como a nossa carta de navegação para o sexênio 2008-2014, mas entrego-lhes, sobretudo o espírito do CG26. Ele quis ser uma intensa experiência pentecostal para uma profunda renovação da nossa vida e missão. Ele representa, pois, para todos os Salesianos, a plataforma de lançamento da Congregação a caminho do grande jubileu salesiano de 2015.

Que o Espírito possa soprar com força sobre a Congregação para ter a coragem de pedir ainda e sempre, com Dom Bosco: *“Da mihi animas, cetera tolle”*.

Roma, 12 de abril de 2008

ELENCO DOS PARTICIPANTES DO CAPÍTULO GERAL 26

Conselho Geral

1	P	CHÁVEZ VILLANUEVA Pascual	<i>Reitor-Mor, Presidente</i>
2	P	BREGOLIN Adriano	<i>Vigário do Reitor-Mor</i>
3	P	CEREDA Francesco	<i>Conselheiro para a Formação, Regulador</i>
4	P	DOMENECH Antoni	<i>Conselheiro para a Pastoral Juvenil</i>
5	P	ALENCERRY Francis	<i>Conselheiro para as Missões</i>
6	P	MAZZALI Giovanni	<i>Ecônomo Geral</i>
7	P	BARUFFI Helvécio	<i>Conselheiro Geral</i>
8	P	D'SOUZA Joaquim	<i>Conselheiro Geral</i>
9	P	FRISOLI Pier Fausto	<i>Conselheiro Geral</i>
10	P	KLEMENT Václav	<i>Conselheiro Geral</i>
11	P	ORTIZ G. Esteban	<i>Conselheiro Geral</i>
12	P	RODRÍGUEZ M. Filiberto	<i>Conselheiro Geral</i>
13	P	VAN HECKE Albert	<i>Conselheiro Geral</i>
14	P	STEMPEL Marian	<i>Secretário Geral</i>
15	P	MARACCANI Francesco	<i>Procurador Geral</i>

Região Salesiana: ÁFRICA-MADAGÁSCAR

16	P	GEGANTONI Genaro	<i>Sup. Visit.</i>	África Etiópia – Eritréia
17	P	GEBREMESKEL Estifanos	<i>Delegado</i>	África Etiópia – Eritréia
18	P	TSHIBANGU Joachim	<i>Inspetor</i>	África Central
19	P	NGOY Jean-Claude	<i>Delegado</i>	África Central
20	P	PULIKKAL Joseph	<i>Inspetor</i>	África Leste
21	P	SAHAYA Gnanasevam A.	<i>Delegado</i>	África Leste
22	P	DUFOUR François	<i>Sup. Visit.</i>	África Meridional
23	P	JOHNSON Jeffrey	<i>Delegado</i>	África Meridional

24	P	JIMÉNEZ Manuel	<i>Sup. Visit.</i>	África Occidental Francófona
25	P	AKPOUÉ Adolphe-Marie	<i>Delegado</i>	África Occidental Francófona
26	P	CASTELLINO Riccardo	<i>Sup. Visit.</i>	África Occidental Anglófona
27	L	JOB Samuel	<i>Delegado</i>	África Occidental Anglófona
28	P	NGENDAKURIYO Gabriel	<i>Sup. Visit.</i>	África Grandes Lagos
29	P	GATETE Innocent	<i>Delegado</i>	África Grandes Lagos
30	P	BASAÑES Guilherme	<i>Sup. Visit.</i>	Angola
31	P	LASARTE Martín	<i>Delegado</i>	Angola
32	P	VEJA DIEZ José Antonio	<i>Sup. Visit.</i>	África Tropical Equatorial
33	P	KIFUAYI Grégoire	<i>Delegado</i>	África Tropical Equatorial
34	P	DE SANTIS Erminio	<i>Sup. Visit.</i>	Madagascar
35	P	SALERNO Rosário	<i>Delegado</i>	Madagascar
36	P	LEAL GOMES Manuel	<i>Sup. Visit.</i>	Moçambique
37	P	CHAQUISSE Américo	<i>Delegado</i>	Moçambique
38	P	CZERWINSKI Joseph	<i>Sup. Visit.</i>	Zâmbia-Malaui-Namíbia-Zimbábue

Região salesiana: AMÉRICA LATINA-CONE SUL

40	P	GARCÍA Fabian	<i>Inspetor</i>	Argentina – Buenos Aires
41	L	CEJAS Guillermo	<i>Delegado</i>	Argentina – Buenos Aires
42	P	TIRABASSO Vicente	<i>Inspetor</i>	Argentina – Bahía Blanca
43	P	CAUCAMÁN Fidel	<i>Delegado</i>	Argentina – Bahía Blanca
44	P	PALAZZO Leonardo	<i>Inspetor</i>	Argentina – Córdoba
45	P	YAMANOUCHI Fidel	<i>Delegado</i>	Argentina – Córdoba
46	P	LÓPEZ A. Horacio	<i>Inspetor</i>	Argentina – La Plata
47	P	HAAG Miguel	<i>Delegado</i>	Argentina – La Plata
48	P	LÓPEZ Joaquín Andrés	<i>Inspetor</i>	Argentina – Rosário
49	P	AGUIRRE Adolfo	<i>Delegado</i>	Argentina – Rosário
50	P	ZANCANELLA Ovidio Geraldo	<i>Inspetor</i>	Brasil – Belo Horizonte
51	P	FARIA Nilson	<i>Delegado</i>	Brasil – Belo Horizonte
52	P	DE CASTRO Afonso	<i>Inspetor</i>	Brasil – Campo Grande
53	P	SHINOHARA Lauro	<i>Delegado</i>	Brasil – Campo Grande
54	P	MEDEIROS Damásio Raimundo	<i>Inspetor</i>	Brasil – Manaus
55	P	ALVES Francisco	<i>Delegado</i>	Brasil - Manaus

56	P	TEIXEIRA José Valmor Cesar	<i>Inspetor</i>	Brasil – Porto Alegre
57	P	FISTAROL	<i>Delegado</i>	Brasil – Porto Alegre
58	P	RODRIGUES João Carlos	<i>Inspetor</i>	Brasil – Recife
59	P	MENEZES A. Alencar	<i>Delegado</i>	Brasil – Recife
60	P	BIAGGI Marco	<i>Inspetor</i>	Brasil – São Paulo
61	P	ZACHARIAS Ronaldo	<i>Delegado</i>	Brasil – São Paulo
62	P	VITALI Natale	<i>Inspetor</i>	Chile
63	P	ZURA Juan Carlos	<i>Delegado</i>	Chile
64	P	JARA Walter Luis	<i>Inspetor</i>	Paraguai
65	P	GONZÁLEZ José Pablino	<i>Delegado</i>	Paraguai
66	P	ALGORTA Juan M.	<i>Inspetor</i>	Uruguai
67	P	STURLA Daniel	<i>Delegado</i>	Uruguai

Região salesiana: ÁSIA LESTE-OCEANIA

68	P	MOLONEY Francis J.	<i>Inspetor</i>	Austrália
69	P	CAPRA Elio	<i>Delegado</i>	Austrália
70	P	LAM Simon	<i>Inspetor</i>	China
71	P	FUNG Andrew	<i>Delegado</i>	China
72	P	WONG Andrew	<i>Inspetor</i>	Filipinas Norte
73	P	MACASAET Martin	<i>Delegado</i>	Filipinas Norte
74	P	SANCHEZ Arthur (Jr)	<i>Inspetor</i>	Filipinas Sul
75	P	VILBAR Roneldo	<i>Delegado</i>	Filipinas Sul
76	P	PUPPO Orlando	<i>Inspetor</i>	Japão
77	P	CIPRIANI Aldo	<i>Delegado</i>	Japão
78	P	CALLEJA Andrés	<i>Sup. Visit</i>	Indonésia – Timor Leste
79	P	DELIMARTA Andre	<i>Delegado</i>	Indonésia – Timor Leste
80	P	HWANG Paul (Myeong Deok)	<i>Inspetor</i>	Coréia
81	P	KIM Francisco (Ok Chu)	<i>Delegado</i>	Coréia
82	P	THEPHARAT John Bosco	<i>Inspetor</i>	Tailândia
83	P	ALCOSEBA Aaron Emnace	<i>Delegado</i>	Tailândia
84	P	NGUYEN Van Them G. Battista	<i>Inspetor</i>	Vietnam
85	P	NGUYEN Thinh Joseph	<i>Delegado</i>	Vietnam
86	L	TRAN HOANG Francesco S.	<i>Delegado</i>	Vietnam

Região salesiana: ÁSIA SUL

87	P FERNANDES Michael	<i>Inspetor</i>	Índia – Bombay
88	P COELHO Ivo	<i>Delegado</i>	Índia – Bombay
89	P BERGER John	<i>Inspetor</i>	Índia – Calcuta
90	P CHUNKAPURA Jose	<i>Delegado</i>	Índia – Calcuta
91	P POONTHURUTHIL James	<i>Inspetor</i>	Índia – Dimapur
92	P KURUVACHIRA Jose	<i>Delegado</i>	Índia – Dimapur
93	P ALMEIDA Joseph	<i>Inspetor</i>	Índia – Guwahati
94	P MAWRIE Barnes Lister	<i>Delegado</i>	Índia – Guwahati
95	L VALERI Nello	<i>Delegado</i>	Índia – Guwahati
96	P MADDHICHETTY Noel	<i>Inspetor</i>	Índia – Hyderabad
97	P RAMINEDI Balaraju	<i>Delegado</i>	Índia – Hyderabad
98	P KUTTIANIMATTATHIL Jose	<i>Inspetor</i>	Índia – Bangalore
99	P ANCHUKANDAM Thomas	<i>Delegado</i>	Índia – Bangalore
100	P PALLIPURAM Varghese	<i>Delegado</i>	Índia – Bangalore
101	P STANISLAUS Swamikannu	<i>Inspetor</i>	Índia – Madras
102	P JOSEPH Andrews	<i>Delegado</i>	Índia – Madras
103	P KANAGA Maria Arokian	<i>Delegado</i>	Índia – Madras
104	P LOBO Charles	<i>Inspetor</i>	Índia – Nova Délhi
105	P PEEDIKAYIL Michael	<i>Delegado</i>	Índia – Nova Délhi
106	P PIRES Loddy	<i>Inspetor</i>	Índia – Panjin
107	P NORONHA Romulo	<i>Delegado</i>	Índia – Panjin
108	P SUSAI Amalraj	<i>Inspetor</i>	Índia – Tiruchy
109	P JOHNSON Albert	<i>Delegado</i>	Índia – Tiruchy
110	P PINTO Anthony Humer	<i>Sup. Visit.</i>	Sri Lanka
111	P FERNANDO Anthony	<i>Delegado</i>	Sri Lanka
112	P YE MAUNG Joachim	<i>Sup. Visit.</i>	Mianmar
113	P SEIN MYINT Edward	<i>Delegado</i>	Mianmar

Região salesiana: EUROPA NORTE

114	P WÖß Franz	<i>Inspetor</i>	Áustria
115	P OBERMÜLLER Petrus	<i>Delegado</i>	Áustria
116	P CLAES Jozef	<i>Inspetor</i>	Bélgica Norte
117	P SPRONCK Herman	<i>Delegado</i>	Bélgica Norte

118	P	BLAHA František	<i>Inspetor</i>	República Checa
119	P	KOMÁREK Jan	<i>Delegado</i>	República Checa
120	P	MARIJANOVIC Ivan	<i>Inspetor</i>	Croácia
121	P	ORKIC Pejo	<i>Delegado</i>	Croácia
122	P	PELLIZZARI Giuseppe	<i>Sup. Circ.</i>	Europa do Leste
123	P	PISTELLATO Onorino	<i>Delegado</i>	Europa do Leste
124	P	WINSTALEY Michael	<i>Inspetor</i>	Grã Bretanha
125	P	GALLANGHER James	<i>Delegado</i>	Grã Bretanha
126	P	GRÜNNER Josef	<i>Inspetor</i>	Alemanha
127	P	MENZ Heinz	<i>Delegado</i>	Alemanha
128	L	MULLER Jean-Paul	<i>Delegado</i>	Alemanha
129	P	HORAN John	<i>Inspetor</i>	Irlanda
130	P	ATTARD Fabio	<i>Delegado</i>	Irlanda
131	P	ŁUBIAN Sławomir	<i>Inspetor</i>	Polónia – Varsóvia
132	P	KULAK Wojciech	<i>Delegado</i>	Polónia – Varsóvia
133	P	WUJEK Andrzej	<i>Delegado</i>	Polónia – Varsóvia
134	P	ŁEPKO Zbigniew	<i>Inspetor</i>	Polónia – Piła
135	P	CHMIELEWSKI Marek	<i>Delegado</i>	Polónia – Piła
136	P	KLAWIKOWSKI Zenon	<i>Delegado</i>	Polónia – Piła
137	P	KAŻMIERCZAK Bolesław	<i>Inspetor</i>	Polónia – Wrocław
138	P	DRUSZCZ Paweł	<i>Delegado</i>	Polónia – Wrocław
139	P	CHRZAN Marek	<i>Inspetor</i>	Polónia – Cracóvia
140	P	GOCKO Jerzy	<i>Delegado</i>	Polónia – Cracóvia
141	P	TURANSKÝ Štefan	<i>Inspetor</i>	Eslováquia
142	P	IŽOLD Jozef	<i>Delegado</i>	Eslováquia
143	P	SNOJ Alojzij Slavko	<i>Inspetor</i>	Eslovênia
144	L	SUHOVERŠNIK Marko	<i>Delegado</i>	Eslovênia
145	P	HAVASI József	<i>Inspetor</i>	Hungria
146	P	ANDRÁSFALVY János	<i>Delegado</i>	Hungria

Região salesiana: EUROPA OESTE

147	P	VAN DER SLOOT André	<i>Inspetor</i>	Bélgica Sul
148	P	BELBOOM Paul	<i>Delegado</i>	Bélgica Sul
149	P	ENGER Joseph	<i>Inspetor</i>	França
150	P	FEDERSPIEL Daniel	<i>Delegado</i>	França

151	P	CARVALHO João de Brito	<i>Inspetor</i>	Portugal
152	P	PEREIRA Artur	<i>Delegado</i>	Portugal
153	P	CODINA Joan	<i>Inspetor</i>	Espanha – Barcelona
154	P	ASURMENDI Angel	<i>Delegado</i>	Espanha – Barcelona
155	P	URRA MENDÍA Félix	<i>Inspetor</i>	Espanha – Bilbao
156	P	VILLOTA José Luis	<i>Delegado</i>	Espanha – Bilbao
157	P	RODRÍGUEZ PACHECO José	<i>Inspetor</i>	Espanha – León
158	P	BLANCO José María	<i>Delegado</i>	Espanha – León
159	P	MORAL LAMELA Luis Manuel	<i>Inspetor</i>	Espanha – Madri
160	P	GARCÍA Miguel Ángel	<i>Delegado</i>	Espanha – Madri
161	P	GUIJARRO Luis Alberto	<i>Delegado</i>	Espanha – Madri
162	P	NÚÑEZ MORENA José Miguel	<i>Inspetor</i>	Espanha – Sevilha
163	P	FERNÁNDEZ M. Francisco José	<i>Delegado</i>	Espanha – Sevilha
164	P	SANCHO Juan Bosco	<i>Inspetor</i>	Espanha – Valência
165	P	ECHETO Antonio	<i>Delegado</i>	Espanha – Valência

Região salesiana: INTERAMÉRICA

166	P	RAMÍREZ José Pastor	<i>Inspetor</i>	Antilhas
167	P	LINARES Juan	<i>Delegado</i>	Antilhas
168	P	ZABALA Juan Pablo	<i>Inspetor</i>	Bolívia
169	P	ORTIZ Javier	<i>Delegado</i>	Bolívia
170	P	CORRAL Luis	<i>Inspetor</i>	América Central
171	P	GUZMÁN René	<i>Delegado</i>	América Central
172	P	AUTHIER Richard	<i>Inspetor</i>	Canadá
173	P	PACE Michael	<i>Delegado</i>	Canadá
174	P	PERESSÓN Mario	<i>Inspetor</i>	Colômbia – Bogotá
175	P	ROJAS José Raúl	<i>Delegado</i>	Colômbia – Bogotá
176	P	NIEBLES Vidal	<i>Inspetor</i>	Colômbia – Medellín
177	P	GÓMEZ John Jairo	<i>Delegado</i>	Colômbia – Medellín
178	P	SÁNCHEZ Francisco	<i>Inspetor</i>	Equador
179	P	ESPINOZA Alfredo	<i>Delegado</i>	Equador
180	P	CHARLES Jacques	<i>Inspetor</i>	Haiti
181	P	MÉSIDOR Jean-Paul	<i>Delegado</i>	Haiti

182	P	GONZÁLEZ PLASENCIA Filiberto	<i>Inspetor</i>	México – Guadalajara
183	P	DELGADILLO Comejo Salvador	<i>Delegado</i>	México – Guadalajara
184	P	AGUILAR Miguel	<i>Inspetor</i>	México – México
185	P	HERNÁNDEZ V. José Antonio	<i>Delegado</i>	México – México
186	P	SANTILLI Vicente	<i>Inspetor</i>	Peru
187	P	ATARAMA Jorge	<i>Delegado</i>	Peru
188	P	HEUSER James	<i>Inspetor</i>	Estados Unidos Leste
189	L	DION Thomas	<i>Delegado</i>	Estados Unidos Leste
190	P	PURDY David	<i>Inspetor</i>	Estados Unidos Oeste
191	P	TRINIDAD Mechior	<i>Delegado</i>	Estados Unidos Oeste
192	P	REYES Jonny	<i>Inspetor</i>	Venezuela
193	P	BIORD Raúl	<i>Delegado</i>	Venezuela

Região salesiana: ITÁLIA – ORIENTE MÉDIO

194	P	MOLINARI Giovanni	<i>Inspetor</i>	Itália – Adriática
195	P	LABARILE Francesco	<i>Delegado</i>	Itália – Adriática
196	P	MIGLIASSO Pietro	<i>Inspetor</i>	Itália – Piemonte e Valle d’Aosta
197	L	BERTAZZI	<i>Delegado</i>	Itália – Piemonte e Valle d’Aosta
198	P	BOZZOLO Andrea	<i>Delegado</i>	Itália – Piemonte e Valle d’Aosta
199	P	MARTELLI Alberti	<i>Delegado</i>	Itália – Piemonte e Valle d’Aosta
200	P	SOSIO Agostino	<i>Inspetor</i>	Itália – Lombardo-Emiliana
201	P	CAMERONI Pier Luigi	<i>Delegado</i>	Itália – Lombardo-Emiliana
202	P	SALA Rossano	<i>Delegado</i>	Itália – Lombardo-Emiliana
203	P	LORENZELLI Alberto	<i>Inspetor</i>	Itália – Lígure-Toscana
204	P	MADJIDI Karin	<i>Delegado</i>	Itália – Lígure-Toscana
205	P	MARTINO Pasquale	<i>Inspetor</i>	Itália – Meridional
206	P	CELLA Luigi	<i>Delegado</i>	Itália – Meridional
207	P	CRISTIANI Pasquale	<i>Delegado</i>	Itália – Meridional
208	P	RIVA Eugenio	<i>Inspetor</i>	Itália – Nordeste
209	P	BARDUCA Renzo	<i>Delegado</i>	Itália – Nordeste
210	P	BONATO Giannantonio	<i>Delegado</i>	Itália – Nordeste
211	P	PUSSINO Gian Luigi	<i>Inspetor</i>	Itália – Romana
212	P	MANCINI Leonardo	<i>Delegado</i>	Itália – Romana

213	P	COSSU Giovanni	<i>Sup. Visit.</i>	Itália – Sardenha
214	P	MORFINO Mauro	<i>Delegado</i>	Itália – Sardenha
215	P	PERRELLI Vito Luigi	<i>Inspetor</i>	Itália – Sicília
216	P	FICHERA Paolo	<i>Delegado</i>	Itália – Sicília
217	P	MONTANTI Calogero	<i>Delegado</i>	Itália – Sicília
218	P	GIANAZZA Gianmaria	<i>Inspetor</i>	Oriente Médio
219	P	SOUCCAR Bashir	<i>Delegado</i>	Oriente Médio

Universidade Pontificia Salesiana

220	P	NICOLUSSI Giuseppe	<i>Sup. Visit.</i>	UPS
221	P	TONELLI Riccardo	<i>Delegado</i>	UPS

Casa Geral e Comunidade do Vaticano

222	P	BOLKOVAC Stejpan	<i>Delegado</i>	RMG
-----	---	------------------	-----------------	-----

Observadores convidados

223	P	THELEKKADAN Jacob	<i>Convidado</i>	África Leste
224	P	OSANGER Rudolf	<i>Convidado</i>	Áustria
225	L	SILVA Altair	<i>Convidado</i>	Brasil – Campo Grande
226	P	LOOTS Carlo	<i>Convidado</i>	Bélgica Norte
227	L	JIMÉNEZ José Luis	<i>Convidado</i>	Colômbia – Medellín
228	P	GALVE Rafael	<i>Convidado</i>	Filipinas Norte
229	L	MARANGIO Claudio	<i>Convidado</i>	Itália – Piemonte e Valle d'Aosta
230	L	THAIPARAMBIL Mathew	<i>Convidado</i>	Índia – Calcutá
231	P	ELLICHERAIL Thomas	<i>Convidado</i>	Índia – Calcata
232	L	BLANCO Antonio	<i>Convidado</i>	Espanha – Madri
233	P	ONRUBIA Luis J.	<i>Convidado</i>	Espanha - Madri

ÍNDICE TEMÁTICO ANALÍTICO

Acompanhamento vocacional e espiritual

- Esforço do Salesiano de fazer-se acompanhar por um guia espiritual, 20
- Preparação de guias espirituais (esforço da Inspetoria), 22
- Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana: chamado de Deus, 54; situação, 58; linha de ação, 69-73
- O Salesiano esteja disponível para o acompanhamento espiritual, cuidando da própria preparação, 70
- Promover novas formas de acompanhamento vocacional e de aspirantado, 69. 72

Administração (economia)

Ver: *Gestão dos recursos*

Carisma

- Retornar a Dom Bosco para redescobrir as origens do carisma e as múltiplas expressões da sua transmissão, 1. 3. 4
- Identidade carismática e paixão apostólica: chamado de Deus, 3; situação, 6; linha de ação, 19-22
- Estudo da história do carisma e sua inculturação nos diversos contextos, 11. 12
- Difundir o conhecimento de Dom Bosco e o carisma através do uso das mídias e das tecnologias da comunicação social, 11. 109
- Relançar o carisma Salesiano na Europa, 108. 111
- O carisma de Dom Bosco, dom de Deus para todo o povo de Deus, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 109
- Identidade (carismática) do Salesiano, cf. *Discurso do Reitor-Mor na abertura do CG26*, p. 124 (“o nosso DNA”), p. 134-137 (união inseparável entre “identidade carismática” e “paixão apostólica”).
- A predileção pelos jovens, elemento específico do carisma de Dom Bosco, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 147

Comunicação social

- Comunicação social, uma das prioridades nas novas fronteiras: chamado de Deus, 99; situação, 102; linhas de ação: potenciar a presença educativa no mundo das mídias, 108
- A Comunidade preveja projetos educativos para ajudar os jovens no uso crítico e responsável dos vários tipos de mídia e encoraje o seu protagonismo no âmbito da comunicação social, 109
- A Comunidade use as tecnologias da comunicação social para difundir o carisma, 109
- A Inspeção empenhe-se na difusão do conhecimento de Dom Bosco através do uso das mídias, 11
- Preparar pessoal qualificado e favorecer iniciativas de formação que ajudem a valorizar a comunicação social para a educação e a evangelização e para uma presença mais incisiva no mundo das mídias, 44. 110
- O Reitor-Mor com o Conselho reflita, por meio dos Dicastérios para a Comunicação Social, Formação e Pastoral Juvenil, sobre os novos desafios da cultura dos *personal media* para a formação dos Salesianos, a preparação dos leigos e a ajuda aos jovens, 111
- Dicastérios para a Pastoral Juvenil, Comunicação Social e Missões (deliberação n. 4), 117

Comunidade educativo-pastoral

- Oferecer aos leigos da Comunidade educativo-pastoral, que já fizeram a opção cristã, uma formação que os ajude a serem educadores da fé, 38
- Envolver a Comunidade educativo-pastoral na animação vocacional, 57. 67
- A Comunidade eduque, em colaboração com a Comunidade educativo-pastoral, à cultura da solidariedade, 91
- Co-responsabilidade da Comunidade salesiana e da Comunidade educativo-pastoral para um novo modelo de gestão das Obras, 100
- A Comunidade salesiana exprima a predileção pelos jovens projetando com a Comunidade educativo-pastoral iniciativas explicitamente dedicadas aos jovens mais pobres da zona, 106
- Empenho das Comunidades educativo-pastorais na educação afetiva dos jovens (com o apoio da Inspeção), 110

Constituições

- Dom Bosco, que entrega as Constituições ao Pe. João Cagliero, indica-nos o modo de construir hoje a “verdadeira imagem” da Congregação, 3
- Empenho pessoal e comunitário de ler, meditar, fazer referência às Constituições, “verdadeiro testamento de Dom Bosco”, 9. 10. 11
- Renovar a atenção e o amor às Constituições, colhendo toda a sua força carismática, para “despertar o coração com a paixão do *“Da mihi animas”*, cf. *Discurso do Reitor-Mor na abertura do CG26*, p. 124

“Da mihi animas, cetera tolle”

- Assumir o “*Da mihi animas, cetera tolle*” como invocação e paixão cotidiana (processo a ativar), 7
- Redescobrir o significado do “*Da mihi animas, cetera tolle*” como programa de vida espiritual e pastoral (linha de ação 3), 19
- Suscitar nos jovens o empenho apostólico pelo Reino de Deus com a paixão do “*Da mihi animas, cetera tolle*” e favorecer a sua formação (linha de ação 9), 65
- Dar testemunho crível e corajoso de pobreza evangélica, vivida pessoal e comunitariamente no espírito do “*Da mihi animas, cetera tolle*” (linha de ação 12), 86
- Enfraquecer a ascética do “*cetera tolle*” prejudica a paixão apostólica, que encontra inspiração e expressão no “*Da mihi animas*”, 6
- O desapego de tudo que torna insensível a Deus e cria obstáculo à missão é o significado profundo do “*cetera tolle*” e constitui o critério para verificar o nosso modo de viver a pobreza, 79
- No “*Da mihi animas, cetera tolle*” encerra-se toda a personalidade de Dom Bosco... síntese da mística e da ascética do Salesiano, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 109; síntese de um modelo de ação pastoral, cf. *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 142
- União profunda entre “paixão” e “*Da mihi animas*” [“paixão por Cristo, paixão pela humanidade”], cf. *Discurso do Reitor-Mor na abertura do CG26*, p. 132-134
- O significado do “*Da mihi animas, cetera tolle*” à luz do “voto de amor apostólico” de Dom Bosco, da entrega da própria vida pelos jovens, lema inspirador do CG26 e programa para o futuro, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 147

Deliberações do CG26

1. Transferência da Visitadoria de Mianmar à Região Ásia Leste-Oceania, 114
2. Regiões da Europa, 115
3. Entrega da animação da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor, 116
4. Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a Comunicação Social e as Missões, 117
5. Revisão das estruturas de animação e governo central da Congregação, 118
6. Eleição dos Conselheiros Regionais, 119
7. Relação entre Comunidade e Obra, 120
8. Ecônomo local, 121
9. Modificação do artigo 13 dos Regulamentos Gerais, 122

Diretor

- Serviço do diretor como primeiro responsável da formação da Comunidade, 21
- O diretor primeiro animador vocacional, 68
- A Inspetoria repense a distribuição das responsabilidades em cada Comunidade para que o diretor possa realizar o seu papel primário, 113
- Respeitar a distinção constitucional do papel do diretor em relação ao do ecônomo, 121

Dom Bosco

- Partir de Dom Bosco, 1-22
- Retornar a Dom Bosco: chamado de Deus, 1; situação 4; linha de ação, 8-12
- Amar, estudar, imitar, invocar e tornar conhecido Dom Bosco, para partir dele (linha de ação n. 1), 8
- Conhecimento e estudo de Dom Bosco, salesianidade e estudos salesianos, 7. 8. 9. 10. 11. 12
- Devoção a Dom Bosco: empenho do Salesiano para compartilhar a sua paixão por Deus e pelos jovens, 9
- Dom Bosco modelo da nossa pobreza evangélica, 79. 87
- Dom Bosco fúlgido exemplo de uma vida marcada pela paixão apostólica, vivida a serviço da Igreja na Congregação e na Família Salesiana, cf. *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 142
- Aquecer o coração, partindo de Cristo e de Dom Bosco (uma das chaves de leitura do CG26), cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 155
- Rumo ao **bicentenário** do nascimento de Dom Bosco: a Congregação em estado de retorno a Dom Bosco para partir dEle, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 168 – Referências ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco na *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 113, e no *Discurso durante a Audiência aos Capitulares*, p. 143 – cf. também n. 12

Educação

- Evangelização e educação: chamado de Deus (“evangelizar educando e educar evangelizando”), 25; situação, 29; cuidar da integração entre evangelização e educação na lógica do Sistema Preventivo (linha de ação n. 6), 41. 44. 45
- Sem educação não há evangelização duradoura e profunda, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 111
- A urgência educativa hoje, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 111; *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 145 (“emergência educativa”)
- Dom Bosco “educador santo” forma “educandos santos”: intercâmbio entre “educação” e “sanidade”, cf. *Intervenção do Card. Rodé*, p. 117
- Desenvolvemos a missão de evangelizar segundo o carisma pedagógico que nos é próprio (“Ao mesmo tempo educadores e evangelizadores”), cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 159

Espiritualidade salesiana

- A Comunidade preveja no projeto comunitário momentos específicos de formação e atualização da salesianidade, para os Irmãos e também para os leigos co-responsáveis da missão; atualize a seção salesiana na biblioteca da casa, 10

- Centros e meios para o estudo e a difusão da espiritualidade salesiana (salesianidade): UPS, Instituto Histórico Salesiano e outros Centros; lugares da origem do carisma salesiano; fontes e textos salesianos traduzidos em várias línguas, 11. 12
- Centros de espiritualidade para os jovens (empenho da Inspetoria), 16

Estruturas de animação e governo da Congregação

- Transferência da Visitadoria de Mianmar à Região Ásia Leste-Oceania (deliberação n. 1), 114
- Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a Comunicação Social, as Missões (deliberação n. 4), 117
- Revisão das estruturas de animação e governo central da Congregação (deliberação n. 5), 118; cf. também *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 153
- Eleição dos Conselheiros regionais (deliberação n. 6), 119

Eucaristia

- O encontro com Cristo na Palavra e na Eucaristia no centro da Comunidade (linha de ação n. 4), 32. 34
- O Salesiano dê centralidade à Eucaristia cotidiana, 33
- A Comunidade proponha (aos jovens) a Eucaristia como fonte e cume da vida cristã, 38
- *Lectio divina* e Eucaristia, vividas cotidianamente, luz e força da vida espiritual do Salesiano, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 110; *Discurso na Audiência aos Capitulares*, p. 143-144

Europa

- O carisma e a presença salesiana na Europa, entre as novas fronteiras: chamado de Deus, 99; situação, 102; linha de ação: relançar o carisma salesiano na Europa, 108
- O Reitor-Mor com o Conselho define a natureza e os objetivos da intervenção da Congregação para uma renovada presença salesiana na Europa, 111
- Regiões da Europa (deliberação n. 2), 115
- Empenho dos Salesianos para a presença cristã na Europa, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 112
- Projeto Europa, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 167

Evangelização

- Urgência de evangelizar, 23-51
- Comunidade evangelizada e evangelizadora: chamado de Deus, 23; situação, 27; linha de ação, 32-35
- Significado da evangelização, anúncio de Jesus Cristo e do seu Evangelho com palavras e ações, 23. 24

- Evangelização e educação: chamado de Deus (“evangelizar educando e educar evangelizando”), 25; situação, 29; cuidar da integração entre evangelização e educação na lógica do Sistema Preventivo (linha de ação n. 6), 41. 44. 45
- A Inspeção reveja o projeto educativo-pastoral na ótica da nova evangelização, 39
- Evangelização nos diversos contextos: chamado de Deus, 26; situação, 30
- Inculturar o processo de evangelização para responder aos desafios dos contextos regionais (linha de ação n. 7), 46-51
- Ação de evangelização em favor de jovens e famílias de outras religiões, 51
- Valorizar a comunicação social para a educação e evangelização, 44
- A Comunidade envolva e forme os pais na ação educativa e evangelizadora dos filhos; favoreça as novas formas de evangelização e catequese das famílias por meio das famílias, 109
- Rever o modelo de gestão das Obras para uma presença educativa e evangelizadora mais eficaz (linha de ação 17), 112
- Evangelização, principal e prioritária fronteira da missão dos Salesianos hoje, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 111
- A “missionariedade” ou urgência de evangelizar, uma das chaves de leitura do CG26; cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 157ss
- Desenvolvemos a missão de evangelizar segundo o carisma pedagógico que nos é próprio (“ao mesmo tempo educadores e evangelizadores”), cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 159-161

Família

- A família, uma das novas fronteiras: chamado de Deus, 99; situação, 102; linha de ação: assumir uma atenção privilegiada em relação à família na Pastoral Juvenil, 108
- A Comunidade envolva e forme os pais na ação educativa e evangelizadora dos filhos; favoreça as novas formas de evangelização e catequese das famílias e por meio das famílias, 109
- A Comunidade promova itinerários de educação afetiva, sobretudo na adolescência, 109
- A Inspeção coordene e apoie os esforços das Comunidades educativo-pastorais na educação afetiva dos jovens, 110
- O Reitor-Mor com o seu Conselho ofereça através do Dicastério para a Pastoral Juvenil, orientações sobre a educação afetiva dos jovens, 111
- Promover com os leigos e a Família Salesiana projetos de pastoral familiar, 110
- A Pastoral Juvenil deve abrir-se decididamente à pastoral familiar, cf. *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 145

Família Salesiana

- Fazer da Família Salesiana um verdadeiro movimento apostólico em favor dos jovens (processo a ativar), 31
- Favorecer a atualização dos Irmãos e dos leigos co-responsáveis e dos membros da Família Salesiana nos estudos salesianos, 11

- O Salesiano compartilhe o próprio caminho de fé, a riqueza da espiritualidade salesiana e a ação pastoral com os membros da Família Salesiana, 20
- Envolver a Família Salesiana na animação vocacional, 57. 67. 68
- Colaborar com os grupos consagrados da Família Salesiana para propostas vocacionais dirigidas também às jovens, 72
- Promover com os leigos e a Família Salesiana projetos de pastoral familiar, 110
- A Inspeção solicite e valorize a contribuição da Família Salesiana em vista de um projeto comum da presença no território, 113
- Entrega da animação da Família Salesiana ao Vigário do Reitor-Mor (deliberação n. 3), 116

Formação

- Responsabilidade de cada Salesiano pela própria formação espiritual e pastoral, 20
- Serviço do diretor como primeiro responsável da formação na Comunidade, 21
- Garantir percursos de formação permanente que alcancem os Irmãos de todas as idades, 22
- Acompanhamento formativo aos tirocinantes e aos Irmãos do quinquênio, 35
- Preparação dos Irmãos e dos leigos co-responsáveis no campo das disciplinas pastorais, 39
- A Inspeção repense a formação inicial em relação à pobreza, 96; cf. também 92
- Promover, através do Dicasterio da Formação, uma mais consistente preparação teológico-pastoral nos currículos da formação específica, 40
- Formação específica do Salesiano Coadjutor, 59. 77

Gestão das Obras

- Novos modelos de gestão das Obras (uma das novas fronteiras): chamado de Deus, 100; situação, 103; linha de ação, 112-113
- Relação entre Comunidade e Obra (deliberação n. 7), 120

Gestão dos recursos (administração, economia)

- Gestão responsável e solidária dos recursos: chamado de Deus, 81; situação, 84; linha de ação, 94-97
- Passar da competência inadequada a uma aproximação mais profissional na administração (processo a ativar), 85
- Gerir os recursos de modo responsável, transparente, coerente com as finalidades da missão, ativando as necessárias formas de controle (linha de ação 14), 94
- A Comunidade estude e examine periodicamente objetivos e estratégias da Obra, a própria situação econômica, o movimento financeiro dos diversos setores, o planejamento e a gestão dos funcionários, 95
- A Comunidade faça anualmente o *scrutinium paupertatis*, 88

- A Inspetoria acompanhe a gestão econômica de cada casa e faça as suas necessárias revisões, 96
- A Inspetoria promova a sensibilidade ética na gestão dos recursos; eduque as Comunidades à sensibilidade ecológica, 96
- O Reitor-Mor com o seu Conselho vigie sobre a gestão dos recursos financeiros das Inspetorias; garanta uma supervisão efetiva da ação dos ecônomos Inspetoriais, 97
- O Reitor-Mor vigie para que haja uma justa distribuição dos recursos e sejam respeitadas as intenções dos benfeitores, 97
- Ecônomo local (deliberação n. 8), 121

Igreja

- A missão evangelizadora na Igreja e por meio da Igreja, 23. 24
- Partilha dos projetos das Igrejas locais (processo a ativar), 31
- Animação vocacional em colaboração com a Igreja local, 67. 68
- Compartilhamos com a Igreja a importância da pastoral familiar hoje e a preocupação pelo Evangelho no mundo ocidental, de modo particular na Europa, 99
- Em vista de um novo modelo de gestão das Obras, cuidar do trabalho em rede com a Família Salesiana, com a Igreja local e a sociedade, 100. 113
- A Igreja universal e as Igrejas particulares em que estão inseridos esperam dos Salesianos uma presença caracterizada pelo impulso pastoral e por um audacioso zelo evangelizador, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 111
- Sentimos toda a atualidade do Carisma educativo do qual somos portadores e entendemos vivê-lo intensamente pelo bem da juventude como uma contribuição original àquela que é a missão evangelizadora da Igreja, cf. *Saudação do Reitor-Mor ao Santo Padre por ocasião da Audiência aos Capitulares*, p. 140
- Dom Bosco, fúlgido exemplo de vida marcada pela paixão apostólica, vivida a serviço da Igreja no interior da Congregação e da Família Salesiana, cf. *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 144

Inculturação

- A Inspetoria estude e aprofunde a história do carisma salesiano no próprio contexto cultural, 11
- Colaboração entre os centros de estudos salesianos para estudar a progressiva inculturação do carisma nos diversos contextos, 12
- Evangelização nos diversos contextos: chamado de Deus, 26; situação, 30
- Inculturar o processo de evangelização (linha de ação 7), 46-51
- O Reitor-Mor com seu Conselho promova experiências de Comunidades interculturais, 51
- Valor fermentador e função transformadora do Evangelho em toda cultura, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 156

Jesus Cristo

- Centralidade da proposta de Jesus Cristo: chamado de Deus, 24; situação, 28
- O encontro com Cristo na Palavra e na Eucaristia no centro da Comunidade (linha de ação n. 4), 32-35
- Propor com alegria e coragem aos jovens viver a existência humana como a viveu Jesus Cristo (linha de ação n. 5), 36-40
- “Cristo seja o centro da vossa vida! É preciso deixar-se agarrar por Ele e é preciso sempre partir dEle”, cf. *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 143

Jovens

- Retornar aos jovens: chamado de Deus, 2; situação, 5; linha de ação, 13-18
- Retornar aos jovens, especialmente aos mais pobres, com o coração de Dom Bosco (linha de ação n. 2), 13.14
- Presença entre os jovens (assistência salesiana), 14. 15. 21
- Compartilhar o próprio caminho de fé, a riqueza da espiritualidade salesiana e a ação apostólica com os jovens, 20
- Propor aos jovens viverem a existência humana como a viveu Jesus Cristo (linha de ação n. 5), 36-40
- Segurança dos menores e medidas de prevenção contra qualquer abuso, 17. 22
- A Inspetoria promove a defesa dos direitos dos menores e dos jovens, 107
- O Reitor-Mor com o seu Conselho apóie as instituições que se interessam por políticas juvenis, que promovam os direitos dos jovens, 18. 93
- A predileção pelos jovens, elemento específico do carisma de Dom Bosco, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 158

Jovens pobres

- Principal prioridade (novas fronteiras): chamado de Deus, 98, situação, 101
- Fazer opções corajosas em favor dos jovens pobres e em situação de risco (linha de ação 15), 105
- A Comunidade exprima a predileção pelos jovens programando com a Comunidade educativo-pastoral iniciativas dedicadas aos jovens mais pobres da zona, 106
- A Comunidade busque respostas para as pobrezaas espirituais dos jovens, 106
- No projeto orgânico Inspetorial haja Obras dedicadas aos jovens mais pobres e em situação de risco; no projeto educativo-pastoral de cada Obra ofereça-se uma proposta de promoção humana e de educação à fé adequada aos jovens mais pobres, 107
- A Inspetoria, onde for necessário, tome a decisão de realocar e redimensionar as suas Obras para que estejam a serviço dos jovens pobres e das camadas populares, 107
- Cultivar a paixão pelos mais pobres, pelos abandonados, pelos últimos, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 164

Leigos

- Favorecer momentos específicos de formação e atualização sobre a salesianidade para os leigos co-responsáveis da missão, 10. 11
- Envolver os leigos co-responsáveis na práxis da assistência salesiana, 15
- O Salesiano compartilhe o próprio caminho de fé, a riqueza da espiritualidade salesiana e a ação apostólica também com os leigos co-responsáveis, 20
- A Comunidade salesiana ofereça aos leigos da Comunidade educativo-pastoral, que já fizeram a opção cristã, uma formação que os ajude a serem educadores da fé, 38
- A Inspetoria reforce a preparação dos Irmãos e dos leigos co-responsáveis no campo das disciplinas pastorais, 39
- Estabelecer (pela Região) critérios e normas de comportamento aos quais devem ater-se Irmãos e leigos co-responsáveis da missão salesiana, para garantir em nossos ambientes a segurança dos menores e prevenir qualquer forma de abuso, 17
- Envolver os leigos na animação vocacional, 60. 68
- Envolvimento de leigos competentes, confiáveis e participantes do nosso espírito, na gestão das casas e das Obras, 96. 103
- Promover com os leigos e a Família Salesiana projetos de pastoral familiar, 110
- Possibilidade de confiar a um leigo, com determinadas condições, a função de ecônomo local (deliberação n. 8), 121

Maria Santíssima

- Dom Bosco foi guiado por Maria, Mãe e Mestra, na missão juvenil, 2
- De Maria aprendemos que a profundidade da experiência de Deus é a raiz da missão, 23
- Maria guia e mestra ajudará a comunicar o carisma de Dom Bosco, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 113

Missão salesiana (juvenil)

- Dom Bosco foi guiado por Maria, Mãe e Mestra, na missão juvenil, 2
- De Maria aprendemos que a profundidade da experiência de Deus é a raiz da missão, 23
- A evangelização como urgência principal da nossa missão, 24
- Cada uma de nossas Regiões e Inspetorias esforce-se por individualizar as formas mais idôneas de realizar a missão comum na especificidade dos contextos, 26
- Testemunhar com coragem e com alegria a beleza de uma vida consagrada entregue totalmente a Deus na missão juvenil (linha de ação n. 8), 61; cf. 52
- A prática da pobreza exige uma gestão dos recursos que nos são confiados, de modo coerente com as finalidades da missão, 81. 94
- As estruturas das nossas Obras sejam idôneas para a realização da missão, 96
- “Novas presenças” ou “presenças novas” eficazmente orientadas à missão, 100. 113

- União inseparável entre “identidade carismática” e “paixão apostólica”, entre *identidade* e *missão*, cf. *Discurso do Reitor-Mor na abertura do CG26*, p. 134-135

Missões “*ad gentes*”

- Evangelização nos diversos contextos: chamado de Deus, 26; situação, 30; linha de ação, 46-51
- A Inspetoria promova o espírito missionário, ponha pessoal à disposição para a “*missio ad gentes*”, cuide das vocações missionárias; eduque os Irmãos em formação inicial à sensibilidade missionária, 49
- Dicastérios para a Pastoral Juvenil, a Comunicação Social e as Missões (deliberação n. 4), 117
- “Missionariedade”, zelo missionário de Dom Bosco, pontos de referência para a nossa “*missio ad gentes*” hoje, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 157-158

Novas fronteiras

- Novas fronteiras, 98-113
- Principal prioridade: os jovens pobres: chamado de Deus, 98; situação, 101; linha de ação, 105-107
- Outras prioridades: família, comunicação social, Europa: chamado de Deus, 99; situação, 102; linha de ação, 108-111
- Novos modelos de gestão das Obras: chamado de Deus, 100; situação, 103; linha de ação, 112-113
- As “novas fronteiras”, uma das chaves de leitura do CG26, cf. *Discurso do Reitor-Mor no encerramento do CG26*, p. 161

Oração

- A Comunidade cuide da qualidade da oração comunitária e das celebrações litúrgicas, 21
- O Salesiano preveja no projeto de vida pessoal o tempo necessário para a oração individual e comunitária, 33
- Quando a idade, a saúde ou outros motivos impedem a presença física entre os jovens, o Salesiano coopere na missão juvenil com a oração, o interesse, a oferta da própria vida, 14
- A Comunidade eduque os jovens à oração pessoal e cuide do estilo das celebrações, 38
- A Inspetoria estude a possibilidade de criar centros de espiritualidade que ofereçam aos jovens oportunidades de oração, propostas de retiros e exercícios espirituais e de educação à escuta da Palavra de Deus e à vida sacramental, 16
- A promoção das vocações exige oração constante, 54. 56; a Comunidade proponha ocasiões de oração pelas vocações, envolvendo também os jovens, 63.
- Ver também: *Eucaristia, Palavra de Deus*

Palavra de Deus

- A Palavra de Deus e a Eucaristia no centro de nossas Comunidades (linha de ação n. 4), 32-35
- Empenho do Salesiano: meditação da Palavra de Deus, 33; estudo sistemático e espiritual da Palavra de Deus, 37
- Prática da *lectio divina* com sensibilidade salesiana, 10. 11
- *Lectio divina* e Eucaristia, vividas cotidianamente, luz e força da vida espiritual do Salesiano, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 110; *Discurso do Santo Padre na Audiência aos Capitulares*, p. 143-144

Paixão apostólica

- Identidade carismática e paixão apostólica: chamado de Deus, 3; situação, 6
- “*Da mihi animas, cetera tolle*” programa de vida espiritual e pastoral (linha de ação n. 3), 19-22
- Suscitar nos jovens a paixão apostólica, 53. 65-68
- União inseparável entre “identidade carismática” e “paixão apostólica”, entre *identidade* e *missão*, cf. *Discurso do Reitor-Mor na abertura do CG26*, p. 132-135

Pastoral

- Dedicção do Salesiano ao estudo da história, espiritualidade, pedagogia e pastoral salesiana, 7. 9
- Redescobrir o significado do “*Da mihi animas, cetera tolle*” como programa de vida espiritual e pastoral, 19
- O Salesiano assuma a responsabilidade da própria formação espiritual e pastoral, 20
- Fazer de Jesus a inspiração, o critério e o fim de toda ação educativo-pastoral, 37
- Reforçar a preparação dos Irmãos e dos leigos co-responsáveis no campo das disciplinas pastorais, 39. 40
- A Comunidade examine a própria ação pastoral para verificar se ela salvaguarda ao mesmo tempo a integridade do anúncio e a gradualidade da proposta, 43
- Adequar o quadro de referência da Pastoral Juvenil às alteradas condições culturais, 45
- A animação vocacional intimamente unida à Pastoral Juvenil e seu coroamento, 53. 57. 60
- Colaboração entre Pastoral Juvenil e formação (para o acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana) 72. 73
- Atenção à família na Pastoral Juvenil, 99. 104. 108. 110

Pobreza evangélica

- Pobreza evangélica, 79-97
- Testemunho pessoal e comunitário: chamado de Deus, 79; situação, 82; linha de ação, 86-89

- Solidariedade com os pobres: chamado de Deus, 80; situação, 83; linha de ação, 90-93
- Gestão responsável e solidária dos recursos: chamado de Deus, 81; situação, 84; linha de ação 94-97
- Testemunho de pobreza evangélica, vivida pessoal e comunitariamente no espírito do “*Da mihi animas, cetera tolle*” (linha de ação 12), 86
- O Salesiano cultive o desapego interior, exprima a pobreza com o trabalho assíduo e sacrificado, viva a temperança desejada por Dom Bosco, 87
- A Comunidade faça anualmente o *scrutinium paupertatis*, 88
- A Inspetoria escolha as áreas de maior pobreza ao abrir novas Obras, 92
- A Inspetoria repense a formação inicial em relação à pobreza, 96; cf. também 92
- Ver também: *Jovens pobres*

Presenças e Obras salesianas

- Novos modelos de gestão das Obras (entre as novas fronteiras): chamado de Deus, 100; situação, 103; linha de ação: rever o modelo de gestão das Obras para uma presença educativa e evangelizadora mais eficaz, 112
- A Inspetoria individualize as intervenções necessárias para iniciar “novas presenças” ou para renovar as existentes de modo que sejam mais bem orientadas para a missão, 113
- A Inspetoria reflita sobre a complexidade das Obras e individualize formas mais ágeis de presença no projeto orgânico Inspetorial, 113
- Relação entre Comunidade e Obra (deliberação n. 7), 120

Projeto educativo-pastoral

- A Comunidade formule no projeto educativo-pastoral itinerários de anúncio, catequese e educação à fé que sejam adequados aos seus destinatários e contextos, 38
- A Inspetoria reveja o projeto educativo-pastoral na ótica da nova evangelização, 39
- A Inspetoria elabore no projeto educativo-pastoral Inspetorial uma proposta de animação vocacional, 68
- A Inspetoria garanta que se ofereça no projeto educativo-pastoral de cada Obra uma proposta de promoção humana e de educação à fé adequada à situação dos jovens mais pobres, 107

Reconciliação (sacramento)

- O Salesiano valorize o sacramento da Reconciliação, 33
- A Comunidade ofereça com frequência e sensibilidade educativa o sacramento da Reconciliação, 38

Salesiano Coadjutor e Salesiano clérigo

Ver: *Vocação consagrada salesiana, duas formas complementares*

Sistema Preventivo

- Empenho do Salesiano no estudo da história, espiritualidade, pedagogia e pastoral salesiana e do Sistema Preventivo para a sua atualização, 4. 9
 - Integração entre evangelização e educação na lógica do Sistema Preventivo, 41. 45
- Ver também: *Educação*

Solidariedade

- Solidariedade com os pobres: chamado de Deus, 80; situação, 83; linha de ação, 90-93
- Passar da mentalidade local, fechada em si mesma, à solidariedade Inspetorial e mundial (processo a ativar), 85
- A Inspetoria elabore um plano de solidariedade econômica, 89
- Desenvolver a cultura da solidariedade com os pobres no contexto local (linha de ação n. 13), 90-93
- Gestão responsável e solidária dos recursos (linha de ação n. 14), 94-97
- O Reitor-Mor com seu Conselho ajude as Inspetorias a crescerem no empenho em favor da justiça social, 93
- O Reitor-Mor com seu Conselho solicite uma concreta solidariedade de recursos e pessoal entre as Inspetorias e Regiões, 97

Testemunho

- Testemunho como primeira proposta vocacional: chamado de Deus, 52; situação, 56; linha de ação, 61-64
- O Salesiano empenhe-se no testemunho de uma vida alegre (como proposta vocacional), 62
- A Comunidade faça anualmente um escrutínio sobre o próprio testemunho de vida, 63
- A Inspetoria promova entre os Irmãos um forte sentido de pertença para testemunhar o valor do viver e trabalhar juntos, 64
- Testemunho pessoal e comunitário de pobreza evangélica: chamado de Deus, 79; situação, 82; linha de ação, 86-89
- O Salesiano dê testemunho da pobreza evangélica com o desapego interior, com o trabalho assíduo e sacrificado, com a temperança desejada por Dom Bosco, 87
- A Comunidade faça anualmente o *scrutinium paupertatis* em vista de um testemunho mais crível, 88

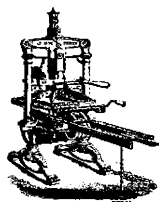
Vocação(ções)

- Necessidade de convocar, 52-78
- Testemunho como primeira proposta vocacional: chamado de Deus, 52; situação, 56; linha de ação, 61-64
- Vocações ao empenho apostólico: chamado de Deus, 53; situação, 57; linha de ação, 65-68

- Testemunhar a beleza de uma vida consagrada entregue totalmente a Deus na missão juvenil (linha de ação n. 8): pelo Salesiano, 62; pela Comunidade, 63
- Animação vocacional como coroamento da Pastoral Juvenil (processo a ativar), 60
- A Comunidade elabore uma proposta de animação vocacional, envolvendo a Comunidade educativo-pastoral e a Família Salesiana, 60. 67; valorize os recursos apostólicos e vocacionais do associacionismo, do voluntariado e da animação missionária, 67
- A Comunidade apresente a figura do Salesiano cooperador como proposta de vocação apostólica laical, 67
- A Inspetoria elabore no projeto educativo-pastoral Inspetorial uma proposta de animação vocacional, 68
- Promover novas formas de acompanhamento vocacional e de aspirantado, 69. 72. 73
- Colaborar na promoção vocacional com os grupos da Família Salesiana, da Igreja local e outros institutos de vida consagrada, 68; colaborar com os grupos consagrados da Família Salesiana para propostas vocacionais dirigidas também às jovens, 72
- A Inspetoria preveja propostas vocacionais específicas para os jovens imigrantes de famílias católicas ou de minorias étnicas e para os autóctones, 72

Vocação consagrada salesiana: duas formas complementares

- As duas formas da vocação consagrada salesiana: chamado de Deus, 55; situação, 59; linha de ação, 74-78
- Promover a complementaridade e a especificidade das duas formas da única vocação salesiana (linha de ação n. 11), 74-78
- A Comunidade acompanhe os Irmãos ordenados a marcar o próprio ministério segundo o carisma educativo, 76
- Assumir um empenho renovado pela vocação do Salesiano Coadjutor, 74. 76. 77
- Favorecer a presença de Salesianos Coadjutores nos papéis de animação em nível comunitário e Inspetorial, 76. 77
- A Inspetoria sustente a formação específica do Salesiano Coadjutor, 77
- O Reitor-Mor com seu Conselho promova uma reflexão atualizada sobre a complementaridade e especificidade das duas formas da vocação consagrada salesiana, 78
- Especial atenção à vocação do Salesiano Coadjutor, cf. *Carta do Santo Padre para o início do CG26*, p. 112



Esta obra foi composta pela divisão de
produção da Editora Salesiana e impressa na
gráfica das Escolas Profissionais Salesianas.